

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS — UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**  
**NÍVEL DOUTORADO**

**MARCELO VIANNA BATISTA**

**ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN**

**Porto Alegre**

**2023**

MARCELO VIANNA BATISTA

**ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design (área de concentração: Design Estratégico) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof. O Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer

Porto Alegre

2023

B333e Batista, Marcelo Vianna.  
Estratégias ativistas no design / por Marcelo Vianna  
Batista. – 2023.  
133 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto  
Alegre, RS, 2023.

“Orientador: Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer”.

1. Design. 2. Ativismo. 3. Estratégia. 4. Design  
estratégico. 5. Práticas experimentais. 6. Diplomacia.  
7. Humor. I. Título.

CDU: 7.05:316.42

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Finance Code 001.

Ao meu marido, Fernando, aos meus pais, Israel e Élide Zila e ao meu irmão,  
Maurício, agradeço o apoio, companheirismo e compreensão.  
Sem vocês, esta tese não existiria.  
Obrigado por tudo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Programa de Pós-Graduação em Design UNISINOS (PPG-Design UNISINOS), representado pelo quadro docente e setor de apoio, por ter me acolhido, orientado, oferecido ‘infinitas possibilidades’ no meu percurso. Não há palavras que descrevam a gratidão que sinto por cada um.

Agradeço em especial ao professor e orientador Prof. O Dr. Guilherme Englert Corrêa Meyer, por participar da minha jornada acadêmica para muito além da produção da tese. Juntos participamos de pesquisas, produzimos artigos, fizemos eventos científicos... Nestas situações, sempre se demonstrou atento e interessado no meu desenvolvimento como pesquisador.

Agradeço aos meus colegas de jornada, Ana Paula Silveira dos Santos, Roberta Rech Mandelli e Douglas Onzi Pastori. Que magnífica foi a oportunidade de conhecê-los e aprender a cada encontro sobre ‘coisas’ acadêmicas e, muitas vezes, nem tão acadêmicas assim (mas de igual valor). Que sigamos nesta troca, pela vida — mas mudando o nome do grupo “Ainda Doutorando” porque né... chega!

Também agradeço aos meus colegas bolsistas e a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) que não esmoreceram durante os 4 anos de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Mesmo frente aos desrespeitos à educação e a produção de conhecimento, a nossa atuação é fundamental nos programas aos quais nos vinculamos, mesmo quando desrespeitada. Estou partindo, mas sigo na luta pelo #REAJUSTEJÁ.

Também não posso deixar de fora Melissa Merino Lesnovski, minha irmã Latouriana, pelos incontáveis — e incansáveis — encontros onde discutimos sobre o ‘mundo, o universo e muito mais’, e por ser uma das pessoas mais incríveis que conheci nesse percurso. Tu sabes, para ti eu sou como o Magal: “me chama que eu vou!”. E à Márcia Regina Diehl, que um belo dia me olhou e disse “como pode um ativista não estar falando de ativismo”. Aqui estou, Márcia :)

Por fim, agradeço a todos os que cruzaram neste percurso e impactam nesta pesquisa, sejam de outras turmas de mestrado e doutorado, alunos de graduação e pós-graduação que mudam minha vida diariamente, a equipe de apoio da Unisinos, os computadores, as mesas, o pôr do sol e as árvores na EDU, enfim, agradeço a todos os atores envolvidos. Menos aos elevadores do prédio novo. Meus mais sinceros agradecimentos!

## RESUMO

A proposta da tese é compreender as estratégias ativistas no design, reconhecendo “ativismo” e “estratégias” como fronteiras do campo de conhecimento na área do design as quais promovemos avanços. Para isto, a tese se desenvolve em três movimentos metodológicos. No primeiro movimento, realizamos revisão de literatura, examinando a) produções científicas sobre Ativismo; b) Design Ativista, Design em que se reconhece características ativistas; e c) estratégias e Design Estratégico, desenvolvendo um marco teórico provisório sobre estratégias ativistas no design. No segundo movimento, realizamos a observação, experimentação e análise das estratégias ativistas no campo empírico em cinco práticas experimentais (Vozes pela Ciência, Afrodite Gorda, A Igreja do Empreendedorismo, Reddit x Bolsa de Valores e os cases “Tudo bem por aí?” e “Tela... Sala de Espera”). A cada prática, as escolhas de métodos qualitativos de produção de informação consideram as suas particularidades em que apresentamos, uma a uma, na forma de relatos que contemplam a) contextualização pertinente; b) esclarecimentos sobre as contingências dadas; c) descrição do evento observado nesta contingência; d) o que a situação revela sobre o agir ativista; e, por fim, e) o desenvolvimento de uma proposta de estratégias ativistas no design a partir da análise do que as práticas revelavam o que o foi posicionado no marco teórico. O terceiro movimento adota como método o seminário, levando as argumentações constituídas no primeiro e segundo movimento para debate e reflexão com a) autores brasileiros com produção científica sobre os temas Design e Ativismo e b) indivíduos brasileiros que utilizam o hashtag #designativista entre novembro e dezembro de 2022. Ao final, apresentamos uma retomada geral sobre o percurso destes quatro anos de produção evidenciando que o está em jogo quando falamos de ativismo no design e nosso argumento final acerca das estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor: as estratégias: são mais que um grito de “basta” e assumem “veja bem” que desacelera e promove outras visões sobre a situação ativista e causam “estrage”, mas sorratamente, às margens do confronto direto.

**Palavras-chave:** DESIGN, ATIVISMO, ESTRATÉGIA, DESIGN ESTRATÉGICO, PRÁTICAS EXPERIMENTAIS, DIPLOMACIA, HUMOR.

## ABSTRACT

The proposal of the thesis is to understand activist strategies in design, recognizing "activism" and "strategies" as boundaries of knowledge in the field of design that we seek to promote advances in. To achieve this, the thesis is developed in three methodological movements. In the first movement, we conducted a literature review examining a) scientific productions on Activism; b) Activist Design, design in which activist characteristics are recognized; and c) strategies and Strategic Design, developing a provisional theoretical framework on activist strategies in design. In the second movement, we conducted observation, experimentation, and analysis of activist strategies in the empirical field in five experimental practices (Voices for Science, *Afrodite Gorda*, The Church of Entrepreneurship, Reddit vs. Stock Market, and the cases "*Tudo bem por aí?*" and "*Tela... Sala de Espera*"), in which qualitative methods were chosen to consider the particularity of each experimental practice, adopting reporting as a way of providing in-depth presentation of the activist situations presented. One by one, the practices are presented with a) pertinent contextualization; b) clarifications about the given contingencies; c) description of the observed event in this contingency; d) what the situation reveals about activist action; and, finally, e) the development of a proposal for activist strategies in design based on the analysis of what the practices revealed, which was positioned in the theoretical framework. The third movement adopts the seminar method, bringing the arguments developed in the first and second movements about activist strategies in design for debate and reflection with a) Brazilian authors with scientific production on Design and Activism, and b) Brazilian individuals who use the hashtag #designativista between November and December 2022. At the end, we present a general overview of the course of these four years of production, highlighting what is at stake when we talk about activism in design, and our final argument about activist strategies in design with an emphasis on diplomacy and humor: these strategies are more than just screaming for 'STOP' and assume a 'well, let's see' that slows down and promotes other views on the activist situation, and cause 'damage', but in a surreptitious way, on the margins of direct confrontation

**Keywords:** DESIGN, ACTIVISM, STRATEGY, STRATEGIC DESIGN, EXPERIMENTAL PRACTICES, DIPLOMACY, HUMOR.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Representação visual do primeiro movimento metodológico.....	20
Figura 2. Representação visual do segundo movimento metodológico.....	21
Figura 3. Representação visual do terceiro movimento metodológico.....	24
Figura 4. Visão topográfica de termos recorrentes nos resumos das teses doutorais em Design no Brasil.....	38
Figura 5. Mapeamento de ações ativistas interessadas na reflexão acerca do capital social .....	41
Figura 6. <i>Framework</i> para orientar projetos de Design Urbano Ativista .....	42
Figura 7. Modelo para análise de protestos em eventos .....	43
Figura 8. Tipologia do ativismo inseridos em outros estudos do design .....	44
Figura 9. Modelo para Jornada de Inovação Social .....	47
Figura 10. Teddy Bear Blood Bag Radio.....	53
Figura 11. Trecho da carta de repúdio desenvolvida pelos participantes do Vozes pela Ciência .....	70
Figura 12. Captura de tela do <i>feed</i> do Instagram “GIFs educativos” .....	72
Figura 13. Captura de tela da página do Facebook “O brasileiro precisa ser estudado” .....	72
Figura 14. Captura de tela da postagem realizada na página do Facebook ‘Bolsistas CAPES’ usando a postagem feita no Twitter por Afrodite Gorda .....	74
Figura 15. Captura de tela do documento Excel desenvolvido pelo autor para navegar pelos comentários e realizar o agrupamento das reações.....	75
Figura 16. Os títulos das palestras no eixo Design do Innovation Weekend 2020 .....	80
Figura 17. Materiais de divulgação da palestra: o momento de experimentar o humor “com os primeiros russos”: o grupo que do eixo Design no Innovation Weekend 2020 .....	80
Figuras 18. Telas da apresentação realizada no Innovation Weekend traçando os paralelos entre religião (a) e empreendedorismo à brasileira (b).....	81
Figuras 19. Telas da apresentação realizada no Innovation Weekend com perguntas que colocam desestabilizam e provocam a audiência perguntando em que o uso de termos em inglês sobrepõe o uso de termos em português.....	82
Figura 20. Tela de apresentação realizada no Innovation Weekend que servia como suporte para explicitar o quão colonizados são culturalmente os empreendedores brasileiros.....	82

Figuras 21. Telas de apresentação realizada no Innovation Weekend com a nossa proposição argumentativa: o design à brasileira feito com ‘o que temos pra hoje’ .....	83
Figura 22. Captura de tela da página Investing.com em 29/01/2021: o mercado que se autorregula, <i>veja bem</i> , precisa da legislação para se proteger e regular suas práticas (e a mídia especializada, onde está? Ao seu lado) .....	87
Figuras 23. Capturas de tela do experimento “Tudo bem por aí?”: a postagem realizada (a) e a interação por comentários (b) .....	89
Figura 24. Capturas das telas da apresentação interativa elaboradas no experimento “Tela... Sala de Espera” .....	90
Figuras 25. Mensagens enviadas para pesquisadores (a) e mensagem enviada a ativistas cujos perfis descontraídos demandam outro tipo de aproximação (b).....	101
Figura 26. Postagem feita no Instagram usando <i>emojis</i> para manter os participantes no anonimato: nela, pode-se ver capturas de telas mostrando a apresentação utilizada nos dois seminários .....	105
Figuras 27. Imagens publicadas por P#4. À esquerda, imagem com argumento completo que gerou 580 curtidas e 18 comentários. À direita, mais direta e simplificada, gerou 3.204 curtidas e 133 comentários .....	109
Figuras 28. Ilustração que projetou o trabalho ativista de P#3 em painel de mídia externa (acima) e outdoor (abaixo): a linguagem foi considerada por ativistas ‘colorida demais’....	110
Figura 29. A linguagem característica de P#3: o murais abaixo adotam cores incomuns para representar a pele humana e traços sem gênero definido para advogar em prol da diversidade de gênero e raça.....	111
Figuras 30. Estratégias diferentes para intenções diferentes do ativismo: P#5 é reconhecido pelo seu trabalho elaborado em termos de traços e cores divulgando frases memoráveis de celebridades nacionais (à esq.), assim como a sua atuação no MidiaNinja com conteúdo mais agressivos (à dir.). Curiosidade: a imagem do povo <i>derrubando o mito</i> foi repostado por P#2, e comentada por ele no seminário em que participou.....	114
Figuras 31. Imagens do painel realizado no RIO2C a partir dos argumentos centrais da tese .....	125

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1. Objetivos .....	13
1.2. Seções.....	16
<b>2. MÉTODO</b> .....	<b>18</b>
2.1. Os movimentos metodológicos .....	19
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>25</b>
3.1. Ativismo .....	25
3.2. Design Ativista e o ativismo no design .....	36
3.2.1. Design Ativista.....	36
3.2.2. Outros designs e o ativismo .....	50
3.3. Posicionamento sobre estratégias .....	55
<b>4. ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN</b> .....	<b>61</b>
<b>5. PRÁTICAS EXPERIMENTAIS</b> .....	<b>67</b>
5.1. Vozes pela Ciência .....	67
5.2. Afrodite Gorda .....	73
5.3. A Igreja do Empreendedorismo .....	78
5.4. Reddit x Bolsa de Valores .....	84
5.5. “Tudo bem por aí?” e “Tela... Sala de Espera” .....	88
<b>6. REVISANDO O MARCO TEÓRICO A PARTIR DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS NAS PRÁTICAS EXPERIMENTAIS</b> .....	<b>92</b>
6.1. Sofisticação das estratégias ativistas pelo conceito de diplomacia .....	93
6.2. Sofisticação do conceito do humor para aprimorar as estratégias ativistas .....	95
<b>7. O SEMINÁRIOS COM ATIVISTAS</b> .....	<b>97</b>
7.1. Preparação.....	98
7.2. Desenvolvimento.....	102
7.3. Apreciação final.....	106
<b>8. ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN POR FIM... (POR ENQUANTO) .....</b>	<b>119</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quando se fala em ativismo, há um senso comum que nos transporta às mobilizações civis que paralisam ruas, bairros, por vezes nações, reivindicando algo. Este algo que se reivindica trata de uma multiplicidade de temas; os motivos que levam à mobilização são múltiplos. Entretanto, em uma breve observação de qualquer mobilização civil, conseguimos identificar um sentimento de cumplicidade entre aqueles que enfrentam dificuldades em comum. E, destas dificuldades em comum e o sentimento de cumplicidade entre os indivíduos, os ativistas são aqueles que se organizam em grupo e tomam algum tipo de ação para reivindicar mudanças. É um grito de “basta!”, clamando pelo fim das dificuldades que os assolam.

Encontramos, no Merriam-Webster Dictionary, a pauta comum do ativismo se forma em torno de temáticas controversas, em que ativistas se posicionam em extremos. O ativista, frente a alguma questão que o leva ao agir contundente, não será mais ou menos contra ou mais ou menos a favor da temática — ele se posicionará ou contra ou a favor, sem titubear. A literatura sobre ativismo nos tira dos extremos, permitindo avançar em esclarecimentos e particularizações sobre a processualidade ativista. Em Lane Eno (1920), entender ativismo está além das mobilizações civis e envolve qualquer atividade de entidades distintas entre si que, pela intensidade das suas ações, provocam algum tipo de mudança em sistemas estabelecidos. Em Jordan (2002), ativismo é definido como ação coletiva que demanda o abandono da subjetivação ou, em Machado (2007), ativismo é uma rede de conexões identitárias. Nessa breve contextualização teórica, identificamos que o ativismo envolve mais que adotar a posição extrema representada por “nós contra eles”.

Entre os recursos do ativismo, expedientes gráficos visuais são frequentemente utilizados. Cartazes, pôsteres, faixas, placas, frases de efeito e hashtags dão a visualidade necessária para representar aquilo que a ação ativista precisa comunicar. Assim como diversas áreas, o design tem se ocupado em avançar sobre a temática do ativismo, entretanto, a maioria das pesquisas no Brasil e no mundo dedicam-se à visualidade e ao que comunica.

São destas reflexões iniciais acerca da processualidade envolvida na ação ativista e a atuação do design no ativismo que esta tese emerge.

A proposição com a qual iniciamos esta jornada é de que o design deveria ocupar-se do ativismo para além de atribuições tecnicistas relacionadas à produção de artefatos (fiscalidade) ou formalização de processos de projeto orientados a produção de algo (materialidade) que serve a resolução de um problema. Propomos, logo de início, que o Design se dispa da sua pretensa imagem de salvador do mundo, da figura do Prometeu<sup>1</sup> que promete (com a licença da redundância) a solução de problemas do mundo com seus artefatos.

Para sustentar esta proposição inicial de questionamento ao que o design se ocupa no ativismo, partimos de uma definição de Design Estratégico que “[...] requer a eliminação da postura da Autoridade do designer” (MEYER, 2019, p. 428) porque projetar envolve lidar com a obscuridade e incompletude, em que há uma “incompreensão relacionada à escuridão que sempre envolve o reino estratégico [...]” (MEYER, 2019, p. 428). Diante esta destituição de autoridade e a compreensão da obscuridade, incompletude e incompreensão do que a estratégia representa à ação projetual, o Design Estratégico ao qual nos referimos assume lidar com situações problemáticas por reconhecer que projetar é algo que “[...] não se sabe, e não se busca “domar” na forma de um problema o que se quer saber” (BATISTA, 2017, p. 9), em que sua atuação requer “[...] organizar evidências que, de alguma forma, habilitam avançar projetualmente” (BATISTA, 2017, p. 9). Por esta assepsia de estratégia e problema, reconhecemos como designers estratégicos a falibilidade do projeto, acolhendo àquilo que não opera na centralidade, o incomum e o impreciso como parte da ação projetual, assumindo a experimentação como modo de dar forma ao que se origina dessa precariedade — seja um produto, um serviço, um processo, ou nada disso, algo que nem sabemos ainda, pois as estratégias [...] se desenrolam frente

---

<sup>1</sup> Prometeu, na mitologia grega, é um artesão que, com seu irmão Epitomeu, é responsável pela criação dos animais e pessoas. Após dedicada atenção à criação dos animais, dando-lhes as melhores qualidades (força, velocidade, visão aguçada, etc.) pouco sobrou para o homem. Por isso, Prometeu precisou roubar o fogo dos Deuses para entregar aos homens dando-lhes, desta forma, algo preciosíssimo: a inteligência. Emblemático para o Design, a figura do Prometeu foi utilizada por Latour (2014) ao falar em um evento de Design na Cornualha e por Manzini e Cullars (1992) em um artigo. Apesar das vertentes epistemológicas distintas, é curioso que ambos os autores recorrem ao mito, entendendo o design como um Prometeu pela responsabilidade de construção e reconstrução do mundo. Enquanto Latour fala que o designer é um Prometeu cauteloso, que cuidadosamente “rouba” o fogo do Olimpo (relacionando a preocupação constante do designer com o ato de projetar e as implicações daquilo que projeta e modifica o mundo), Manzini diz que o designer é o Prometeu do dia a dia, preocupado com questões que parecem irrelevantes e mundanas, e justamente isto relaciona-se com o todo, tornando-se relevante e parte de um coletivo maior.

àquilo que a situação apresenta, inviabilizando uma constituição apriorística da ação a ser tomada.” (MEYER *et. al.*, 2020, p. 37).

Por esta definição inicial de Design Estratégico confrontamos o papel que cabe ao designer no ativismo. Reconhecemos que contribuir com a produção de artefatos é importante, mas consideramos insuficiente para dar conta das situações que demandam um agir ativista.

Lidaremos na fundamentação teórica com esta reflexão inicial: o excesso de atenção à produção de artefatos do Design Ativista na literatura específica delibera atores e atua em extratos de realidade claramente definidos, voltando a uma discussão do design (e do designer) que faz produtos e serviços, como apresentarem em Markussen, 2013 ou Fassi *et. al.*, 2013. Também, na fundamentação teórica, levantamos a possibilidade de que o ativismo do design não se restringe ao Design Ativista, reconhecendo que o agir ativista está em outros designs. Entendemos que a discussão proposta pelos estudos Design Ativista se mantém alinhada ao que o termo ativismo significa em diversas áreas de estudo, mas a suspeita que levantamos nesta tese é que outros *designs* precisam compor a compreensão sobre estratégias ativistas. Recorrer a outros designs pode trazer qualidades e requisitos outros ao design sobre ativismo no design em consonância com a nossa perspectiva de Design Estratégico.

Fundamentados nestas problematizações, avançamos nos objetivos da tese.

## **1.1. Objetivos**

Esta tese trata do ativismo como um conceito-chave às estratégias de design, reconhecendo “ativismo” e “estratégias” como fronteiras do campo de conhecimento ao qual a tese propõe contribuir na área do design.

**Como objetivo geral, a tese explora práticas ativistas, apresentar suas estratégias e o que isto implicaria em uma argumentação sobre o ativismo no design.**

Distinguir “Design Ativista” do ativismo do design é fundamental para esta tarefa por dois motivos:

- O primeiro, ocupado em sistematizar uma ocupação do Design nas práticas ativistas, delimita sua ação aos expedientes gráfico visuais e/ou a constituição de *frameworks* e modelos de ação, em etapas que garantiriam um resultado “ativista”. Disto, o Design Ativista se instituiu como uma marca que chancela o que é e o que não é design ativista pela técnica e pelas visualidades. Perseguir por este caminho incorre em produzir um conhecimento contextualizado em visualidades do design (o cartaz, o hashtag), tratando o ativismo como mais uma ferramenta para seu “*tool kit*”;
- O segundo, que vamos propor aqui, parte da problematização da técnica do Design Ativista™ e volta-se a práticas ativistas corriqueiras e precárias, em um percurso que procura por mobilizações sociais em torno de pautas comuns dos excluídos, suas reivindicações e o quê delas se revela como estratégia. Prosseguir por este caminho leva a um mal-estar sobre “o que o design tem a ver com isso”, mas este desconforto nos auxilia nas reflexões sobre estratégias que não estão diretamente relacionadas ao Design Ativista, o que consideramos profícuo para o argumento. Em um campo empírico situado, precário e fugidio, afeito a contextualizações, percorremos o que se revela das práticas ativistas, produzindo informações sobre suas estratégias para repensar o Design que se propõe ativista.

#### **Os Objetivos específicos envolvem:**

- Desenvolver um marco teórico provisório sobre estratégias ativistas no design a partir de fundamentação teórica, recorrendo ao a) ativismo em áreas de conhecimento das humanidades, b) design ativista c) designs em que se reconhecem características ativistas e d) estratégia e design estratégico;
- Observar, analisar, experimentar (quanto pertinente) e evidenciar as estratégias de práticas ativistas (campo empírico), em práticas reconhecíveis como ativistas a partir do marco teórico provisório, produzindo uma argumentação sobre as estratégias ativistas no design;
- Apresentar a argumentação sobre estratégias ativistas no design para pesquisadores e ativistas, promovendo a reflexão e o debate para uma apreciação final dos argumentos desenvolvidos.

**Do ponto de vista de método, os objetivos específicos se desenrolam em três movimentos:**

- O primeiro movimento adota como método a revisão de literatura. O mergulho nos estudos sobre Ativismo, Design Ativista, Design em que se reconhece características ativistas, estratégias e Design Estratégico produz, por si só, um marco teórico provisório sobre estratégias ativistas do design que tornam reconhecíveis as práticas que a tese se ocupará (campo empírico) e suas problematizações;
- O segundo movimento envolve observar, experimentar, analisar e evidenciar as estratégias de práticas ativistas diversas, adotando métodos que a situação demanda. Neste movimento, a consistência e robustez metodológica está em a) declaração do método adotado para produção de informações em cada prática ativista [i.e. *‘em Vozes pela Ciência adota-se o método de observação participante de Angrosino (2009)’*, *‘em Igreja do Empreendedorismo adota-se o método de prática experimental em Design Estratégico de Meyer et. al. (2020)’*] e b) descrição aprofundada das situações ativistas escolhidas apresentando, uma a uma, a contextualização sócio-histórica, esclarecimentos sobre as contingências dadas, a descrição do evento observado nesta contingência, o que a situação revela sobre o agir ativista e como isto impacta na argumentação;
- O terceiro movimento visa avançar as argumentações constituídas no primeiro e segundo movimento, adotando como método o seminário de Severino (1993).

Cabe esclarecer que as distinções entre os movimentos servem para o leitor entender como a tese avançará, não sendo recomendável assumi-los como etapas ou parâmetros de execução. Por exemplo, o próprio marco teórico do primeiro movimento pode ser compreendido como uma prática experimental, uma vez que argumentos constituídos foram apresentados e debatidos em 6 eventos científicos de design entre 2020 e 2022.

Também cabe esclarecimentos a respeito do campo empírico. A tese não se dá em uma circunspeção de campo empírico específico, podendo, no máximo, ser circunscrita como “aquilo que caracteriza o ativismo” a partir do marco teórico provisório. Por exemplo, trataremos ao longo desta tese sobre grupos de bolsistas,



práticas em sala de aula, bolsa de valores e o que mais permitir observar e analisar práticas ativistas.

## **1.2. Seções**

Na seção 2, apresentamos o método adotado para a realização da tese.

Na seção 3, dividida em seis subseções, apresentamos o primeiro movimento: tornar reconhecível e posicionar os conceitos-chave de Ativismo. Em 3.1, evidenciamos como o termo Ativismo é definido em outras áreas de conhecimento, evidenciando, pela articulação entre os autores, quais pressupostos acerca do ativismo são relevantes para as inquietações que temos frente ao tema com críticas e contrapontos a partir da nossa perspectiva no Design Estratégico. Em 3.2, apresentamos os estudos do Design em que reconhecemos qualidades do ativismo pelos pressupostos levantados em 3.1, sejam que reconhecem ou se autodenominam como “Design Ativista” diretamente (subseção 3.2.1.) sejam aqueles em que reconhecemos o ativismo no design indiretamente, a partir de outros Designs que carregam requisitos ativistas (subseção 3.2.2.). Em 3.3, apresentamos perspectivas teóricas sobre estratégia no design e em outras áreas de conhecimento para compor a posição da tese frente ao uso do termo.

Na seção 4, estabelecemos o marco teórico provisório relativo às estratégias ativistas no design.

Na seção 5, apresentamos as práticas ativistas Vozes pela Ciência (subseção 5.1), Afrodite Gorda (subseção 5.2), A Igreja do Empreendedorismo (subseção 5.3), Reddit x Bolsa de Valores e (subseção 5.4) os cases “Tudo bem por aí?” e “Tela... Sala de Espera” (subseção 5.5).

Separamos a discussão sobre as práticas ativistas em uma seção à parte (seção 6) visto que, a partir de suas evidências, realizamos a modificação nos argumentos estabelecidos no marco teórico acerca das estratégias ativistas no Design e produzimos uma nova revisão de literatura e articulação teórica. Em 6.1, apresentamos a sofisticação das estratégias ativistas no design pelo conceito de diplomacia, adotando como a acepção do termo a proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers. Em 6.2, apresentamos a sofisticação das estratégias ativistas no

design pelo conceito de humor, recorrendo à literatura do ativismo político e design especulativo.

Na seção 7, subdividida em três seções, apresentamos como os argumentos estabelecidos acerca das estratégias do ativismo no design com ênfase na diplomacia e no humor foram recebidas por ativistas em 2 seminários. Em 7.1, descrevemos a preparação do seminário, detalhando o processo de recrutamento e os recortes territorial, temporal e os perfis abordados. Em 7.2, apresentamos o desenvolvimento do seminário, com descrição do formato dos encontros, as etapas ocorridas e os recursos adotados. Em 7.3, realizamos a apreciação final do seminário. Adotando como formato um relato com citações diretas, articulamos os argumentos estabelecidos acerca das estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor com as reflexões ocorridas entre os participantes sobre os argumentos relativos às estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor.

Por fim, na seção 8, realizamos uma retomada geral sobre o percurso destes quatro anos de produção científica, evidenciando que o está em jogo quando falamos de ativismo no design e nosso argumento final acerca das estratégias ativistas no design. Partindo da compreensão que a ação política como uma característica ativista presente no design independente de se autoneamar ativista ou não, recorreremos à experimentação evidenciada em outras práticas de design para compreender aspectos da estratégia ativista como a intenção de mudança que acolhe o que está às margens, sem perder a habilidade de dialogar com as diferenças. Para isto, as estratégias que propomos ao ativismo no design são mais que um “basta” e assumem “*veja bem*” e “*estrago*” feito sorrateiramente, às margens do confronto direto. Respondendo aos objetivos da tese e respeitando os contingenciamentos necessários, encerramos a tese apontando para a diplomacia e ao humor, em sentidos não excludentes entre si. Pela diplomacia, a estratégia ativista é um exercício de recolhimento de informações, ponderação e moderação que promove o “*veja bem*” e desacelera as questões que demandam do design a atuação ativista, promove outras visões sobre a situação e aprimora as estratégias de ação a cada nova atuação. Pelo humor, a estratégia ativista reconhece a importância de o design ser menos sisudo ao tratar pautas ativistas, adotando estratégias afeitas ao “*estrago*” que, ao invés de confrontar diretamente, são sorrateiras e adotam recursos que correm as margens da pauta ativista.

Antes de iniciar esta leitura, gostaríamos de destacar um aspecto formal: as notas de rodapé evidenciam um estilo de escrita que promove o que é deixado às margens como algo que interessa. As margens interessam, e devem ser vistas como pequenos espaços de fuga que complementam a leitura principal, ampliam colocações sintetizadas pela formalidade da escrita ou até, em certos momentos, servem como pontos de observação, provocações ou convites ao leitor. Recebem-nas com carinho.

## 2. MÉTODO

Optamos por iniciar o percurso desta tese pela apresentação do método ao invés da fundamentação teórica, como é corriqueiro. A escolha se justifica pois queremos dar a devida importância ao trabalho teórico desenvolvido. Nesta tese a fundamentação teórica é o primeiro movimento em que desenvolvemos as primeiras reflexões aprofundadas sobre a nossa temática, e dela alcançamos um marco teórico robusto, cientificamente válido e condizente com o que um doutorado acadêmico – em que pese, produzindo material suficiente para produção de conhecimento e avanços à área ao qual nos propomos como o objetivo.

Entretanto, como a perspectiva dos autores desta tese compreende que a produção de conhecimento faz parte de um [...] ‘contexto social<sup>2</sup> em permanente transformação’ (Law (1989, p.12), constituir avanços apenas pela revisão de literatura não é suficiente: a produção de conhecimento participa do mundo social, sendo moldados por ele e, simultaneamente, dando-lhe forma.

O método, nesta perspectiva, precisa ser mais que uma reflexão teórica ou lançar-se no campo empírico com métodos pré-definidos e simétricos, aplicados em diferentes campos buscando uma validação comparável entre eles: o método é um conjunto instrumental de operações definidos no embate da situação. A partir das práticas que nos debruçamos sobre, acolhemos as operações que acontecem na própria prática, adotando métodos de produção de informações que as práticas *nos dizem como fazer*. Ou seja, a produção de informações responde ao campo empírico, e não o contrário, dizendo a ele como ele será observado e entendido. Neste sentido, acatamos a natureza conflituosa da situação e assumimos que os métodos são definidos nela, e não para ela.

A relevância de adotar esta leitura sobre método encontra nos estudos da Ciência, Sociedade e Tecnologia (ECTS) acolhimento. Os ECTS oferecem uma alternativa de escape às ciências Normais<sup>3</sup> de colonização do conhecimento,

---

<sup>2</sup> Analisando a etimologia da palavra social, Latour (2005, p.6) afirma que seu significado é SEGUIR: ‘o latim *socius* denota uma companhia, uma associação’. *Socius* não está relacionado ao humano, mas sim as associações e a movimentação gerada nas dinâmicas sociotécnicas, sendo o social um [...] tipo de associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúnem as novas formas’ (LATOURE, 2005, p. 65).

<sup>3</sup> Na ciência, que agora podemos chamar de pré-normal, quase todos os praticantes eram amadores. Podiam debater acaloradamente todos os aspectos do trabalho, dos dados à metodologia, mas, em

convidando-nos a uma nova ‘política epistemológica’. Esta política gera ao pesquisador a assunção de que seu papel é descrever ‘o agenciamento de todos os seres que uma cultura particular liga em conjunto com formas de vida prática’ (LATOURETTE, 2005, p. 121), examinado aquilo que emerge ‘a partir das observações das relações estabelecidas entre atores heterogêneos e como se transformam’ (LAW, 1992). Esta implosão das “origens” dos agenciamentos que a simetria proporciona atacar não envolve apenas a retidão epistemológica, mas também teorias e modelos. Construtos abstratos sucumbem frente às emergências da situação e impossibilitam a fidelização a um paradigma e epistemologia, sendo ‘guias ruins de como o conhecimento científico se faz’ e não são nada além de ‘jeitos de distrair a atenção de um mundo que efetivamente faz ciência’ (HARAWAY, 1988, p. 575–576).

## 2.1. Os movimentos metodológicos

Trataremos o percurso metodológico particular da tese como movimentos, posicionando a pesquisa como um modo de tornar reconhecíveis estratégias do ativismo do design pela relação indissociável entre o marco teórico e as práticas experimentais.

Apesar da natureza empírica indutiva da tese, os movimentos são abducativos. Parisi (2012) posiciona abdução como o processo de invenção de hipóteses formuladas interrogativamente, levando a um método de investigar que não pode ser domado pela teoria *a priori*, nem pela verificação *a posteriori*, devido a “imprevisível natureza dos fatos, pensamentos e experiências” (p. 234). Na circunscrição desta tese e de aspectos formais acadêmicos que não nos cabem refutar (por agora), acatamos a linearidade como forma de apresentação da nossa pesquisa, mas afirmamos que os movimentos não se encerram em etapas, mas modificam reciprocamente conforme avançamos na pesquisa.

---

geral, não havia grupo interno de peritos profissionais em conflito com um grupo externo de críticos. Na ciência Normal, os leigos foram efetivamente excluídos do diálogo. Só tinham a chance de serem escutados numa situação “pré-revolucionária”, tal como Kuhn a definiu, quando o paradigma dominante (cognitivo e social) não se mostrava mais capaz de produzir resultados que lembrassem quebra-cabeças sendo solucionados de maneira estável e progressiva. Na ciência pós-normal ainda se distinguem leigos e especialistas com base na perícia certificada e, socialmente, na ocupação profissional. Mas como os especialistas são frequentemente incapazes de fornecer soluções conclusivas para os problemas complexos que enfrentam, os leigos conseguem forçar seu reingresso no diálogo.’ (RAVETZ, 1999, p. 228)

Posto isso, apresentamos os movimentos metodológicos realizados nesta tese. O **primeiro movimento** (fig.1) refere-se a fundamentação teórica, apresentado nas seções 3 e na seção 4. Na seção 3, examinamos a literatura que trata de Ativismo com um panorama das produções científicas que ora surgem em bases dados, ora aparecem em referências cruzadas entre as produções. Em bases de dados, usamos o Google Acadêmico buscando por “ativismo” e “ativismo + ÁREA“, posteriormente nos dedicando à leitura dos autores indicados como de maior relevância nestas áreas. Examinamos a) produções sobre ativismo ou com parte dedicada a definição do termo ativismo na filosofia, sociologia, ciências políticas, ciências ambientais e ciências sociais, em que a escolha das áreas não é exaustiva; b) produções sobre Design Ativista e ativismo do design, apresentando os autores do design que denominam seu design como ‘Design Ativista’ e autores do design que, mesmo não se nominando ativistas, reconhecemos em seus estudos qualidades ativistas e c) produções com perspectivas teóricas sobre estratégia no design e em outras áreas de conhecimento para compor a posição da tese com relação ao Design Estratégico. O compromisso final deste primeiro movimento é estabelecer um marco teórico provisório sobre estratégias ativistas no design, permitindo a tese avançar para o seu segundo movimento. Na seção 4 retomamos o primeiro movimento, avançando os argumentos estabelecidos no marco teórico provisório.

Figura 1. Representação visual do primeiro movimento metodológico



Fonte: Autor.

O **segundo movimento** (fig. 2) refere-se ao campo empírico. Tomando forma pelos relatos das práticas ativistas diversas e distintas entre si, o objetivo deste movimento é descrever as estratégias que emergem da observação e análise, ou da observação, análise e experimentação em cada prática. Relaciona-se aos objetivos de observar e analisar práticas ativistas (campo empírico) e experimentar em práticas de design estratégias ativistas.

Assumindo a particularidade de cada prática ativista (campo), métodos qualitativos distintos (i.e., observação participante, análise de conteúdo, estudo de caso) são utilizados para explorar as ações de ativistas fazendo ativismo. No relato, evidenciam-se os recursos usados (de todos os tipos, desde a apresentação para um evento, um post no Facebook, uma *survey online*, até um argumento) e destacam-se as estratégias ativistas adotadas na situação. Dada a precariedade e a pluralidade dos espaços, não nos ocupamos na sistematização e comparação entre eles, por entender que tal percurso é incapaz de oferecer maleabilidade suficiente para lidar com uma variedade de situações: cada prática ativista é entendida como única e cada uma delas demandará estratégias metodológicas distintas.

Figura 2. Representação visual do segundo movimento metodológico



Fonte: Autor.

Daqui por diante, convidamos o leitor a entender o campo empírico e as práticas ativistas como PRÁTICAS EXPERIMENTAIS, por entender que todos os campos empíricos apresentados são experimentais mesmo quando não há o uso de recurso tangíveis de intervenção no campo, como a realização de uma survey no google forms ou o desenvolvimento de uma apresentação em powerpoint. Há um nível meta experimental relacionado a própria postura metodológica pautada por uma estratégia provisional, em que a imersão na prática em si revela como agir e impulsionam desdobramentos alternativos, incertos e desprendidos de definições prévias (MEYER *et. al.*, 2020). Neste sentido, o que fornece consistência e robustez aos argumentos desenvolvidos no segundo movimento metodológico é a) declaração do método adotado para produção de informações em cada prática ativista [i.e. *'em Vozes pela Ciência adota-se o método de observação participante de Angrosino (2009)'*, *'em Igreja do Empreendedorismo adota-se o método de prática experimental em Design Estratégico de Meyer et. al. (2020)'*] e b) o relato detalhado de cada prática pela sua contextualização sócio-histórica, esclarecimentos sobre as contingências dadas, a descrição do evento observado nesta contingência, o que a situação revela sobre as estratégias, como isto impacta na argumentação sobre ativismo e sobre design e como tal argumentação, vinda da precariedade, afeta as argumentações previamente estabelecidas pela tese.

Ou seja, as nossas Práticas Experimentais podem ser compreendidas de duas formas. Primeiro, como a descrição do que observamos no campo e das informações que coletamos para articular a discussão sobre as estratégias ativistas. Nessa abordagem, estamos analisando e documentando as práticas ativistas. Segundo, as Práticas Experimentais também podem ser entendidas como uma forma de intervenção, motivada pelas oportunidades que o campo oferece. Nesse caso, estamos nos envolvendo ativamente para alcançar as estratégias ativistas em uma prática específica. Essa intervenção é necessária devido às demandas da situação em que nos encontramos.

É a partir da natureza conflituosa da situação que surgem as questões de interesse que orientam nossa investigação e, conseqüentemente, as considerações que podemos fazer e os conhecimentos que podemos produzir a partir dela. Em vez de acreditarmos na importância de noções pré-concebidas sobre a natureza dos ativistas e do ativismo em si, é por meio do confronto nestas Práticas Experimentais



que compreendemos quais formas (descrição ou intervenção) e quais métodos (estudo de caso, survey online...) adotamos, e como nos aproximamos de tópicos de pesquisa relevantes em cada situação. É nesse embate que encontramos clareza sobre quais perguntas devemos explorar e como abordar aspectos de investigação importantes em cada campo empírico alcançando, ao contingenciados o final do segundo movimento metodológico, argumentos sobre estratégias ativistas do design que ampliam o marco teórico provisório produzido no primeiro movimento.

O **terceiro movimento** (fig. 3) refere-se a apresentação e o debate com especialistas dos argumentos sobre estratégias ativistas no design desenvolvidos no primeiro e segundo movimento metodológico. Adotando o método de seminário em Severino (1993), definimos como recorte territorial todo o território nacional, como recorte temporal o período imediatamente após o segundo turno das eleições presidenciais (novembro e dezembro de 2022) e, como perfis recrutados, a) autores brasileiros com produção sobre os temas Design e ativismo identificados ao longo da pesquisa e conhecidos em eventos científicos, e b) indivíduos ou grupos sem fins lucrativos que utilizam o #designativista no recorte temporal. A esquematização dos seminários recorre a uma introdução realizada por aquele que propõe a temática com clareza, coerência e propriedade sobre o tema, abrindo a um momento de reflexão que demanda dos participantes a análise rigorosa do material pela articulação da compreensão do conteúdo central apresentado e posição em perspectiva crítica sobre a temática.

Figura 3. Representação visual do terceiro movimento metodológico



Fonte: Autor.

Em síntese, a proposição metodológica nesta tese explora modos em que o ativismo se evidencia em práticas precárias possíveis de serem identificáveis como ativistas pelo primeiro movimento. Disto, seguimos os rastros das informações que se produzem nesta observação ou experimentação do segundo movimento, avançando os argumentos constituídos no primeiro movimento. Por fim, os avanços nos argumentos são levados a ativistas para reflexão e debate, nos auxiliando a desenvolver nosso argumento final acerca das estratégias ativistas no design.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Ativismo

De acordo com Merriam-Webster, o termo ativismo tem origem etimológica no alemão *Aktivismus*, sendo ‘*aktiv*’ traduzido como ATIVO e ‘*ismus*’ traduzido com sufixo ISMO<sup>4</sup>. O dicionário define ativismo como “uma doutrina ou prática que enfatiza a ação vigorosa direta, especialmente em apoio ou oposição a um lado de uma questão controversa”.

Se seguirmos pela ênfase nas qualidades expressas para esta ação ativista (vigorosa, direta, em apoio ou oposição), entendemos o ativismo como algo assertivo que requer clareza quanto às questões que lhe ocupam, mesmo que haja controvérsia envolvida. Melhor dizendo, o ativismo denota uma objetividade em que a escolha de lados é certa e, dali em diante, a ação é tática e clara. Em uma narrativa comprometida com lados, esta definição faz jus ao senso comum de um ativismo de marchas pelas ruas segurando slogans de campanha provocativos, gritos e a violência, em uma linguagem estética mergulhada no Internacional situacionismo<sup>5</sup>

Esta definição sugere que o ativismo seja algo pouco afeito ao diálogo, desinteressado de ampliações a possibilidades outras, em que apoiando ou opondo-se, abandona nuances em prol da assertividade, obscurecendo as controvérsias e transformando-o em um agir tático.

Em “Activism, an essay in philosophy”, Henry Lane Eno (1920) ocupa-se em posicionar o ativismo como uma teoria da ação. Partindo da classificação do universo

---

<sup>4</sup> Cabe apresentar as definições complementares sobre Ativo, para fins de esclarecimento: “1: caracterizado pela ação e não pela contemplação ou especulação; 2: produzir ou envolver ação ou movimento; 3.a.: uma forma ou voz do verbo: afirmar que a pessoa ou coisa representada pelo sujeito gramatical executa a ação representada pelo verbo e 3. b.: expressar ação como distinta da mera existência ou estado verbos ativos; 4: rápido no movimento físico: VIVAZ; 5: marcado por atividade vigorosa: OCUPADO; 6: exigindo ação ou esforço vigorosos; 7: operação ou resultados práticos: EFICAZ; 8.a.: disposto à ação: ENERGÉTICO. 8.b.: envolvido em uma ação ou atividade (...) 9: envolvidos no serviço de tempo integral, especialmente nas forças armadas; 10: marcado pela operação, transação, movimento ou uso atual; 11.a.: capaz de agir ou reagir: reagir prontamente, 11.b: tendendo a progredir ou causar degeneração d (1): exigindo gasto de energia e (2): funcionando pela emissão de energia (...).

<sup>5</sup> A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento internacional de cunho político e artístico em que um dos principais referenciais é o livro “A Sociedade do Espetáculo” de Guy Debord. Em síntese, os situacionistas pregam a arte como uma ação revolucionária — e caso não se ocupe disso, não é arte. Uma radicalidade nada profícua ao nosso entendimento sobre o tema, mas que merece menção no rodapé.

em entidades, relações e processos, o autor postula que estas coisas<sup>6</sup> aparentemente diversas entre si são possuidoras de pelo menos uma propriedade em comum: o poder de “fazer diferença”. Neste sentido, fenômenos vitais, átomos e elétrons, consciência existem e relacionam-se entre pela diferença que causam uns nos outros. Para o autor, esta atividade de “fazer a diferença” é classificada de acordo com sua intensidade, sendo a intensidade resultado de quatro medidas componentes em qualquer atividade (quantidade, alcance, persistência e exclusão) em que o grau do fazer a diferença está no poder de uma coisa influenciar e modificar outras coisas.

A teoria apresentada ao longo do livro de Lane Eno não determina a forma exata de concatenação das influências e modificações das *coisas*, mas indica os princípios gerais do ativismo como a atividade em que se mensura como *coisas* diferentes entre conseguem modificarem umas às outras e se modificarem (LANE ENO, 1920).

O ativismo particular na teorização de Lane Eno entra em colisão com a assertividade tática que obscurece as controvérsias, sustentando nossa primeira crítica. A leitura de modificação e fazer diferença aproximam Lane Eno e o que se define no Merriam-Webster, no entanto, distanciam-se pelo que significa fazer a diferença. Em Lane Eno (1920), fazer a diferença não enfatiza a oposição e tomada de partidos, nem se interessa obscurecer controvérsias em prol da assertividade. Indo no sentido oposto, o autor reconhece que a diferença é atividade reconhecível pela intensidade das mudanças, e que isto é comum a todas as coisas.

Adentrando a área da sociologia, Herbert Blumer (1939; 1951) propôs o conceito de comportamento coletivo para discutir ativismo e movimentos sociais. Valendo-se da discussão de comportamento coletivo, Blumer diferencia o ativismo de outras formas de atividade humana coletivas pela intensidade da relação entre os indivíduos. Esse coletivo ativista surge em torno de uma preocupação comum com questões consideradas problemáticas por indivíduos, compartilhadas com outros

---

<sup>6</sup> As coisas de Lane Eno encontram interpretações nas discussões contemporâneas de autores como Latour (2005) e no design, Ehn (2008), entre outros autores. Estas coisas, de naturezas diversas, relacionam-se e modificam-se. Os autores, numa proximidade com Lane-Eno na década de 20, retomam a etimologia em inglês da palavra “*Thing*” como “agregação”, um amontoado de relações e questões de interesse entre coisas para além de hierarquizações definidas por aspectos formais e materiais (LATOURE, 2005). Nisto, Coisas (com C maiúsculo) corriqueiras como uma xícara ou um grampo de cabelo formam uma rede sociotécnica com os humanos onde o que importa o que se dá em relação com, sem extraí-las das relações humanas ou torná-las hierarquicamente inferiores aos humanos.

indivíduos, tornam-se robustas. Entretanto, a própria formação do coletivo que quer mudança modifica-se e, neste processo de transformação, estreita os vínculos daqueles que se modificam com o coletivo, caracterizando movimentos sociais.

Machado (2007) se ocupa de esclarecer movimentos sociais, e recorreremos a ele para ampliar a proposição de Blumer (1939; 1951). Segundo Machado (2007), movimentos sociais se referem às formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, visando definir e orientar as formas de atuação social. Ocupando-se de processos frequentemente não-institucionais de pressão, as mobilizações sociais procuram mudar a ordem social existente, ou parte dela, influenciando os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos sociais ou, em última instância, decisões institucionais de governos e organismos referentes à definição de políticas públicas.

Machado (2007) acrescenta que um erro comum na abordagem dos movimentos sociais é a interpretação baseada nas estruturas sociais de classes e seus antagonismos, tratando-se pouco da questão das identidades, valores e da importância dos mecanismos e dinâmicas do sistema político. Ou seja, há mais do agir ativista do que encerrar-se numa dicotomia nós e eles, em que há vilões (i.e., a economia, o consumo) e mocinhos (i.e., aqueles à margem). Se na virada do século os movimentos sociais eram vistos como fenômeno social relacionado a atuações criminosas de saqueadores e desordeiros (Atkinson, 2017), a visão contemporânea entende estes movimentos como mobilização social voltada à formação de coletivos, sendo que estes coletivos se agrupam, a fim de construir um entendimento alternativo sobre questões que lhes preocupam e causam desconfortos, buscando por mudanças. Estabelecendo uma relação com nossa leitura prévia de Lane Eno (1920), é reconhecível a mudança pela intensidade — permanecendo a mudança como algo que é condição ao ativismo.

A tentativa de qualificação das mudanças é algo que nos leva a seguir em Joshua D. Atkinson, sociólogo contemporâneo. Com o perdão do salto temporal (mas contando com a generosidade e o interesse pela brevidade do leitor) chegamos a 2017, ano de lançamento do livro “Journey into Social Activism” (2017). O sociólogo percorre por múltiplas pesquisas ativistas publicadas em meios distintos (acadêmicas ou não) e propõe tratar do ativismo como “a colaboração de pessoas para defender

uma posição, fomentar conflitos na sociedade, ou violar, ou transgredir leis e normas na sociedade”.

Em última instância, a mudança da qual o ativismo se ocupa é qualificada pela intensidade, entendível quanto o autor afirma que para mudar é preciso tensão em defender alguma posição, além de instigar conflitos, violar e transgredir leis. Entretanto, ao tratar que isto ocorre em colaboração, Atkinson (2017) nos oferece um vislumbre de um ativismo que se faz junto e que dialoga. Num vocativo popular, é um “*veja bem*”, junto ao grito de “Basta”, pois desta desaceleração consegue mobilizar em torno de causas que interessam aos ativistas.

Avançando para o campo das ciências jurídicas e políticas, o ativismo assume outra faceta: o bem comum. O bem comum no ativismo é a razão das mudanças.

Em Barroso (2009), ativismo no âmbito judiciário assume o papel de intérprete da Constituição Federal e se caracteriza pela proatividade e expansividade daquilo que é posto como norma ou regra, buscando ir além do processo legislativo ordinário. Ou seja, ativismo judiciário é um mecanismo para contornar o processo político majoritário quando ele se mostra inerte, emperrado ou incapaz de produzir consenso, buscando de fora das Constituições aquilo que auxiliará a torná-la mais eficaz para a promoção do bem comum.

Esse mecanismo do ativismo judiciário difere-se do processo de judicialização e sua postura escolástica de constituição de regramento social, por ser atento aos clamores que emergem do povo e das situações cotidianas. Nisso, a discussão sobre ativismo judicial representa um modo de participação mais ampla do povo, mas também coloca o Judiciário mais próximo da concretização dos valores e fins constitucionais interferindo no espaço de atuação dos poderes executivo e legislativo.

O ativismo, nesse sentido, é parte do mecanismo jurídico-político tanto quanto as legislações e regras, e engendram-se em um processo prioritariamente interessado no bem comum, cuja atividade é orientada pela modificação de políticas públicas.

A orientação do ativismo pela produção de consenso em Barroso (2009) aproxima-se da leitura do Merriam-Webster e, neste ponto, estabelecemos uma crítica a este consenso a partir de Lane Eno (1920), Blumer (1939, 1951) e Atkinson (2017). O ativismo judiciário de Barroso (2009) está interessado em estabelecer uma ordem, expressa pela modificação constitucional e a definição de políticas públicas — e por

mais que este ativismo aconteça a partir de processos frequentemente não-institucionais de pressão e seja interessado em mudança, quer estabelecer uma nova ordem que, ao se estabelecer, gerará novas exclusões por ser incapaz de atender a todos os clamores.

Assim como nas ciências jurídicas e políticas, encontramos nas ciências ambientais discussões sobre um ativismo cujo interesse de modificação é pautado pela modificação constitucional de políticas

Conde (2014), cientista ambiental, propõe uma Ciência de Mobilização Ativista (MAS)<sup>7</sup>, em que cidadãos leigos, comunidades e organizações de bases locais, imersas em conflitos socioambientais, envolvem-se com cientistas profissionais para entender os impactos que projetos poluidores causam ao meio ambiente e a si próprios. Como resultado, o MAS coproduz um conhecimento partilhável entre saberes distintos, oferecendo aos leigos, comunidades e organizações locais visibilidade, legitimidade e informações sobre como se proteger dos impactos na prática e aos cientistas a efetividade perdida em discursos normativos distantes da realidade vivida pelas comunidades. Com base nesse ativismo prático do MAS proposto Conde (2014), uma nova possibilidade de interpretação do ativismo emerge: o ativismo envolve um processo de diálogo entre saberes distintos.

Apesar de demarcarmos o diálogo entre saberes distintos em Conde (2014) e já termos percorrido outras características do ativismo nas áreas da filosofia, sociologia e ciências jurídicas, faz-se necessário abrir outras frentes de leitura em áreas correlatas ao design, como a comunicação social. Em um artigo sobre as conexões entre ativismo e diálogo, Shiv Ganesh e Heather Zoller (2012) descrevem três orientações para o diálogo no ativismo: colaboração, cooptação e agonismo.

O ativismo, orientado pela colaboração, promove uma perspectiva crítica ao diálogo que se posiciona pela cooptação. Isto é, mesmo enquanto forma que deve ser reconhecível no ativismo, a cooptação trata de questões de poder sobre o conflito e tende a interpretar a abertura como uma forma de consenso que consideramos problemático para a leitura do ativismo no design, assim como apontamos ao apresentar os autores das ciências jurídicas (Barroso, 2009; Conde, 2014)

---

<sup>7</sup> Em inglês, MAS (Mobilizing Activism Science). Usaremos o acrônimo, MAS daqui por diante

Tal perspectiva crítica do ativismo do consenso, orientado ao estabelecimento de um bem comum, encontra em Ganesh e Zoller (2012) suporte e permite avançar a crítica que estabelecemos previamente ao obscurecimento de controvérsias e de táticas em prol da assertividade. As autoras criticam as táticas ativistas que promovem unidade, posicionando ativismo como um princípio com ênfase na perturbação pela contestação. A comunicação ativista, neste sentido, não se ocuparia em dizer o que é o bem comum, mas sim assegurar, pela perturbação e contestação, a insustentabilidade de um bem comum. Este ativismo de Ganesh e Zoller (2012) difere em essência do ativismo estabelecido em Barroso (2009) e Conde (2014) ao promover a pluralidade, expresso pelo termo agonismo.

A perspectiva agonística em Mouffe (2005) é um princípio de ação que representa uma processualidade afeita à pluralidade, em que o termo agonismo descreve um processo político que se abre às coexistências de múltiplas realidades. Convivendo lado a lado, realidades controversas se expressam em visões de mundo distintas que se aceitam no dissenso, escapando à lógica simplificadora e normativa que tentadoramente os persegue negociá-los até atingirem um consenso<sup>8</sup>. Partindo da compreensão que mundos distintos que existem e coexistem, espaços agonísticos habilitam a oposição e as diferenças incomensuráveis entre questões coletivas, ao invés de perseguir um processo de negociação e convencimento para atingirem consenso ou recorrer a instrumentos jurídico--políticos para aplainar controvérsias. O encontro nas questões coletivas e a formação do próprio coletivo é arena de embate entre visões distintas e questões conflitantes que, em última instância, precisam conviver na oposição. Retomamos o diálogo entre saberes distintos proposto por Conde (2014) potencializando-o pela perspectiva agonística de Mouffe (2005), argumentando que a qualidade deste diálogo ativista está em fomentar o embate e o acolhimento entre esses saberes distintos, sem intenção de aplainá-los em uma única posição.

---

<sup>8</sup> A proposição de um modelo político agonístico de Mouffe é realizada na obra “O paradoxo democrático”, de 2000. Surge da crítica aos modelos vigentes de constituição de políticas democráticas contemporâneas baseadas na deliberação e na agregação. Aos deliberacionistas, Mouffe (2000) critica a visão de igualdade em que há eliminação das relações de poder nas decisões políticas, como se este princípio de tomada de decisão em coletivo fosse suficiente para que todos tenham voz nas decisões. Já a crítica aos modelos agregativos está na preocupação de tais modelos com a racionalidade instrumental e a promoção do auto interesse. Em ambos os modelos, a falha apontada pela autora é a impossibilidade da eliminação do poder, uma vez que este fundamenta a própria dimensão ontológica do agir político.



Retomamos Machado (2007), pois além da discussão relacionada a movimentos sociais, seus estudos nos permitem entender o ativismo com uma rede de conexões identitárias. Partindo de uma descrição sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, Machado (2007) explana sobre o ativismo em rede. Ativismo em rede é uma representação das formas tomadas pelos movimentos sociais na contemporaneidade a partir dos processos sociais mediados<sup>9</sup>. Nessa realidade informacional e midiática, o ativismo contemporâneo pulveriza-se e permite encontrar causas hiper específicas, em que a conexão entre ativistas acontece pela coalizão, enlaçamento ou agregação de grupos identitários segundo a geografia das comunidades culturais, linguísticas ou a identificação e compartilhamento de certos valores<sup>10</sup>.

Ainda, no âmbito do ativismo em rede, Machado (2007) afirma que a anonimidade de um confronto físico se torna um espaço profícuo para as conexões identitárias serem intensas. Quer dizer, além do ativismo em rede permitir a profusão

---

<sup>9</sup> Os processos de mediação compreendem teorias acerca da mídia como uma matriz configuradora de sentidos. Mata (1999), marcando os processos de pensamento mediados pelas tecnologias digitais. A Comunicação passa a ocupar lugar estratégico no pensamento digital pois, assim como a industrialização e a urbanização mudaram o ritmo e as características da vida no século XIX, as linguagens midiáticas têm alterado decisivamente os modos de vida atuais, no qual nossas experiências são cada vez mais permeadas por relações comunicacionais que, em determinado momento, são perpassadas pela mídia, promovendo assim novas formas de interação social: as esferas da vida social e individual se organizam em função da lógica midiática (FAUSTO NETO, 2015), caracterizando um modo de pensar pautado pela digitalização do mundo. Esta conjuntura da tecnologia digital é distinta a um momento anterior em que a mídia era entendida como intermediadora das informações na sociedade, externa a ela. Hoje, as tecnologias digitais e as mídias ocupam um papel principal na produção de conhecimento e na forma que pensamos o mundo, ao ponto de nos confundirmos entre o que é analógico e digital.

<sup>10</sup> Conceitualmente Machado (2007) organiza o ativismo em rede em três fatores fundamentais (a interdependência entre os atores políticos e sociais, o descontrole e o empoderamento dos agentes sociais e econômicos) que apontam para 1) Interdependência e interconexão reativa difusa e indefinida no que se refere à relação do governo local com o “governo global”; 2) Zonas cinzas de descontrole em que corporações econômicas impõe grandes desafios às democracias e movimentos sociais, resultando no surgimento de práticas e reações bem diversas e à sombra do Estado; 3) O empoderamento das agências sociais, em que a sociedade da informação dispõe de ferramentas que acirram a competição elas, em que uma grande parte das decisões que afetam a vida das pessoas são tomadas em espaços juridicamente não definidos, nos quais a opinião pública e as maiorias nacionais têm uma influência mínima. Enquanto características destes movimentos sociais que dão forma ao conceito de ativismo em rede, o autor aponta 1) proliferação e ramificação dos coletivos sociais, gerando sinergia de estratégias entre organizações civis e coletivos sociais pela facilidade de acesso e reconhecimento a partir da 2) horizontalidade e flexibilidade oportunizada pelas redes digitais que apontam para uma 3) tendência coalizacional em torno de interesses comuns e com base na infraestrutura de comunicação propiciada pela Internet expressos por 4) Existência dinâmica ou segundo objetivos ou fatos; 5) Minimalismo organizacional material, 6) Universalismo e particularismo das causas; 7) Grande poder de articulação e eficiência; 8) Estratégias deslocalizadas de ideologias compartilhadas; 9) Multiplicidade de identidades / circulação de militantes e 10) Identidade difusa dos sujeitos sociais, onde o anonimato e a multiplicidade de identidades potencializam as formas de ativismo.

de pautas pela facilitação da tecnologia, um aspecto fundamental do ativismo em rede é estar à sombra dos mecanismos jurídico-políticos pelo anonimato, possibilitando uma ação ativista mais radical (Machado, 2007).

Esta atuação em “áreas de sombra”, que dificultam estabelecer jurisdições e responsabilidades no ativismo judiciário, são o principal meio de ação ativista na contemporaneidade. No livro "Activism! Direct Action, Hacktivism and the Future of Society", Jordan (2002) posiciona o conceito de hacktivismismo como a forma que os indivíduos encontram para, em rede, atuar radicalmente nesta área de sombra. Segundo o autor, a ação de *hackear* em si é ativista por perturbar o que é estabelecido como padrão. No florescimento da *world wide web*, em meados nos anos 90, “*hack*” representava na linguagem de programação usos inovadores da tecnologia, em que códigos-fonte desenhados com uma função específica e uma ação previsível eram alterados pelos programadores, buscando por novas funções e ações que gerassem outras ações e, conseqüentemente, causasse alguma modificação no que se chama *front-end* (aquilo que o usuário vê na sua tela).

Neste contexto, empregamos o termo *hacker* nesta tese para abranger todos os novos usos possíveis da tecnologia, nos afastando da leitura distorcida que associa hackers a criminosos por violações de privacidade, por considerarmos errônea a interpretação que relaciona a ação *hacker* à criminalidade. Em acordo com Jordan (2002), o sentido de hacker é relevante para o ativismo, por envolver a irrupção desorganizada de políticas ciberespaciais na comunidade de hackers, entendo que o neologismo hacktivismismo nos instrumentaliza para abordar o ativismo digital como uma motivação política fundamental no tecido social contemporâneo.

Diversos tipos de hacktivistas atuam nos códigos-fonte que compõem a infraestrutura socioeconômica do século XXI, transgredindo os fluxos de informação para criar formas de protesto e gerar uma nova política de informação ativista. Por isso, consideramos o hacktivismismo um modo contemporâneo de ativismo que transformou significativamente a ação ativista, aumentando exponencialmente o número de indivíduos ativistas ao acolher como ativistas aqueles que não participariam de ações ativistas que transcorrem na fisicalidade (i.e. manifestações nas ruas). Nesse contexto, o hacktivismismo é um modo contemporâneo do ativismo com um alcance gigantesco, estabelece a própria tecnologia como uma política de abertura ao marginal que antes estava às sombras.

O termo marginal demanda esclarecimentos, principalmente ao buscarmos qualidades sobre o ativismo que construam para a elaboração de uma posição sobre o ativismo que contribua para a discussão sobre o ativismo no design.

De acordo com Leigh-Star e Griesemer (1989), o termo marginal trata dos limites entre mundos sociais distintos e quais articulações são performadas nestes limites, fazendo com que estes limites se esmaeam. Enquanto agentes, sejam eles humanos ou mais que humanos, as autoras apontam que a estratégia adotada pelos marginais é a de tradução de suas identidades para alcançar pontos de passagem e, a partir dessa ultrapassagem dos limites, buscam se posicionar como vozes a serem ouvidas pela sua diferença. Melhor dizendo, agentes marginais estão nos limites dos mundos sociais pois são postos de lado daquilo que é central, e justamente nesta condição de estar nos limites consegue fazer parte de mundos distintos em situações distintas.

O marginal também ocupa a pauta de Atton (2002, p. 67–68) ao aprofundar uma reflexão sobre mídias alternativas a partir de Zines. Para o autor, tais mídias servem como um marcador indicador do indivíduo em resistência ao *status quo* ou estruturas de poder dominantes, que o zine “(...) apresenta a declaração de um indivíduo e a construção de sua identidade e convida outras pessoas a se engajarem em um diálogo sobre essa identidade. Incorporando sua própria história, experiência e opiniões numa publicação (embora publicada desordenadamente) está se autorizando a falar, validando sua vida, fazendo a voz pública de alguém — pelo menos as partes de uma voz que de outra forma não seria ouvida.”

Esta política de informação ativista, posicionada por Jordan (2002) como motivação política, relaciona o ativismo a pautas sociais com o faz Barroso (2009) e Machado (2007): ativismo é sobre o embate contra políticas de governança que se estabelecem como dominantes na formação do social. Em Jordan (2002), pela perturbação e desestabilização do fluxo de informação, a política ativista é a política marginal que transgride e “sai das sombras”, dando voz aos que de outra forma não seriam ouvidos (Atton, 2002), usando os avanços informacionais e os processos midiáticos como possibilidade de conexões identitárias em causas diferentes.

Assim como vimos em Lane Eno (1920), Blumer (1939, 1951) e Atkinson (2017), encontramos em Jordan (2002) e Atton (2002) o reconhecimento do ativismo como uma atividade motivada por mudanças em que a intensidade da mudança

ocorre pela transgressão e desestabiliza que perturba. Voltando a Jordan (2002), a relação do ativismo e na arte deixa de lado a subjetivação dos artistas, tratando de temas coletivos. Reconhecendo “solidariedade e transgressão, coletivo e ação” como “pares do ativismo” (2002, p. 12), postula que o coletivo deseja transformar-se, recorrendo à qualidade transgressora da arte para modificar, pela intensidade, o estado das coisas<sup>11</sup>.

Nesse movimento, a arte ativista surge do resultado de um conjunto comum de interações e motivações do coletivo que prevalece sobre o indivíduo, movida por fazer a diferença frente a questões que concernem o coletivo, e usando como recurso a transgressão em detrimento da expressão, um possível diálogo com Blumer (1939, 1951), principalmente, porque entende o indivíduo e coletivo de forma granular, em que pela intensidade da mudança que o indivíduo se modifica e modifica o coletivo.

Ainda no campo das artes, Mesquita (2008) complementa Jordan (2002) ao particularizar a arte ativista como ação transgressora que expressa um coletivo interessado em modificar o estado das coisas. Desenvolvendo um argumento pela observação das práticas de artistas que se denominam ativistas, postula que os artistas-ativistas (termo cunhado pelo autor) preferem o uso de táticas sobre a estratégia, optando em algumas situações por uma “[...] informalidade estética e performativa (linguagem e corpo)” (p. 20).

Essa preferência pelas táticas, como aponta Mesquita (2008), nos encaminha novamente às críticas que fizemos ao senso comum e ao agir ativista do “nós contra eles”, que opera em táticas em prol da assertividade. Caso não tenha ficado claro até

---

<sup>11</sup> Em “qual o status do *status quo*”, Buchanan (2004) aponta que o conceito, que na língua latina significa “o estado das coisas”, tornou-se recorrente nas discussões da economia a partir do século XX como um vetor de simplificação de dinâmicas sociais em prol da constituição bem comum. O argumento central do autor repousa em entender o *status quo* não como vetor de simplificação, mas como um vetor multidimensional. Isto implica seguir a emergência de muitos e interdependentes processos de escolhas efetuadas em dimensões distintas, por vezes opostas. Neste percurso, o conceito de *status quo* retornaria uma unificação formal, um lugar seguro onde a constituição de um bem comum permite ao social lidar com as incertezas e crises, mas assumiria o aspecto deliberativo. O afastamento das dinâmicas sociais é a principal falha apontada pelo autor. Aquilo que o torna *status quo*, algo “auto evidente e monolítico”, é uma simplificação que se engendra por si só em que “(...) perspectivas de vantagens mútuas e “trocas” genuínas sejam contornadas e esquecidas”. Quer dizer, como vetor de simplificação, o *status quo* opera dinâmicas sociais, mas afasta-se delas quando opera a constituição de regras em que excluem o que não interessaria a um bem comum, falando em prol de um bem comum asséptico e idealizado. A preocupação em lidar com incertezas e crises por uma unificação formal são reveladores: *status quo* lida com a tentativa de um estado de permanência — ou Melhor Estado com letra maiúscula, estabelecendo por regras uma leitura de política vinculada ao ato de governar e ser governados.

aqui, é o argumento que vem se constituindo da literatura ativista nos posiciona contra a adoção do senso comum e a operação majoritariamente tática, cabe esclarecer o que o termo militância.

Embora os significados de militância e ativismo sejam emparelhados pelo senso comum, na prática, as duas atividades assumem acepções diferentes. Assim, militância e ativismo não devem ser tomados como significando o mesmo. Sales *et. al.* (2018) define militância via uma extensa revisão de literatura como um método de produção de ações coletivas. Seu objetivo é intervir, ou interferir, nas normas sociais vigentes, privilegiando a organização de estruturas oficiais como partidos, diretórios, centrais sindicais e afins. O modo de funcionamento da militância é marcado pela disciplina, comprometimento e obediência a uma causa em que “[...] organizar, planejar, e orientar os diversos combates (campanhas e operações), tendo em conta uma visão conjunta de todas as forças com as quais se conta, incluindo as das forças inimigas, para atingir um objetivo fixado: ganhar a guerra contra determinados adversários” (pg. 13) é seu modo de agir.

Para Sales *et. al.* (2018), o ativismo posiciona-se em outro lugar, ocupando-se de produzir alternativas às táticas organizativas da militância, prezando por relações horizontalizadas. Também opera em redes descentralizadas e autônomas, reconhecendo a pluralidade dos interesses de seus atores e conseqüentemente reinventando os repertórios de ação e de protesto — ou seja, uma leitura próxima a que estamos constituindo acerca das estratégias ativistas.

Avançando em Tironi (2018), encontramos nas suas definições sobre o ativismo minoritário ecos do ativismo que preza pela horizontalização, descentralização e autonomia de Sales *et. al.* (2018) cuja ação é marginal, que “sai das sombras” (Atton, 2002) por estar fora da centralidade e operar nos limites, posicionando-se como vozes a serem ouvidas. Afirma que “ativismo minoritário é um compromisso ético-político no domínio do afetivo e do doméstico” (p. 18), Tironi (2018) parte de uma pesquisa etnográfica em uma região precária econômica e ambientalmente na região de Puchuncaví, no Chile, para observar como as pessoas pobres, analfabetas e marginalizadas executam uma miríade de truques e interferências rotineiras que permitem interromper, mesmo que minimamente, a trajetória de danos industriais. Para o autor, o ativismo especula sobre as políticas de

cuidado que emergem em cenários devastados, mesmo que isto tenha um impacto mínimo no coletivo.

Definindo estas políticas de cuidado que emergem dos cenários devastados como hipointervenções (i.e.: um vaso com flor na fábrica), Tironi (2018) afirma que o ativismo minoritário vai além de eloquências e dos grandiosos discursos e aglomerações com milhares de pessoas, de crítica e discussão com interesse em hiper, que promova a grande transformação do mundo. As hipointervenções são experimentações de novos mundos em frente ao sofrimento, devolvendo condições éticas e políticas a humanos e mais que humanos. Como em Mouffe (2005), o ativismo minoritário e suas hipointervenções fazem emergir questões muitas vezes invisíveis ou consideradas sem importância. Ainda, Tironi (2018) situando a política nas intersecções entre passividade e ação, enfrentamento e contestação, reclusão e mobilização, sentimento e conhecimento, problematiza “ativismo” de forma provocante, se opondo aos limites que circunscrevem o que é “ativismo” e como ele é interpretado em definições particulares e totalizantes do social e do público.

Esta leitura nos tira do encurralamento posto pelo senso comum que emparelha o ativismo com táticas, pois a astúcia para lidar com situações corriqueiras e despreziosas para gerar a mudança em um micro contexto, demanda estratégia para ser situada. Operando horizontal, descentralizado e autônomo neste micro contexto, aproximando a mudança do “*veja bem*” posicionamos anteriormente, mesmo quando transgressor. Por Sales *et. al.* (2018) sofisticamos a qualidade da mudança, nos ajudando a sustentar o “*veja bem*” da estratégia ativista, complementando a leitura de formação de coletivos (Blumer, 1939, 1951) que se interessam em modificar-se em colaboração (Atkinson, 2017) e diálogo, afeito a informalidade estética e a improvisação (Mesquita, 2008).

## **3.2. Design Ativista e o ativismo no design**

### **3.2.1. Design Ativista**

Design Ativista é definido pelo <http://designactivism.net> como “a representação da ideia de que design tem papel central em 1) promover mudanças sociais, seja 2) aumentando a atenção sobre valores e crenças (mudanças climáticas,

sustentabilidade, grupos excluídos, etc.) ou 3) questionando os limites da produção em massa e as lógicas do consumo no dia a dia das pessoas”. No chamado para a contribuições na Conferência Anual da Sociedade de História do Design de 2011 intitulada “Ativismo do design e mudança social”, escrita por Lees-Maffei e publicada em 2012 no periódico Design Issues, sugere-se que o ativismo do design deva “(...) se distanciar das abordagens comerciais ou convencionais de políticas públicas. Em vez disso, ela abrange marginal, sem fins lucrativos ou politicamente engajada (...) por articulações e ações.”

Não há dúvida que o Design Ativista é uma resposta a condições contemporâneas específicas de mudança geopolítica, condições sociais, práticas econômicas e desafios ambientais, e quaisquer regimes de exclusão — em sintonia com abordagens apresentadas na subseção anterior — mas suspeita-se que haja, no design, um aspecto não evidenciado antes: a autocrítica. Pela crítica a produção e as lógicas de consumo, o design ativista começa é crítico com a própria história do design:

“Por exemplo, o que distingue hoje o ativismo do design, em oposição à sua expressão no final dos anos 1960 e 1970, o período do modernismo pioneiro dos anos 1920 ou as intenções de William Morris? Existem ou houve diferentes qualidades do ativismo do design em diferentes locais, de acordo com várias questões, como escala, modo de intervenção, contextos de governança e assim por diante? Como os designers tentaram conciliar ambições em direção à mudança social com imperativos econômicos? O que deve ser aprendido nas histórias de design de países não ocidentais com respeito ao ativismo e mudança social?” (LEES-MAFFEI, 2011)

Se nesta tese tivéssemos a missão de responder a Lees-Maffei a pergunta sobre o que é feito em termos de pesquisa a respeito do ativismo e mudança social pelo Design aqui no Brasil, a resposta não seria animadora. Em um levantamento bibliométrico sobre teses doutorais em design, há um único trabalho entre os 428 defendidos no período de 2004 a 2019 que se dedica a discutir sobre design e ativismo. Em contrapartida, os termos com maior ocorrência são “usuário”, “usabilidade”, “produção”, “etapa” e “indústria” como a figura 4 ilustra. Isto expõe o quão distantes estamos de encarar a autocrítica promovida pelo ativismo no design nas nossas pesquisas.





predominantemente designers corporativos; em vez disso, ele anunciou os novos processos radicais de design participativo que ele havia desenvolvido ao trabalhar com designers finlandeses em Suomenlinna.

O principal objetivo de Papanek (1972) foi politizar a profissão de design por meio de ativismo ao desatrelar as práticas do design do design corporativo e convencional, embasando sua posição ao evidenciar o fracasso da indústria de design em se posicionar criticamente frente à crescente cultura do consumo do pós-guerra, sinalizando novos rumos a prática do design: fazer design precisaria ser uma ação política, em que o quinhão do design parte do pensamento crítico frente à insustentabilidade de todas as esferas (social, econômica, ambiental) causadas pelo próprio design, ao se assumir como um gerador de artefatos que responde quase que exclusivamente a demandas mercadológicas.

Percorrendo a literatura de design das práticas do norte<sup>12</sup>, percebemos haver uma quantidade maior de estudos sobre design e ativismo<sup>13</sup>, porém na maioria os autores se ocupam em caracterizar o que é um design ativista ou não, pouco atentos a compreender suas estratégias. Nesta seção, a tese se ocupa de apresentar os principais autores, definições e os modos de agir ativistas propostos que permitam uma reflexão nossa acerca de estratégias ativistas.

Fuad-Luke (2009), um dos autores de maior visibilidade do Design Ativista contemporâneo, compreende o design ativista com ação política, nos acompanhando menos à expiação da culpa. Políticas, para o autor, vão além da visão dos partidos políticos e suas respectivas filosofias e crenças, mas sim como políticas do dia a dia,

---

<sup>12</sup> Está, ao fundo desta tese, uma postura de crítica a colonização do conhecimento fortemente discutida por Boaventura dos Santos ou, no design, por Tony Fry. Propondo uma discussão na área do Design que escape de problemas recorrentes que posicionam Sul e Norte Global presente em discussões de(s)coloniais que persistem na picuinha territorial, o esforço de Fry (2017) reforçar ao Design a necessidade de assumirmos o Norte e o Sul metaforicamente, como dos Santos (2014), tornando essa questão central. Quando assumirmos que o design do sul e do norte são metáforas para problematizar a modernidade e o universalismo de tradições expressa pelo instrumentalismo técnico do design, saímos desta picuinha (BATISTA e MEYER, 2021)

<sup>13</sup> A pesquisa na base de dados EBSCOhost pelos termos DESIGN e ACTIVISM nos títulos e resumos gerou 380 buscas. Realizou-se então uma leitura dos resumos reduzindo o corte para 11 artigos. Além desta base, foram percorridas via Periódico CAPES os periódicos de design e periódicos direcionados a perspectiva sociotécnica, além do Google Acadêmico, para fins de triangulação. Com consequência, gerou-se no sistema Mendeley uma base extensa apresentada nesta subseção, compartilhada em <https://www.mendeley.com/reference-manager/library/collections/46b780e4-ec8d-43c5-9b1a-ce418f1e3eb8/all-references/>.

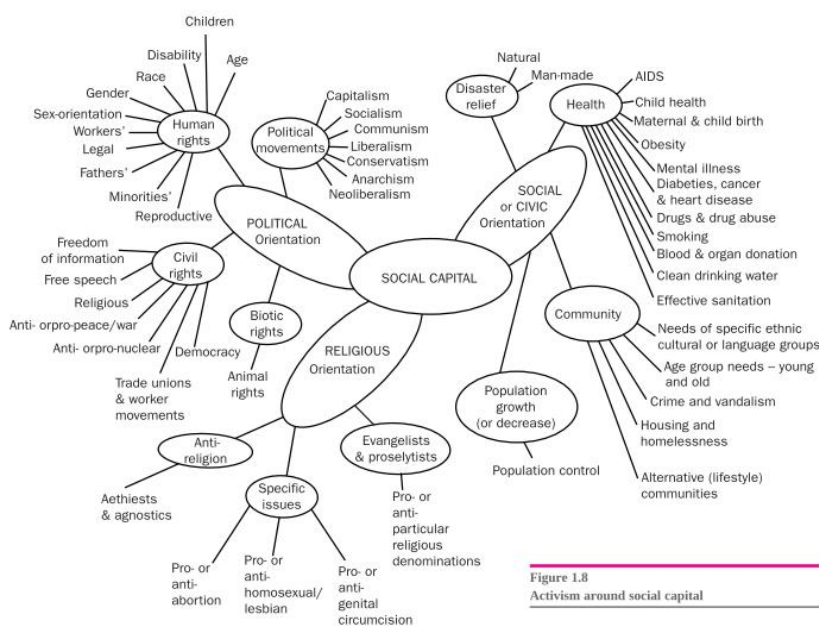
expressa pela pergunta “em que tipo de sociedade queremos viver?” (FUAD-LUKE, 2009, p. 18).

Propositivo, o autor afirma que ativismo é tomar partido em ações que catalisem, encorajem ou que evidenciem mudanças. O ativismo envolve posicionar-se pela mudança, numa relação direta com questões relativas à mudança que estabelecemos na seção 2.1.1, de interesse em fazer a diferença em algo (Lane Eno, 1920, Blumer, 1939, 1951; Atkinson, 2017).

Segundo na proposição do design ativista em Fuad-Luke (2009), se o agir design se ocupa em catalisar, encorajar ou evidenciar mudanças abre-se no design “modo de pensar, imaginar e praticar Design [...] por designers ou não-designers, criando contra narrativas direcionadas para desenvolver mudanças que equilibrem positivamente social, institucional, ambiental e economia” (pg. 86), em uma postura que não se interessa em posicionar o design como um projetista do bem comum, posiciona nas contranarrativas o design como ação criativa e experimental que especula, perseguindo equilíbrio e equidade de um mundo sustentável, podendo desta forma ser entendido como “ativista”.

Fuad-Luke (2009) ocupa-se em apresentar uma miríade de práticas de design reconhecíveis com ativista por promoverem algum tipo de mudança, organizando as causas que movem as práticas a partir de capitais naturais, humanos, sociais, culturais, financeiros, manufatureiro e de bens materiais. Destas práticas, identifica as contranarrativas adotadas em cada uma. Na figura 5, apresentamos o mapeamento do ativismo de fundo social dos quais o Design Ativista pode, pela experimentação de contranarrativas, promover mudanças.

Figura 5. Mapeamento de ações ativistas interessadas na reflexão acerca do capital social



Reconhecemos em Fuad-Luke (2009) a criação de contranarrativa como a estratégia do design ativista, promovendo uma reflexão pelo estranhamento que evidencia a urgência de um debate sobre sustentabilidade. Relembrando as noções de Anne-Marie Willis de que o design é sobre “pré-configuração e direcionalidade” (2006, p. 36), e observando a urgência do debate da sustentabilidade, sugere que devemos colocar mais atenção na pré-configuração agora para dar-lhe uma nova direcionalidade. Fazer uma escolha sobre o que pré-configurar significa trazer as decisões de design para uma arena social mais ampla, de democratizar o papel do design para uma gama mais ampla de tomadores de decisão que refletem melhor a sociedade na totalidade. Isso implica que o design precisa assumir um papel mais ativista em nome de um social que não se resolverá sobre a égide progressista, em clara polinização com o Design Participativo.

Markussen (2013), assim como Fuad-Luke (2009), também define o design ativista como interessado em promover mudanças sociais pela articulação de questões incapazes de serem resolvidas pelo designer em abordagens progressistas, porém centra seu olhar em artefatos que geram desconforto, assumindo um cruzamento profícuo com o Design Especulativo.

O autor afirma que mudanças sociais ocorrem na articulação de questões sobre valores e crenças que preocupam (i.e., sustentabilidade, mudanças climáticas,

equidade social, etc.), tocando na ferida de temas que são caros a uma discussão progressista (i.e., comportamento de consumo, e projeção de produtos e serviços e seus processos de comunicação e “venda” em massa). Para Markussen (2013), ativismo vai além de manifestos e declarações: “a ação de design não é um boicote, protesto, demonstração, ou outro ato político: centra sua força de resistência precisamente por um jeito design de intervir nas vidas das pessoas” (2013, p. 38), sendo que o “jeito design”, para o autor, é provocação com artefatos, propondo um *framework* para orientar práticas de projetos a partir de um projeto de intervenção urbana (fig. 6).

Figura 6. *Framework* para orientar projetos de Design Urbano Ativista



Fonte: Markussen (2013)

Reconhecemos neste framework uma proposição de estratégia ao design ativista que não diverge do arquétipo de processos de projeto. Envolvendo momentos orientados pela resolução de problemas pautados por análise (abertura), síntese (o que se compreende sobre) e avaliação (tomadas de decisão), guardando em si uma lógica moderna (NELSON e STOLTERMAN, 2014), no entanto as rupturas expressas pelo dissenso e contestação particularizam e trazem uma relação ao caráter de estranhamento as práticas do design como na contranarrativa de Fuad-Luke (2009)

Segundo o autor, este *framework* é um modo de conduzir processos de design ativista, sendo uma resposta a uma lacuna que o autor identifica no próprio design ativista: se o design ativista se ocupar apenas de práticas sociopolíticas, o design ativista não consegue dar conta do projetar e se perde do que é “fazer design”. Quer dizer, para Markussen (2013) é preciso que o Design, quando ativista, siga a tradição design de projetar materialidades — expressas por artefatos — e estas materialidades

devem operar como uma prática estética em prol de práticas sociopolíticas. O expediente do design de operar com os significados estéticos o habilita a resistência e, conseqüentemente, seria o jeito design de intervir no social e ser ativista.

Thorpe (2011) segue pelo mesmo caminho de Markussen (2013) pautando o Design Ativista pelos artefatos que produz. A autora se dedica a identificar movimentos sociais que se posicionam como ativistas pelo seu repertório de ações, constituindo um modelo chamado “análise de protestos em eventos” (fig. 7)

Figura 7. Modelo para análise de protestos em eventos

Table 1: applying the definition to example cases	
<p><b>Park(ing) Day:</b> REBAR's "pocket" parks in metered parking spaces  <b>Claim:</b> too much outdoor city space is dedicated to private cars  <b>On behalf of:</b> pedestrians, users without cars  <b>Disruption:</b> disrupts the use patterns of metered parking and introduces a range of alternative visions for productive, and meaningful use of street space.  <b>Reveal/frame:</b> reframes the metered parking space as "an inexpensive short-term lease for a plot of precious urban real estate" while also highlighting the spatial cost of cars.</p>	 <p>photo by Andrea Sure, courtesy of Rebar</p>
<p><b>Athletic head scarves for Muslim women that comply with hijab:</b> designed by Cindy van den Bremen when Dutch schools forced muslim girls to remove head scarves in gym class for safety reasons.  <b>Claim:</b> religions minorities have rights to follow their practices  <b>On behalf of:</b> Muslim women  <b>Disruption:</b> rather than taking the "pro" or "anti" stance of politicians and religious groups, the approach finds a previously unconsidered middle ground.  <b>Reveal/frame:</b> headscarves are not the problem.</p>	 <p>photo by Peter Stigter, courtesy of Capsters</p>
<p><b>Wayne Lyman Morse US Courthouse:</b> green but also</p>	

Fonte: Thorpe (2011)

Thorpe (2011) estrutura um método de análise que identifica as causas em nome de quem ou que a disrupção advoga e expõe quadros problemáticos dos movimentos sociais, Thorpe percorre 2000 casos de design, categorizando-os numa tipologia das ações. Entre os destaques, a autora aponta que a maioria das causas do design ativista eram centradas no humano (63%) ao invés de orientadas por causas da natureza (38%), e que isto revela que o design, mesmo quando ativista, segue uma tradição antropocêntrica.

É a partir desta constatação do quanto a tradição antropocêntrica influencia o design ativista que a autora avança uma crítica do ativismo atrelado à ação humana. Ora, se o ativismo se ocupa também de políticas sobre questões ambientais e o design se ocupa de materialidades que intervêm no mundo, a autora sugere que design

ativista deveria ter mais consciência do quanto mais que humanos (prédios ou objetos de design) agenciam as mudanças do *status quo*, influenciando esferas políticas que mudam opinião pública e promovem mudanças nas ações humanas.

Outra relevante contribuição da autora a esta tese é a categorização do ativismo enquanto uma prática presente em outros designs, apresentando uma tipologia de trabalho ativista e como se manifesta nestas outras práticas (fig. 8).

Figura 8. Tipologia do ativismo inseridos em outros estudos do design

Table 2: types of change (activist) work and design versions of this work		
type of activist work	common form of design work	example cases
<b>organizing:</b> developing the community's ability to bring about change	co-design and other participatory, self design processes	city hacking in parking space parks
<b>services:</b> providing facilities, training, professional services (eg legal advice)	humanitarian design services and structures	emergency/recovery shelter by groups like Architecture for Humanity
<b>advocacy:</b> working on behalf of others, often without their direct involvement	eco-design, advocating for nature, or responding to a cause-oriented ideas competition for a distant location	green building of the US Courthouse
<b>mobilization:</b> bringing together large numbers of participants for an action, without expectation of their further involvement	Designer use of conventional activist methods, design elements of conventional protest	Architecture 2030 teach-in, Designers Accord pledge
<b>solidarity:</b> engaging with cultural discourse to change the terms of debate	critical architecture and design	french fry voting ballot, Rem Koolhaas' Educatorium at the University of Utrecht

Fonte: Thorpe (2011)

A autora aponta para a presença do ativismo como algo presente em outros estudos de design, afirmando algo que concordamos: o design contemporâneo trata de mudanças e não escapa de um posicionamento político frente às diferenças de algos seja lá quais forem, em uma relação direta com Fuad-Luke (2009) e a leitura de sustentabilidade e a direcionalidade de Anne-Marie Willis (2006).

Entretanto, cabe reconhecermos nos tipos de trabalho ativista de Thorpe (2011) algo que qualificaria uma estratégia ativista. A organização e a mobilização de Thorpe (2011) dialogam com a formação de coletivos de Blumer (1939, 1951) e o diálogo e visibilidade às margens em prol de mudanças que constituímos na seção 2.1 (Jordan, 2002; Leigh-Star e Griesemer, 1997; Mouffe, 2005; Ganesh e Zoller, 2012) e se

encontra com as políticas do dia a dia de Fuad-Luke (2009), como um modo de formação de coletivo. Advogar por outros e solidariedade refletem a política ativista sensível de retirar das sombras questões de interesse como em Jordan (2002) e Atton (2002). O serviço conecta com a visão de Markussen (2013) e o posicionamento do ativismo no design pelos artefatos que produz.

No entanto, sentimos falta em Thorpe (2011) da intensidade sustentada por esta tese como requisito para enfrentar movimentos sociais, como explicitado na seção 2. Tal intensidade está presente nas estratégias que promovem o dissenso e contestação de Markussen (2013) e na proposta de atuação voltada a produção de contranarrativa de Fuad-Luke (2009)<sup>14</sup>.

Cabe a Julier (2013) ocupar-se do ativismo no design como uma mudança que vá além de dinâmicas que compõem o repertório de ação ou estruturas de *frameworks*. Partindo de seu amplo arcabouço teórico sobre Cultura Design, o autor posiciona a cultura design *enjaulada* em táticas modernas, mesmo quando pensa que não é, como no design ativista. O autor avança: o design, mesmo quando olha para aqueles que estão às margens, olha pelo vício progressista de cooptar e transformar as margens em *mainstream*. Para o autor, a cultura design enraizada nas políticas neoliberais<sup>15</sup> é o espaço ao qual o ativismo no design deve atuar, evitando ser um design que *produz* ativismo da mesma forma como projetaria um produto ou um serviço.

A estruturação dos movimentos que o autor propõe Design Ativista, capaz de modificar a cultura design neoliberal envolvem revelar ou enquadrar um problema, ou uma questão desafiadora, direcionando a atenção do projeto às mudanças que tratem de problemas ou questões que preocupam grupos renegados, excluídos ou em

---

<sup>14</sup> Uma possível leitura do porquê Thorpe (2011) segue por um caminho distinto dos demais autores está pela perspectiva da autora vir da arquitetura, uma área que se ocupa de lidar com projetos pautados pela permanência, com menor descartabilidade, mas não podemos afirmar isso. Logo, é só uma digressão de rodapé para manter o leitor curioso.

<sup>15</sup> O neoliberalismo é o modo de governar pautado pelo desenvolvimento econômico. Em poucas linhas, este modo de governar propõe que o bem-estar humano pode ser melhorado pelo princípio da liberdade da ação econômica caracterizada por direitos de propriedade sólidos, mercados livres e comércio livre. O papel do Estado é promover e proteger essas liberdades por meio da desregulamentação, privatização e redução dos benefícios de bem-estar social, onerosos aos cofres públicos. A responsabilidade individual é enfatizada, enquanto iniciativas comunitárias ou sociais, ou culturais administradas pelo Estado são desencorajadas. Talvez o mais importante, sob o neoliberalismo, seja compreendermos a economia neoliberal como “uma ética em si, capaz de atuar como um guia para toda ação humana e substituir todas as crenças éticas anteriormente sustentadas” (Harvey, 2007)

desvantagem, não os perdendo de vista. Além disso, a ação deve ser disruptiva nas práticas, postando-se em crítica a sistemas ou autoridades, caracterizando o design como sendo não-convencional e não-ortodoxo.

Entendemos aquilo que Julier (2013) evidencia nesta proposta de movimentos como um modo de agir que modificaria o próprio design provocando mudanças na sua cultura, caso contrário o design transformaria o ativismo em mais um dos seus produtos, iniciando um quadro problemático relevante.

Fassi *et. al.* (2013) evidenciam este perigo. Pelo emparelhamento do Design para Inovação Social do DESIS Lab<sup>16</sup> com o Design Ativista, partem de bases metodológicas da pesquisa-ação para desenvolver um modelo chamado 'Jornada de Inovação Social'.

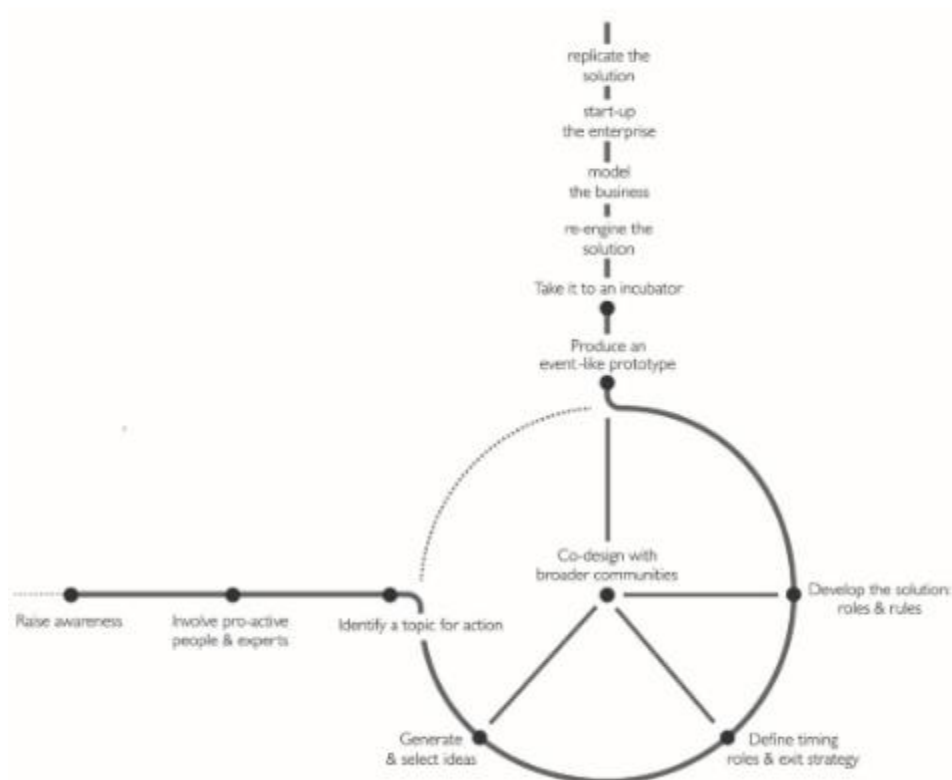
Este modelo, desenvolvido a partir das práticas experimentadas pelo DESIS Lab, propõe um formato de ação de design para inovação social estruturado em uma sequência não linear de etapas e ações. Os autores sugerem que tal modelo permite ao designer entender o tipo de ação a ser tomada perseguindo 1) Buscar potenciais inovações sociais; 2) Identificar tópicos de ação que oportunizem obter o interesse de uma comunidade existente / potencial de inovadores sociais e partes interessadas; 3) Envolver pessoas e especialistas proativos, defina uma visão e cenários; 4) Gerar e selecionar ideias que desenvolvam um primeiro conjunto de conceitos preliminares; 5) Definir tempo, funções e estratégias, criando um plano de ação para o projeto; 6) Promover o Co-design com comunidades mais amplas, fomentando o engajamento social; 7) Desenvolver uma solução, esclarecendo papéis e regras e definindo os relacionamentos entre as partes interessadas; 8) Produzir um protótipo do tipo evento a ser proposto, envolvendo a comunidade em testar a solução para criar o envolvimento funcional e emocional e atrair um público mais amplo e por fim 9) Levar o projeto para uma incubadora (após a fase de protótipo) evoluindo como um empreendimento estruturado ou como uma startup. (fig. 9)

---

<sup>16</sup> DESIS Lab é formado por diversos grupos de acadêmicos, pesquisadores e estudantes que orientam suas atividades de design e pesquisa para a inovação social. Eles operam em escala local com parceiros locais e, em colaboração com outros laboratórios DESIS, participam ativamente de projetos e programas em larga escala. Mais em <https://www.desisnetwork.org/labs/>



Figura 9. Modelo para Jornada de Inovação Social



Fonte: Fassi *et. al.* (2013)

Um dos principais argumentos de Fassi *et. al.* (2013) para o emparelhamento deste modelo com uma prática Ativista está no envolvimento progressivo da comunidade ajudando a configurar e prototipar uma inovação social em rede com pesquisadores que adotam uma abordagem estratégica e sistêmica do design. Tomando como referência este modelo, o design para inovação permite que pessoas, comunidades, empresas e organizações iniciem e gerenciem processos de inovação, co-projetando e implementando experimentos de novos serviços e soluções.

A partir da jornada para inovação social de Fassi *et. al.* (2013) o aspecto dialógico, interessado em traduzir os interesses de pessoas comuns e organizações, vai de encontro com o que se apresentou na subseção anterior — o emparelhamento com proposição de Conde (2014) sobre uma Ciência Mobilizadora Ativista que aproxime, e não distancie os interessados em causas é evidente. No entanto, a crítica que emerge é a suspeita dos autores tomarem partido de uma mudança incubada e que se torne um produto escalável, estabelecendo uma visão de bom comum oposta às argumentações que estamos delineando nesta tese.

Este produto ativista escalável é o que Banet-Weiser e Mukherjee (2012) criticam no provocativo título de “ME PRODUTIZE COMO UM ATIVISTA”. Segundo as autoras, desenvolvedores de produtos (nós, os designers) não se encerram em aspectos tecnológicos funcionais e, em conjunto com profissionais de marketing, entramos em um movimento voltando para campanhas que incentivam os consumidores a relacionamentos altamente fetichizados com as marcas, mesmo quando coloca-se a etiqueta “ativista” nos produtos ou serviços ofertados. Encharcados pelo neoliberalismo, termos-chave como “participação”; “ativismo”, “convencional”, “autenticidade”, “consumidor” e “produtor” estão todos no mesmo *balaio de gato*<sup>17</sup> interessado apenas na geração de consumo (Banet-Weiser e Mukherjee 2012).

Percorrendo por exemplos de marcas que se posicionam como ativistas, as autoras demonstram ações do dia a dia destas empresas que colocam em xeque este posicionamento ativista: marcas “verdes” com descartes de dejetos contra legislações, marcas em prol da diversidade de corpos que alteram digitalmente imagens, problematizando deste modo o ativismo enquanto um produto de vendas. Avançam na posição de que consumidor é uma categoria política e que produtos “empacotados” não lhes enganam mais, as autoras problematizam o ativismo como um projeto “de prateleira”, indo de encontro a Julier (2013) e engrossando o coro contra o ativismo de incubadora de Fassi *et. al.* (2013).

Dandavate (2019) contribui também a uma leitura crítica à Fassi *et. al.* (2013), mas suaviza o tom inflamado de Banet-Weiser e Mukherjee (2012) e Julier (2013) ao posicionar o design, independente da sua ênfase, como área que compartilha o desejo de servir a mudanças sociais positivas. No entanto, reconhece haver uma tradição do design de fazedor de produtos lhe aprisionada numa “corrida dos ratos” (p. 20), de um design que tentar produzir resultados com o maior ROI<sup>18</sup> mesmo quando ativista que distrai o design de seu interesse em participar na condução de mudanças.

---

<sup>17</sup> Perdões ao leitor afeito a termos formais, mas não há melhor modo de definir encrenca e o embaraço em que se coloca o ativismo quando produtizado do que pela expressão popular *balaio de gato*.

<sup>18</sup> A sigla ROI, na área da economia, significa *return over investment* (em português, retorno sobre o investimento). Também chamado de taxa de retorno (em inglês, *rate of return* ou ROR), taxa de lucro ou simplesmente retorno, é a relação entre a quantidade de dinheiro ganho (ou perdido) como resultado de um investimento e a quantidade de dinheiro investido. No design, Buchanan (2015) propõe o RODI (return over design investment), apresentando dados do UK Design Council sobre organizações identificadas como ‘orientadas pelo design’ como melhor sucedidas financeiramente do que aquelas que adotam outras abordagens para inovação.

Dandavate (2019) acredita que o design ativista deve superar a produtividade se pela autocrítica, lembrando que fazer design é pensar criticamente sobre as implicações éticas e de longo prazo das suas ações, compreender profundamente as pessoas (e o que poderia beneficiá-las) e construir sistemas para as tomadas decisões que considerem futuro. Segundo o autor “Se nos lembrarmos apenas desses aspectos do nosso papel [...] a próxima geração de designers será naturalmente como ativista”.

As colocações de Dandavate (2019) são passíveis de críticas pela ingenuidade. O design desde Papanek se assume como ação política de transformação do mundo, e ainda assim chegamos a uma situação de ruínas que considera a economia um *Deus Ex-Machina*, como que algo regido por leis e que deve ser mantida a qualquer custo, esquecendo-nos que a economia é uma invenção humana, tanto quanto a lógica matemática e a lógica temporal, no entanto isto requer ao design, suspeitamos aqui, abandonar a grandiloquência dos discursos de mudança do mundo, mas ocupar-se de situações corriqueiras, mundanas.

É isto que Lenskjold *et. al.* (2015) postulam, ao constituir o que chamam de “Design ativista mínimo”. Lenskjold *et. al.* (2015) afirmam que o design ativista mínimo é um princípio tático que visa provocar redirecionamentos sutis nos processos de projeto ao promover atualizações especulativas dos desejos em relação a possíveis futuros sustentáveis. Em um processo de projeto, o ativismo mínimo se dá em truques e negociações que desestabilizam e perturbem a ordem, mas não rompem radicalmente com ela. Ao invés de uma versão do futuro já manifestada como ideal (no passado), ou numa utopia, ou distopia, o ativismo mínimo preocupa-se em experimentar no presente do projeto disrupções que provoquem uma mudança.

Promovendo estas mudanças sutis no processo de projeto, o ativismo para Lenskjold *et. al.* (2015) tem como compromisso contínuo se envolver com as possibilidades de mudança nas redes organizacionais (por exemplo, em escolas, bibliotecas ou empresas de serviço público), em colaboração com parceiros e partes interessadas. Lenskjold *et. al.* (2015) afirmam que os codesigners contemporâneos são cada vez mais chamados a trabalhar em configurações organizacionais dinâmicas em arenas sociopolíticas complexas e que, sob essas condições, uma abordagem mais sutil pode se mostrar particularmente útil, permitindo aos codesigners operar intervenções mais colaborativas de design. Por meio de tais intervenções, O Design

ativista mínimo mobiliza novos atores e abre novos vetores de mudança, operando nas condições sociopolíticas dadas por essas instituições, e não se afasta ou rompe com elas (Lenskjold *et. al.*, 2015).

O que Lenskjold *et. al.* (2015) traz à baila nos leva a refletir sobre apontamos que fizemos em direção ao diálogo como um pressuposto do ativismo que busca por colaboração (Atkinson, 2017) no processo de formação de coletivos (Blumer, 1939, 1951). Além do diálogo, os movimentos de Julier (2013) vão de encontro com a ênfase da visibilidade às margens que evidenciamos na seção 3.1. Não perder de vista os postos à margem de Julier (2013) é consoante com a nossa posição de um design ativista busca por meios de escapar da necessidade de convergência pelo bem comum, sem pretensões salvadoras de que transformará o que está às margens como dominante, mas sim abrir possibilidades para outros modos de coexistir (Jordan, 2002; Leigh-Star e Griesemer, 1997).

Pelo estado da arte do Design Ativista, evidencia-se uma certa confusão entre o ativismo enquanto um modo de agir no design ou o ativismo como ato de projetar artefatos para causas ativistas. Entre o ativismo no design como ação política e um Design Ativista™ que retorna aos aspectos gráficos visuais e indulgências estéticas do fazer design, há espaço para debate. No entanto, antes de avançar numa reflexão final sobre a literatura, apresentaremos outros designs em que reconhecemos o ativismo pelas suas qualidades.

### 3.2.2. Outros designs e o ativismo

Nesta subseção avança-se brevemente nas práticas do Design Participativo, Design Crítico, Design Especulativo e discussões do design a partir de perspectiva decoloniais e feministas, por estarem intimamente relacionadas ao ativismo e ao Design Ativista em si, em requisitos como a mobilização social ou a perturbação do *status quo* pela crítica, por exemplo.

Em uma edição especial do periódico CoDesign de 2015, Storni *et. al.* (2015) convida no editorial a projetar as coisas juntos para identificar o design como uma atividade social e política, que desempenha papel fundamental na transformação do social — relacionando-se diretamente com as questões que estabelecemos com importante ao ativismo.

Design Participativo, para os autores que compõem esta edição da CoDesign, dedica-se em exercitar um pensamento design que tira da centralidade as necessidades humanas e atenda ao que está às margens (Binder *et. al.* 2011) em abordagens que orientam a mudanças sociais e desenvolvimento de políticas públicas (Björvsson, Ehn, Hillgren, 2012). Neste movimento, o Design Participativo enfatiza questões democráticas, tomando partido daqueles que são afetados pelo design e deveriam ter voz na processualidade do projeto (Hillgren, 2013). Ocupando-se da descentralização do design das mãos de especialistas, compreende que fazer design é ação coletiva entre atores distintos (designers e não designers), em um espaço de abertura às controvérsias (Hillgren, 2013, DiSalvo, 2010; entre outros).

A potência evidenciada nas discussões do Design Participativo e frente a caracterização do design como ação política levam a tese a retomar a discussão proposta por DiSalvo sobre Design Adversário. DiSalvo (2010) avança para uma discussão em que o design é ação política, mas avança significativamente as discussões ao ampliá-las como agonísticas, ecoando a socióloga Chantal Mouffe. Ao tratar do agonismo como postura generativa necessária para avançar nas discussões do Design, encara o processo de projeto como um 'aglomerado sócio material', capaz de reunir atores distintos que, juntos, exploram questões que preocupam. Isto se desenrola em espaços agonísticos, com interesse primeiro em permitir uma polifonia de vozes conflitantes que, apesar de estarem em oposição, respeitam-se e coexistem aceitando a impossibilidade de um consenso — o seu encontro se dá no engajamento apaixonado pelas suas causas e como elas podem existir em convivialidade.

Descolando-se dos artefatos, DiSalvo (2013) olha para a processualidade do design enquanto ação que se ocupa em habilitar espaços que revelem os confrontos de relações de poder, algo que é tipicamente aplainado em um “design de políticas” ou na tradição do design, em que estratégias deliberam atores e ocupam-se de extratos de realidade definidos *a priori*. Chegamos a pelo menos três décadas de estudos do design em que os expedientes inventivos e criativos vão além dos artefatos, mas seguem programas de ação voltados a contextos organizacionais, mesmo que atuando interdisciplinarmente com gestão, negócio, tecnologia da informação (Buchanan, 2015; Deserti e Rizzo, 2014; Brown, 2009 entre outros). Ao tratar de extratos definidos, mantém enraizado em práticas sociais de manutenção de *status quo* e extratos de realidade definidos *a priori*.

Se partirmos de DiSalvo e seu argumento sobre o design habilitando espaços que revelam confrontos ao invés de aplainá-los ou procurar resolvê-los, além da relação possível com o Design Ativista identificado em Markussen (2013) e Julier (2013), somos levados a olhar para o Design Especulativo e Crítico. No Design Especulativo, seu ponto central é remover limitações que o design *mainstream* tem, procurando por estratégias que escapem das vigências e experimentem “futuros” (Dunne and Raby, 2013, Malpass, 2013). No Design Crítico, questionam-se normas e valores tácitos, incorporando teorias sociais e políticas à processualidade do design. Também, assim como o design especulativo, usa a potência da crítica ao questionar práticas — em específico, críticas ao design *mainstream* (Bardzell e Bardzell, 2013). Ainda, de acordo com Bardzell *et. al.* (2014) na medida que assume a autocrítica, os projetos de design também comentam, subvertem, reinterpretam, exageram, justapõem ou introduzem uma, ou mais reviravoltas (também conhecidas como tropos) no design padrão. Os tropos são imperceptíveis se não entendermos primeiro a forma convencional do design.

Bardzell *et. al.* (2014) exemplifica problematizando os rádios. Um rádio convencional é alimentado eletricamente, o que, nos termos de hoje, normalmente significa uma bateria ou uma tomada na parede. No entanto, ao pesquisar fontes alternativas de energia, os designers Dunne e Raby (2013) encontraram um robô que come carne em um projeto universitário. Imaginando especulativamente que a decomposição da matéria orgânica como fonte elétrica se tornaria popular, eles projetaram o Teddy Bear Blood Bag Radio (fig. 10), sendo um rádio para crianças alimentado por sangue extraído de seus animais de estimação. De acordo com Bardzell (2014) o design resultante apresenta vários tropos: a bolsa de sangue tem a forma de um ursinho de pelúcia, porque é o rádio de uma criança; o rádio é alimentado por matéria orgânica, extraída de todas as fontes de um animal de estimação; essa matéria orgânica em decomposição é o sangue, cujo vermelho é revelado como esteticamente agradável. Pode-se imaginar inúmeras respostas a esse projeto crítico, mas muito do significado emerge das tensões entre convenções de comportamento e bom gosto (como a maneira como os projetos geralmente representam a infância) e as normas chocantes elegantemente inscritas nesse projeto. (BARDZELL *et. al.*, 2014) Ao fazer perguntas provocadoras que identificam e desafiam o que é tácito, expondo os tropos do design convencional, também explora futuros alternativos e

tornam inegável a crítica de ambos ao design individualista e predominantemente utilitário orientado pelo mercado (Dunne e Raby, 2013, Malpass, 2013). Há um “*estrago*” provocado nesta prática, de repulsa e desaprovação<sup>19</sup>, que tornam fortuito observá-la com insumo para o debate ativista.

Figura 10. Teddy Bear Blood Bag Radio



Fonte: Dunne and Raby (2011)

Para Fry (2009; 2017), o design deve servir na criação de futuros com futuro. Adquirir este hábito é aprender a lidar com uma complexidade sempre presente em ordem superior<sup>20</sup>. É sobre os profissionais de design trabalhando constantemente para retirar do design seu crescente instrumentalismo técnico e indulgências estéticas. É também, sobre adotar modos de design em práticas redirecionadoras, em diálogo com

---

<sup>19</sup> A revisora contratada para ler este trabalho que o diga: professora aposentada de literatura e língua portuguesa, atuou por 36 anos no Estado do Rio Grande do Sul lecionando para o ensino médio, ligou no meio da revisão para dizer que estava completamente horrorizada com o exemplo, apesar de entender seus objetivos.

<sup>20</sup> A ordem superior a qual Fry (2017) se refere é a tradição do design relacionada a práticas do norte metafórico. Ao afirmar que modernidade e colonialismo são indivisíveis, Fry (2017) expõe que a industrialização da modernidade empoderada pelo Iluminismo e sua gama de conhecimentos técnicos e científicos, filosofia política, teorias econômicas, estruturas legais como os motivos pelos quais nações europeias impõem suas vontades no mundo, dividindo-o em impérios modernos que, em nome do “humanismo”, de um homem de razão que domina o irracional, levaram a um processo de destruição do mundo.

a proposição de pré-configuração do fazer design além da produção de produtos e serviços como vimos em Willis (2006).

Redirecionar-se implica em reunir uma multiplicidade de práticas do design para começar a redesenhar / redirecionar a condição estrutural e cultural do fazer design, com ambição de “projetar outro *habitus*” (Fry, 2005, p. 65). Para isto, a proposta de Fry (2005) envolve a) adaptar o design frente aqui que precisa ser modificado (para dar conta dos insustentáveis); b) eliminar as ameaças à sustentabilidade abandonando a projeção de “coisas” (quando menos design no design, mais social será) e c) prefigurar estratégias projetuais orientados para redirecionarmos com aquilo que está porvir.

Este redirecionamento do design proposto por Fry (2017) é o design das margens, em que as margens são vistas como espaço intermediário de pensamento e ação baseados em atos pragmáticos e políticos, de apropriação e bricolagem. As margens constituem condição de troca em um espaço à disposição *de-por-entre*, enraizado na situação, onde se encontra a alienação e reflexão crítica. Também pode ser uma zona intercultural de encontros e discussões em que informações são trocadas, mundos distintos são traduzidos, solidariedade se constitui e amizades forjadas. Este design que compreende como as práticas são colonizadas, contribui para a constituição de um ativismo situado, que persegue as margens como condição de tratar de “futuros com futuro”, ao invés de estabelecê-lo com mainstream ou perseguir o ideal do ativismo judiciário de um bem comum (Barroso, 2009), mas sim sustentar a insustentabilidade de um bem comum (Jordan, 2002; Leigh-Star e Griesemer, 1997)

Em uma perspectiva feminista no Design, D'Ignazio e Klein (2016) também se ocupam das margens em sintonia com o que estabelecemos: o ponto de partida precisaria ser fundamentado no pensamento crítico de ordem superior ao *mainstream*, reconectando dados à realidade social e política a partir da qual foram produzidos. Quer dizer, aquilo que parece “dado”, com um dado, um número, precisa ser problematizado a partir da alfabetização ou treinamento de leitura de dados por aspectos técnicos<sup>21</sup>. Ler dados traz ao fundo um programa de ação vigente e acaba

---

<sup>21</sup> As autoras apontam que estratégia do design para reconfigurar seu agir e escapar do dito normal deve adotar como princípios repensar binários, abraçar o pluralismo, examinar o poder e aspirar ao



por reproduzir uma visão de mundo dominante. A proposição das autoras, pensando design desta forma, a crítica repousa na necessidade de o Design tornar-se consciente que sua processualidade reproduz padrões.

Percorrer por práticas do design que propõem o design como ação política (DiSalvo, 2005; Fry 2005, 2017) que projeta coisas juntos (Storni, 2015), é descentralizado (Hillgren, 2013) promovendo, pelo pensamento crítico, a subversão, reinterpretção, exagero uma exposição do design padrão (Bardzell, 2014), revelando confrontos de relações de poder em estratégias que escapem das vigências (Dunne e Raby, 2013) e reconectando aquilo que o design produz à realidade social e política a partir da qual foram produzidos (D'Ignazio e Klein (2016) contribui, fazendo avançar nossa leitura sobre o design ativista.

### **3.3. Posicionamento sobre estratégias**

Como se evidencia no recorte até aqui, os estudos em Design enfrentam a temática ativista em uma multiplicidade de formas, em perspectivas teóricas e/ou metodológicas distintas. Nesta subseção voltamos novamente a autores no Design que se ocupam de um esclarecimento acerca das estratégias. Por fim, posiciona-se a visão de estratégia pela perspectiva sociotécnica e porque este olhar particular sobre estratégias ativistas que estamos elaborando.

\*\*\*\*

No livro *A Invenção do Cotidiano* (1980), Michel de Certeau define a estratégia como “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) pode ser isolado.” A estratégia “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.” Por outro lado, a tática, segundo Certeau, “[...] não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.” A crítica ao esquema binário entre tática e estratégia no autor é evidente — relação de forças e ação calculada não são exclusivas a uma ou a outra.

---

empoderamento, considerar o contexto, legitimar o afeto e a incorporação, e tornar o trabalho visível, em sintonia com os estudos de Haraway (1988) e Bellacasa (2017), entre outras autoras.

Jones (2002) também promove esta leitura do agir tático é lido como algo em uma esfera distinta do agir estratégico, em uma distinção improdutiva<sup>22</sup>.

No entanto, o autor oferece uma leitura interessante ao articular o conceito de astúcia. As práticas cotidianas, segundo o autor, necessitam de astúcia para avançar, sendo a astúcia um agir que opera golpe por golpe, lance por lance, aproveita as ocasiões, conseguindo estar onde ninguém espera em prontidão

Encontramos esta leitura de astúcia em Simeone (2020) ao propor a granulação da estratégia no Design — uma granulação que impõe agir situado, ora pautado pela força e a imposição, ora pelo imprevisível e imponderável da situação. O autor percorre sistematicamente a literatura disponível sobre estratégia em diversos campos de conhecimento<sup>23</sup> para nesta visão pendular da estratégia no design, que oscila entre a força e a imposição e o imprevisível e o imponderável que, em linhas gerais representa projetar tendo em vista quais recursos e capacidades disponíveis, o que é necessário e não está disponível, o que está em jogo (relações de poder) como equilibrar questões e circunstâncias que não alcança de antemão, assumindo uma “matéria escura” permanente ao ato de projetar. A matéria escura, lida por Simeone (2020) a partir de Hill (2009), é o não saber o que acontecerá na situação

---

<sup>22</sup> Em Jones (2002) a leitura o agir tático é lido como algo em uma esfera distinta do agir estratégico, uma distinção improdutiva. Se o agir tático é condição para informalidade e a performatividade que levam à transgressão, quando o autor posiciona a dependência das táticas a “objetivos, motivações, conceitos, perspectivas, contextos e processos de trabalho acidentais” (p. 89) desfaz a distinção entre tática e estratégica ao evidenciar, ele mesmo, uma processualidade que não dá sem reflexão de múltiplas e distintas origens de intervenção

<sup>23</sup> Simeone (2020) realiza uma abordagem sistemática e historicamente fundamentada que percorre a) trabalhos clássicos e mais recentes sobre estratégia de militares, negócios, estudos de administração e administração e b) trabalhos acadêmicos sobre desenho estratégico. Posteriormente, o autor realizou uma seleção de todo o material e examinou as contribuições selecionadas entre 70 livros, artigos de periódicos e artigos de conferências em relação às três categorias geradas. Disto, apresenta caracterizações de estratégia pela forma conforme definida em campos tão diversos quanto estudos do design, militar, comercial e gestão. Essas caracterizações de estratégia são agrupadas em torno de três categorias principais: 1) perspectivas racionais e analíticas, 2) aspectos emergentes e sistêmicos das estratégias e 3) dinâmica do poder, persuasão e decepção na estratégia. Expandindo sobre definições originárias de estudos militares, a estratégia é caracterizada em Simeone (2020) como equilíbrio entre fins, meios e formas de alcançar o impacto necessário para enfrentar um desafio e, em simultâneo, vigiar os riscos. Essa definição postula que a estratégia considera a recursos e capacidades (“meios”) disponíveis (ou que podem ser alcançados e desenvolvidos) e definindo metas e objetivos (“fins”) que podem ser realisticamente atendidos, mobilizando recursos e capacidades em maneiras (“maneiras”). Ainda em Simeone (2020) há uma proximidade entre estudos militares e estudos de gestão quanto (a) a necessidade de considerar cuidadosamente a dinâmica da energia (por exemplo, oponentes e pressões internas e externas; alianças e coalizões como fonte de forças e instabilidade) como um fator que potencialmente leva a confusão, vacilação e inconsistência na estratégia e (b) ao papel da informação, aspectos narrativos e culturais para estruturar e controlar as fases de formulação e implementação da estratégia, também através do uso ativo de persuasão e decepção

projetual, sabendo-se apenas que algo que escapa à racionalidade ou qualquer tipo de controle vai acontecer — e frente a este acontecimento precisamos lidar criativamente

Sem ir por um caminho filosófico do saber sobre o que não se sabe presente em Simeone (2020) e Hill (2009), Mauri (1996), autor cânone no debate sobre Design Estratégico, posiciona a estratégia de forma mais contundente, orientada a processos de projeto do Design. Entendendo que agir estratégico é uma “sabedoria criativa” (MAURI, 1996, p. 23) esclarece sabedoria criativa como uma capacidade de o Design ver algo como se fosse pela primeira vez (“e se?”) abertos a transformações ao longo do percurso. Esta sabedoria criativa é o que particulariza o design como hábil em se movimentar em algo arenoso e incerto que é o ato de projetar.

Para Mauri (1996), o Design é carregado de intenções, e o projeto precisa desta estratégia particularmente sábia e criativa pois há uma inter-relação entre o pensamento abduutivo (que trata de intencionalidade) e o caráter transformativo do que o ‘aqui agora’ exposto no ato de projetar.

Procurando avançar em qualidades de estratégia que deem conta de uma estratégia que sabe não saber e atua criativamente frente a isto no aqui agora, recorreremos a autores da perspectiva sociotécnica. Law (1992 e 2009) afirma que a estratégia é um movimento interessado na durabilidade das redes formadas em torno daquilo que interessa, colocando o interesse na centralidade. Se na prática a concepção de estratégia pode ser compreendida de maneira “[...] inclui padrões de relações teleologicamente ordenados, indiferentes ao ser humano.” (LAW, 2009, p. 147), a estratégia não está necessariamente localizada na deliberação humana, ocorrendo em coletivo que não é ‘nada mais do que redes de certos padrões de materiais heterogêneos’ (LAW, 1992). Isto é, máquinas, o designer, textos, dinheiro, clientes compõem o social expresso em uma rede, em estratégias que coexistem e interagem pelo interesse relacional entre os materiais — e não pelo que o humano quer.

Callon (1986) e Latour (1987) avançam a leitura sobre interesses e estratégias ao abordar o conceito de tradução, por permitir abordar como ocorrem os processos de transformação dos interesses presentes em (1939, 1951) e Atkinson (2017) e sofisticam a compreensão de estratégias que estamos esboçando nesta seção.

Na sociologia da tradução (arcabouço teórico constituído pelos autores) o interesse envolve uma série de processos em que atores humanos e mais que humanos<sup>24</sup> se esforçam em manter outros atores associados entre si. *‘Interessement’* — atração de interesses, ‘estar entre’, ‘estar entreposto’ segundo Callon (1986) — envolve ‘uma entidade que atrai uma segunda estando entre essa entidade e uma terceira’ (Callon, 1986, p. 203). Nesse movimento, cada ator pode submeter seu interesse a problematização ou ir ao exato oposto: a situação nunca é totalmente clara, sendo as identidades formadas e ajustadas durante a ação de testar os interesses e forjar associações<sup>25</sup>.

Traduzir envolve a transformação de interesses, implicando em uma estratégia afeita ao desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os atores, gerando quebras em programas de ação<sup>26</sup>. É neste espaço incerto que os interesses emergem, questões de preocupação<sup>27</sup> se revelam e

---

<sup>24</sup> Nega-se, desta forma, que humanos sejam mais especiais que outros atores. De fato, não é de interesse da perspectiva antropocêntrica adicionar agenciamentos articulados por mais que humano — nisto incluído o designer expiando sua culpa. Para isso, seria necessário aceitar a incapacidade e a fragilidade de determinação dos eventos, que os humanos pressupunham ter. O ponto não é desaparecer com os interesses humanos, mas distribuir as agências simetricamente, descentralizadas. Deixam de ser localizados pela “intencionalidade” da subjetividade humana e assumem a compreensão de que humanos e mais que humanos estão intimamente sobrepostos no (re)fazer o mundo, em um projeto anti reducionista. Assumir a simetria coloca em xeque tradições científicas quase dogmáticas, em que não-humanos são adicionados ao social quando tem serventia em um curso (e um discurso) tecnologicamente desenvolvimentista. Desta forma, agências são distribuídas entre humanos e não-humanos, mas mantêm-se estratégias de poder (BATISTA, 2017).

<sup>25</sup> Nestas associações, encontram-se aliados que são expostos aos pontos de passagem obrigatórios (PPOs), performando continuamente suas identidades e objetivos. Para interessar a esses atores, precisam-se construir meios de aproximação em uma relação elementar de relacionar/desassociar que começa a consolidar os links sociais, chamada por Callon (1986) de triangulação do interesse. A triangulação nesse movimento também se situa como um ator, estendendo e materializando hipóteses.

<sup>26</sup> Em *Ciência em Ação* (1987), Latour reflete sobre diferentes estratégias possíveis para inscrever a assistência de outros participantes pela tradução. (1) Podemos atender aos seus interesses, dando-lhes o que eles precisam. (2) Podemos convencê-los de que o que eles querem não é viável e de que deveriam estar interessados em outra coisa. (3) Podemos dizer a eles que eles só precisam fazer um pequeno desvio através do que estamos fazendo para chegar aonde eles querem ir. (4) Em uma estratégia mais complicada, podemos deslocar os objetivos de nossos aliados, inventar novos objetivos para inspirá-los, inventar grupos inteiramente novos que desejam as mesmas coisas que queremos e até tentar ocultar o fato de estarmos liderando qualquer coisa. um ao longo de desvios em primeiro lugar. (5) Finalmente, podemos tentar nos tornar tão indispensáveis que ninguém pode prescindir de nós, criando um monopólio sobre um certo tipo de força. Se formos bem-sucedidos nessa estratégia final, nos tornamos um “ponto de passagem obrigatório”, um porto de entrada obrigatório em que todos os outros são forçados a negociar

<sup>27</sup> Compreender questões de preocupação, na perspectiva sociotécnica, demanda ao pesquisador/observador entender que as agências humanas e mais que humanas não tem um único objetivo, mas sim reúnem muitos objetivos, removendo a divisão entre “social” e “natural” em que “[...] um mundo natural composto de questões de fato não parece em nada com um mundo que consiste em questões de preocupação, logo não pode ser usada tão facilmente para desenrolar a ordem social (LATOUR, 2008, p. 114). Para chegar às questões de preocupação é preciso olhar para as incertezas,

uma disputa é travada, possibilitando identificar diferentes pontos de vista (LATOURE, 2005). Nestas quebras promovidas pela tradução, também se evidenciam traições (LAW, 1992) e desaligeiramentos (STENGERS, 2018).

Esta compreensão de estratégia pela tradução implica em outra processualidade, desatrelada do problema solução. Estratégia passa a um seguir os interesses, capazes de serem observados ao acompanhar como humanos e mais que humanos se transformam, se modificam e alteram as associações que fazem parte (Batista, 2017)<sup>28</sup>. Combinada com a granulação proposta por Simeone (2020) e o saber que não sabe de Hill (2009) que é criativo e no aqui agora de Mauri (1996) a estratégia é uma processualidade que só se informa na relação<sup>29</sup> e que conseguimos, ao máximo, compreender os interesses seguindo os rastros do que acontece.

---

abrindo a capacidade interpretativa do que é constituído como 'fato'. Diferente da compreensão de 'múltiplos pontos de vista', a compreensão de questões de preocupação representa que o objeto investigado em si permite-se perceber como múltiplo, isto é, não tem uma força interna nem externa, mas forças circulares e associativas que dependem do contexto em que está inserido. (LATOURE, 2008). Neste sentido, o espírito crítico coloca o pesquisador/observador em um caminho tortuoso, que o afasta dos fatos quando na verdade é preciso chegar mais perto deles, fugindo de fetichismos que creem nas concepções de poder estabelecidas. Ou seja, assume-se uma posição mais justa que compreende que o que se observa é dominado por forças desconhecidas (LATOURE, 2008) e que a objetividade é outra, próxima a de Haraway (1988) em que as coisas em si não são mais aquilo que se transforma em dado e se isola, mas sim aquilo que se forma em relação e pode ser observado em ação, a partir dos seus rastros, operado pela interpretação e pela linguagem, incapaz de ser determinado metafisicamente, porque isto lhe distancia do que é 'sendo', em relação

<sup>28</sup> O artigo, apresentado e publicado nos anais do VII Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade promovido pela Asociación Latinoamericana del Estudios Sociales (ESOCITE). Em síntese, aponta-se que ao adotar a perspectiva dos STS no design alcança-se outra processualidade, desvincilhada do par problema-solução no processo de projeto, atentando ao caráter transformativo e inventivo inerente ao design. O problema não seria mais visto apenas como algo a ser definido em etapas iniciais ou encontrado ao longo do processo, mas como uma pergunta desvincilhada de uma solução (algo já posto por diversos autores, a destacar Dorst), particularizando no STS & Design pelo interesse nas relações que emergem, em uma crítica aquilo *dado* ('o designer', 'o projeto', 'a organização'). Desta forma, o design fica livre de encontrar respostas comuns e validações e torna-se espaço capaz de ouvir aquilo que a situação tem a dizer e responder às inquietações, necessidades e interesses amplos que o próprio processo faz emergir. Com atores engajados por essa abertura, o processo projetual passa a ser um espaço aberto que une social e técnico em um sistema de operação não focado em ser otimizado e eficiente, mas que permita emergir novas condições, interações e relações. O processo projetual, ao tratar de questionamentos para emergência 'questões de preocupação' fortalecendo sua natureza não-linear em que não conta com um problema definido, emparelhando 'estágio de um sistema que se modifica e se altera' de Findeli (2001) com a produção das redes de relações geradas por efeitos ou resultados associativos em constante modificação, e não algo estabelecido a priori, como aponta Law (1999).

<sup>29</sup> Cabe reforçar que o aspecto relacional já é amplamente difundido nos estudos em Design. Autores como Jones (1992), que perseguem uma subestruturação arquetípica do processo de projeto, ou a compreensão da natureza dos problemas como *wicked*, de difícil determinação, de Rittel e Weber (1973), contemplam que modificações no processo de Design se estabelecem pelas relações. Enraizadas em uma lógica progressista, gera produtos e serviços que suprem necessidades mercadológicas. Porém, por mais que tais discussões compreendam a impossibilidade de reduzir-se ao par problema-solução, continua atrelada em arquetipo de análise (abertura), síntese (o que se compreende sobre) e avaliação (tomadas de decisão) em estratégias deliberadas. É um pensamento

Por esta perspectiva, o design pode até se distinguir enquanto capaz de operar entre saberes diferentes, religando-os, aproximando-os, fazendo com que se desenvolvam projetos estratégicos evoluindo em direção a algo significativo e que tenha sentido de valor aos atores envolvidos. Isto é, em suas bases está o aspecto agregador e integrador, assim como a capacidade de trazer a materialidade, um tipo de convergência, daquilo que está em um plano abstrato e de difícil clareamento. Porém, ao adotar a perspectiva sociotécnica, não é relevante a tipologia dos papéis, mas sim as dinâmicas, entendendo que deste emaranhado emergem outros saberes.

---

design, certamente, porém suas estratégias interessadas em variáveis na maioria definidas é o contraponto da discussão relacional desta tese.

#### 4. ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN

Avançamos pela seção anterior em uma perspectiva de estratégia que lida com astúcia e se embaralha proficuamente com táticas (De Certeau, 1980). Combinada com a granulação proposta por Simeone (2020) e desconhecido de Hill (2009), esta estratégia é saber criativo no aqui agora (Mauri, 1996) em uma processualidade que só se informa na situação. Esta leitura vai de encontro a nossa definição de Design Estratégico no que tange a “incompreensão relacionada à escuridão que sempre envolve o reino estratégico [...]” (MEYER, 2019, p. 428). e o que não sabe e não se doma saber na forma de um problema claro (BATISTA, 2017). Esta processualidade, que só se informa na situação, é o modo de lidar com precariedade (MEYER *et. al.*, 2020) pela experimentação, como nos referimos na introdução.

Encerramos a seção 3.1 entendendo o ativismo como atividade interessada em fazer diferença em algo (Lane Eno, 1920, Blumer, 1939, 1951; Atkinson, 2017) pela intensidade de suas ações. Esta intensidade toma uma multiplicidade de formas, no entanto as que no afeiçoamos neste argumento inicial sobre estratégias ativistas no design referem-se a provocar e perturbar algo que está em ordem (Jones, 2002, Atton, 2002, Tironi, 2015), reforçando a abertura ao diálogo e a coexistência de diferenças para expor a fragilidade do bem comum (Mouffe, 2005; Ganesh e Zoller, 2012, Jordan, 2002; Leigh-Star e Griesemer, 1997).

Avançamos na seção 3.2 na definição do ativismo no Design, isto é, como as temáticas do ativismo são tratadas no design que autointitula Design Ativista ou como encontramos o ativismo em outros Designs pelas características que identificamos em 3.1. Por este percurso, reconhecemos que o ativismo no design pode recorrer às contranarrativas (FUAD-LUKE, 2009) e descentraliza do designer os poderes do projeto, em clara interseção com o Design participativo presente em STORNI (2015), HILLGREN (2013) e DiSALVO (2010). O ativismo no design pode, também, criar soluções escaláveis focadas na inovação social (FASSI *et. al.*, 2013) e ter como premissa advogar em solidariedade àqueles que estão fragilizados em um processo de mobilização daqueles que não estão às margens (THORPE, 2011). No entanto, a nossa posição nesta tese tem aderência às compreensões acerca da necessidade do ativismo no design assumir um percurso não convencional e não-ortodoxo como prerrogativa para causar a disrupção de práticas do Design (JULIER, 2013), adotando a crítica do Design Especulativo que foge de um aplainamento e do “bem,

comum” e abraça a construção de um pensamento crítico causado em práticas subversivas, de reinterpretação do cotidiano pelo exagero e uma exposição crua do design *mainstream* (Bardzell, 2014), promovendo dissenso e contestação (MARKUSSEN, 2013 em rupturas no que está estabelecido como o *bem-fazer* Design (Dunne e Raby, 2013), perturbando a ordem em truques sutis e sorrateiros (LENSKJOLD *et. al.*, 2015).

Poderíamos parar aqui uma vez que, na circunspecção de uma tese doutoral, há uma posição inicial bem desenvolvida, que cumpre o que nos propomos fazer nesta seção. No entanto, deste mergulho na seção 3.2 e 3.3, há alguns pontos de reflexão sobre o ativismo no design que devem ser evidenciados e nos acompanharão ao problematizar nossas práticas experimentais e, ao fim, os debates nos seminários.

- **O ativismo no design luta com a tradição “produtizadora” do design**

O ativismo no design permanece aprisionado a materialidade de artefatos, ora interpretando e categorizando artefatos *a posteriori* (MARKUSSEN, 2013; THORPE, 2011) tratando-os como agentes passivos que respondem a programas de ação humanos, ora se ocupando em constituir modelos de ação interessados em táticas de reprodução de *passos* do que fazer para ser design ativista (como em FUAD-LUKE, 2009 e em FASSI *et. al.*, 2013). Entendemos que isto aprisiona o ativismo no design a tradição design de fazer produtos ou serviços.

De modo geral reconhecemos a importância desta atividade, que pode sim carregar em si diversos pontos que indicamos anteriormente (contranarrativas, dissenso, ruptura...). No entanto, nossa reflexão aqui é outra, de reconhecer que o ativismo no design não deveria ser um processo de projeto interessado em um produto ativista (Banet-Weiser e Mukherjee 2012).

Isto é uma pílula difícil de engolir e que certamente traria ao design a insegurança de se entender como área, mas temos companhia de autores que propõem um caminho para o design abandonar a grandiloquência dos discursos de mudança do mundo e ocupar-se de situações corriqueiras, mundanas. (Lenskjold *et. al.*, 2015; Tironi, 2018).

Sem estas pretensões salvadoras de que transformará o mundo, mas sim abrir possibilidades para outros modos de coexistir (Jordan, 2002; Leigh-Star e Griesemer, 1989; Mouffe, 2005), este design ativista trataria do diálogo, do embate, sustenta e



assume a instabilidade, evidenciando a fragilidade do “bem comum”. (Mouffe, 2005; Ganesh e Zoller, 2012)

Além disso, o interesse em projetar artefatos e serviços orientados a processos econômicos, culturais e territoriais por meio de um Design Ativista *produzido*, como um *commodity* “na prateleira”, compromete o potencial do design e seus expedientes criativos, inventivos e experimentais têm frente a pautas ativistas, além de considerarmos insuficientes para cobrir questões políticas do design.

- **O ativismo no design é político**

Certamente o ativismo no design não escapa de um posicionamento político relacionado ao ato de governar, como visto em Fuad-Luke (2009) e Markussen (2013). No entanto, entendemos o design como agir político<sup>30</sup> e não “design de políticas”, em consonância com DiSalvo (2010) e o argumento da direcionalidade de Fry (2005) e Anne-Marie Willis (2004) com a intenção de promover uma modificação na cultura design, como em Julier (2013).

Tensionar a cultura design pela experimentação de modos alternativos de práticas e representações, perseguindo escapar a narrativa dominante da cultura de design de se preocupar com marginais quando isto convém no projeto é mais um pílula difícil de engolir, mas é consoante com problemáticas identificadas em Stengers (2018), Leigh-Star e Griesemer (1989) e Callon (1986): dar voz aos postos às margens quando interessa ao que está na centralidade dominante carrega em si uma atitude condescendente de quem se põe na centralidade, estabelecendo um estrutura de

---

<sup>30</sup> O posicionamento sobre política Alexander (2016) permite sustentar esta discussão que iniciamos a partir do Design em Dandavate (2019), Fry (2005) e Willis (2006). O autor, sociólogo político, conduz ao entendimento que política é algo que tem a ver com governar, no entanto está além disso por envolver ação e deliberação que escapam a governabilidade — inclusive, um ser político em alguma circunstância se posiciona em oposição aos regramentos posicionados como atos de governo. Logo, política é que se constituem e se desconstituem na ação, em atividade.

Disto, política é toda atividade de cooperação, negociação e conflito, dentro e entre as sociedades, por meio das quais as pessoas organizam o uso, produção ou distribuição de recursos humanos naturais, ou outros recursos no curso da produção e reprodução de sua vida biológica e social. (Alexander, 2016) No design, o emparelhamento do ativismo com políticas do design recorre, comumente, como o design (projeto) políticas relacionada às regulamentações e mecanismos de governança, voltando ao método “design thinking” para projetar algo consumível. Se os processos de consumo eclipsaram o agir político do design e o branding ativista é uma estratégia de engajamento político, o ativismo pode ser lido como uma genuína política para a sociedade de consumo. (Banet-Weiser e Mukherjee 2012) apontam um esclarecimento acerca desta política: não é uma política pura que atua em um submundo mítico livre da circulação de mercadorias, nem uma política sublimada cujo única expressão é o ato de compra, mas uma política ativista que reconhece o significado monumental de artefatos como mercadoria em nossa sociedade e percebe que este é um dos campos em que a política deve jogar.

poder que denota fragilidade e uma posição de elo mais fraco e é perversa. Nossa reflexão, neste momento da tese, nos complete a escapar da necessidade de convergência pelo bem comum, por esse processo em si ser excludente, em que a pergunta “porque o que está a margem deveria estar no centro?” nos motiva. Entendemos aqui o que Julier (2013) evidencia: nossa proposta nesta tese implicaria em um modo de agir ativista no design que modificaria algo no próprio design — caso contrário o design transformaria o ativismo em mais um dos seus produtos. Isto nos leva a entender o ativismo no design não como um método, mas como ethos. Quer dizer, para entender o ativismo no design precisamos entender que fazer design é uma ação política que, em primeiro, deve repensar o próprio design e suas implicações éticas (Dandavate, 2019), descentralizando o design do ato de fazer design (Willis, 2006; Fry, 2005). Despir-se do design que faz design e a tradição produtizadora liberta o design para outros modos de ação em práticas ativistas que requerem astúcia nas situações.

- **O ativismo no design se leva a sério demais**

Posicionamos ao longo da seção 3.1 que ativismo requer intensidade, desestabilizando e perturbando algo estabelecido como ordem. Nisto, desatrear o agir ativista das pretensões de um bem comum, propondo que se ocupe menos em um mundo ideal e mais em um “*veja bem*” que evidencie a fragilidade do bem comum.

Quando iniciamos a seção 3.2.1, o ativismo no design em todos os autores carrega em si a pretensão de promover o bem comum. No entanto, diferente das demais áreas que percorremos em 3.1, as discussões sobre ativismo e design destacam a culpa do design como se pedisse “desculpas” por existir. Isto se torna mais surpreendente se considerarmos que um dos expedientes do design é justamente olhar prospectivamente para futuros. Quer dizer, até que ponto o ativismo no design carregar o peso da culpa de um passado não é prejudicial ao fazer design ativista?

Isto não significa, de forma alguma, reconhecer o quinhão do design para a insustentabilidade que vivemos hoje, o argumento aqui é outro: carregar a culpa por ser um “produtor de artefatos” quando pensa no bem comum deixa o design ativista sisudo, carrancudo, como se carregasse o peso do mundo nas costas (ou pior, sentindo-se como se ele só tivesse o poder de mudar o mundo)

A suspeita que levantamos aqui é de que o design poderia deixar o passado no passo e recorrer a recursos menos sisudos para tratar pautas ativistas.

- **O ativismo no design se enfraquece pelo fazer design ativista**

A intensidade escapa em alguns autores (como Thorpe, 2011), mas aparece indiretamente no fazer a diferença pelo não-convencional e não-ortodoxo (Julier, 2013), na postura de ser contra pela contra narrativas (Fuad-Luke, 2009) e na orientadas pelo e contestação (Markussen, 2013). No entanto é nos autores especulativos e críticos (Dunne e Rabe, 2013; Bardzell e Bardzell, 2013) a intensidade aparece vibrante, em projetos disruptivos, aproximando-se do ativismo que assume e defende posição, fomenta conflitos, transgride leis e normas, *hackeando* visões de um mundo ideal em prol de ações que permitam experimentar outros mundos possíveis (Jones, 2002, Atton, 2002, Tironi, 2015).

O design ativista, suspeita-se, poderia adotar estratégias afeitas ao “*estrago*”, em uma perturbação, do incomum, do estranho, aproximando-se mais das estratégias do design crítico e especulativo — sem perder de vista as pautas sociais.

Deste modo, o design ativista persegue a liberdade de experimentar, esquecendo o que é ou não de bom-tom. Escrevendo isto de um modo acadêmico, suspeitamos que a ação criativa e experimental do ativismo no design deva recorrer a estratégias promovendo uma reflexão pelo estranhamento, operando com os significados estéticos remetem ao ruidoso, polêmico, incomum. Disto, redirecionamos um porvir que assume a crise como seu espaço de experimentação.

Assumimos a experimentação que provoca, desloca, desestabiliza e perturba a ordem como uma estratégia afeita ao incomum e ruidoso, sendo modo de dar forma a algo que se origina e continua nesta precariedade, sustentando a insustentabilidade e a fragilidade do bem comum perseguido por estratégias ativistas outras, como àquelas promovidas pelas ciências jurídicas.

Desta forma, estabelecemos provisoriamente que as estratégias ativistas no design constituímos uma mudança política do design a partir da necessidade de compreender um fazer design frente a pautas ativistas, acompanhando como ativismo acontece e modifica o próprio reconhecimento do que é fazer design (Julier, 2013, Fry, 2005), em que a experimentação afeita ao incomum e ruidoso — uma estratégia interessada em causar “*estrago*” — equilibra astutamente uma atuação mediadora e

atenta a situação — um “*veja bem*” — para não cair no risco de, por adotar estratégias incomuns e ruidosas, não levar a um processo de exclusão e afastamento das pautas ativistas àqueles a quem interessa em mobilizar — escapando do “*basta*”.

## 5. PRÁTICAS EXPERIMENTAIS

A produção do manuscrito de uma tese demanda uma linearidade que não dá conta do modo como esta pesquisa aconteceu, no entanto, conscientes de que a tese precisa respeitar protocolos<sup>31</sup>, nos esforçamos em fazer entender possíveis relações entre uma prática experimental e outra, procurando por uma coerência para a linearidade. Na seção 5.1 iniciamos a apresentação com Vozes pela Ciência por ser ela o começo da jornada, seguindo na seção 5.2 com a apresentação de Afrodite Gorda, prática diretamente relacionada com Vozes pela Ciência. Nas seções 5.3 e 5.4 seguimos outro caminho: apresentamos a prática experimental batizada de Igreja do Empreendedorismo e avançamos em 5.4 em Reddit x Bolsa de Valores, pois ambas se relacionam com as temáticas econômicas e políticas centrais ao debate ativista. Por fim, na seção 5.5 trazemos os cases “Tudo bem por aí?” e “Tela... Sala de Espera”, apresentando outra perspectiva sobre estratégias ativistas, mas fundamental para o que expusemos no marco teórico provisório em respeito à atuação mediadora e atenta à situação estabelecida na seção 4.

### 5.1. Vozes pela Ciência

Iniciamos a apresentação das práticas experimentais pelo movimento Vozes pela Ciência, pois podemos reconhecê-la como o início desta tese.

Este parece ser o momento oportuno para contextualizar brevemente como a tese começou, mesmo que seja difícil (e não nos interessar, de fato) indicar com clareza onde inicia. Em meados de 2019 o primeiro autor estava finalizando o segundo semestre do doutorado e, até aquele momento, já havia abandonado completamente seu pré-projeto e estava em análise de possíveis temáticas relativas à sua área de pesquisa. Dedicado a compreensão sobre estratégias pela perspectiva sociotécnica e o que elas trazem a estratégia ao qual o Design Estratégico se refere (um tema caro e objeto de disputa constante no programa, cabe adicionar), havia algo que faltava

---

<sup>31</sup> Mesmo que sejamos ativistas, entendemos que nem sempre é possível confrontar o que está estabelecido. No entanto, a preocupação com a forma de apresentação de um documento científico não comporta as vicissitudes de uma pesquisa nos acompanhou ao longo da nossa jornada e em experimentos de estrutura feitos na plataforma Miro, por exemplo. Infelizmente, recursos disponíveis (como tempo) inviabilizaram o percurso necessário para fazer com que uma forma de apresentação de tese tomasse vida.

para de fato modelar a tese. Como membro ativo da Associação de Pós-Graduação — ANPG e representante discente do programa desde 2016 ao ingressar no Mestrado, em uma conversa informal com colegas doutorando sobre as angústias que nos assombram, quando o primeiro autor expôs a situação relatada sobre faltar algo para a sua tese, uma de suas colegas disse ‘*um ativista deveria falar sobre ativismo*’”. A afirmação, declarada com um tom de obviedade e certeza, ecoou, com o primeiro autor iniciando algumas leituras. Concomitante a este evento, uma iniciativa dos alunos de pós-graduação da Unisinos em oposição aos cortes de financiamento CAPES e CNPq era a coincidência necessária para seguir adiante. O primeiro autor, iniciou o processo de registro das mensagens trocadas para tratá-las como base para pesquisa se porventura seguíssemos adiante com o estudo sobre ativismo e design.

E, como o leitor já sabe, seguimos adiante.

Avançaremos no relato sobre Vozes pela Ciência. A inspiração metodológica é na etnografia pela observação participante (Angrosino, 2009). Falamos claramente em *inspiração* pois adotamos princípios conceituais como a identificação do campo pela sensibilização teórica e interação ativa do pesquisador como alguém que se coloca na situação sabendo ouvir, escutar, ver, recorrer a todos os sentidos, no entanto, não permanecemos por um longo tempo no campo para ganhar confiança (consideramos o atalho de ser parte do grupo) e menos ainda propusemos métodos de coletas de dados, considerando os materiais obtidos nos grupos de discussão um *proto* diário de campo.

\* \* \*

Ocorrido em meados de 2019, o PPG-Comunicação da Unisinos entrou em contato via secretarias dos cursos com os bolsistas de diversos programas de pós-graduação. O objetivo era formar um grupo, posteriormente batizado “Vozes pela Ciência”, para articular-se e posicionar-se publicamente sobre os recorrentes cortes de investimentos na educação. A.

Composto majoritariamente por bolsistas financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo chegou ao final de 2019 com aproximadamente 40 participantes de níveis distintos (da iniciação científica na graduação a pós-doutorados), ampliando-se de um único programa de Pós-graduação

da Unisinos para outros como Educação, Design, Direito e Filosofia. Indo além, alcançou outras instituições com a Associação de Pós-Graduandos (APG) da UFRGS, Associação de Estudos da Ciência, Sociedade e Tecnologia (ESOCITE) presidida atualmente por uma pesquisadora da UFRGS e outras instituições de ensino também, como a PUCRS e a Feevale.

No final de novembro de 2019, reuniões realizadas no centro 3 do campus de São Leopoldo/RS surgiu a primeira proposta de ação do grupo: o desenvolvimento de uma carta aberta à sociedade. Cartas abertas acontecem aos montes, notas de repúdio também, mas entendia-se no grupo que aquela em específico *seria diferente*.

Após longas e acaloradas discussões, a principal dificuldade das ciências sociais repousava no estabelecimento de um diálogo genuíno com a sociedade como objetivo principal da carta de repúdio. Para os participantes do Vozes pela Ciência presentes no encontro, o cidadão comum não enxergava *valor* nas pesquisas porque a ciência na totalidade não se esforçou em reforçar o seu valor.

Este valor, também debatido profunda e acaloradamente, pressupunha tratar múltiplas esferas, mas assumia como central questões econômicas. A ação que Vozes pela Ciência precisaria rebater eram os cenários de contingenciamento financeiro frente à ameaça de cortes orçamentários do Governo Federal. Tais cortes, somando CAPES e CNPq, representavam em 2 de setembro de 2019 a redução de 37,8 milhões em investimento (EXAME, 2019), em uma guerra declarada com as ciências das Humanidades e Sociais pela portaria 1.122, editada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que as retirou dos eixos prioritários para os projetos de pesquisas a serem financiados entre 2020 e 2023 (MCTI, 2019).

A carta aberta à sociedade, desenvolvida coletivamente pelos participantes do Vozes da Ciência (fig. 11) foi redigida ao longo de dois meses remotamente, via Google doc. compartilhado. Considerando uma estrutura formal que “amarrava” conteúdo e fragmentos de outras cartas, trazia uma retomada histórica dos cortes de anos anteriores. Ao longo de suas 3 páginas formato A4 iniciais, palavras de ordem como “Não podemos mais tolerar” eram canceladas por dados, números e um operação linguística rebuscada.

Figura 11. Trecho da carta de repúdio desenvolvida pelos participantes do Vozes pela Ciência

### MOVIMENTO PELA EDUCAÇÃO E PELA CIÊNCIA

A **educação** e a **ciência** promovem o desenvolvimento social, o crescimento econômico e a cultura de uma nação. De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

As **universidades** são espaços de produção de conhecimento, troca de ideias e socialização de cidadãos e cidadãs que, na figura de alunxs, professorxs e pesquisadorxs, atuam em prol da ciência. Para além da formação profissional, a universidade é o ambiente no qual a produção científica acontece e promove o progresso de um país em todas as áreas do conhecimento.

**É incontestável, no mundo inteiro, o valor e o significado da produção científica de uma nação.**

No final de abril de 2019, o Ministério da Educação (MEC) bloqueou uma parte do orçamento das **63 universidades** e dos **38 institutos federais** de ensino. O corte, segundo o governo, foi aplicado sobre gastos não obrigatórios, como água, luz, serviços terceirizados, obras, equipamentos e **realização de pesquisas**.

Na prática, o **corte de R\$ 1,7 bilhão** impossibilita o funcionamento das universidades, **afeta mais de 8 milhões de alunos** matriculados, além de comprometer o **futuro de milhões de jovens** que não poderão entrar no ensino superior.

Essa medida impacta também professorxs, técnicxs, profissio-

Fonte: Acervo do autor

Ao longo da redação da carta, o primeiro autor desta tese assumiu uma postura crítica ao documento, apontando a ineficácia para cumprir o objetivo principal estabelecido. O primeiro autor, que já havia iniciado a jornada de compreensão do ativismo e naquele momento estava encharcado pela intensidade causada pela perturbação e desestabilização caracterizadas em autores como Jones (2002) e Atton (2002) fez um movimento em direção à oposição enérgica contra a carta. Para isto, estabeleceu uma argumentação razoável, explicitando motivos que poderiam levar ao insucesso em estabelecer um diálogo com a sociedade — o objetivo principal estabelecido para este artefato, para relembrarmos.

As críticas desenvolvidas pelo primeiro autor desta tese abordavam:

- *A extensão do documento.* A provocação era clara: qual cidadão que não pertencia ao “círculo acadêmico” disponibilizaria o tempo necessário para ler 3 páginas?



- *Os excessos de dados expressos por números e mais números em demasia.* Qual sensibilidade tais números, genéricos, expressavam? Pouco diziam da situação em si, ou pior: pela sua generalidade e distância, poderiam dizer ao contrário. Pensemos em um cidadão comum, que recebe salário-mínimo, lendo um pedido de retomada de investimento na ordem de 3,7 milhões?
- *a impossibilidade de abandonar a linguagem acadêmica.* Ao desenvolver um documento calcado em uma retórica rebuscada, que diálogo se estabelecia com a sociedade? Com aquele rebuscamento, com excesso de termos elaborados, conseguiria se fazer entender ao cidadão comum?

A carta sofreu modificações transformando-se também em um espaço de coleta de assinaturas, no entanto sua redação continuava extensa, repleta de dados e com linguagem rebuscada — e as críticas, inseridas como comentários no Google Docs, foram ignoradas. Concomitante com a carta, outra iniciativa ocupava parte dos participantes: a criação do nome Vozes pela Ciência e de sua identidade visual — expressa em uma marca — além da criação de canais digitais próprios para divulgação do seu posicionamento.

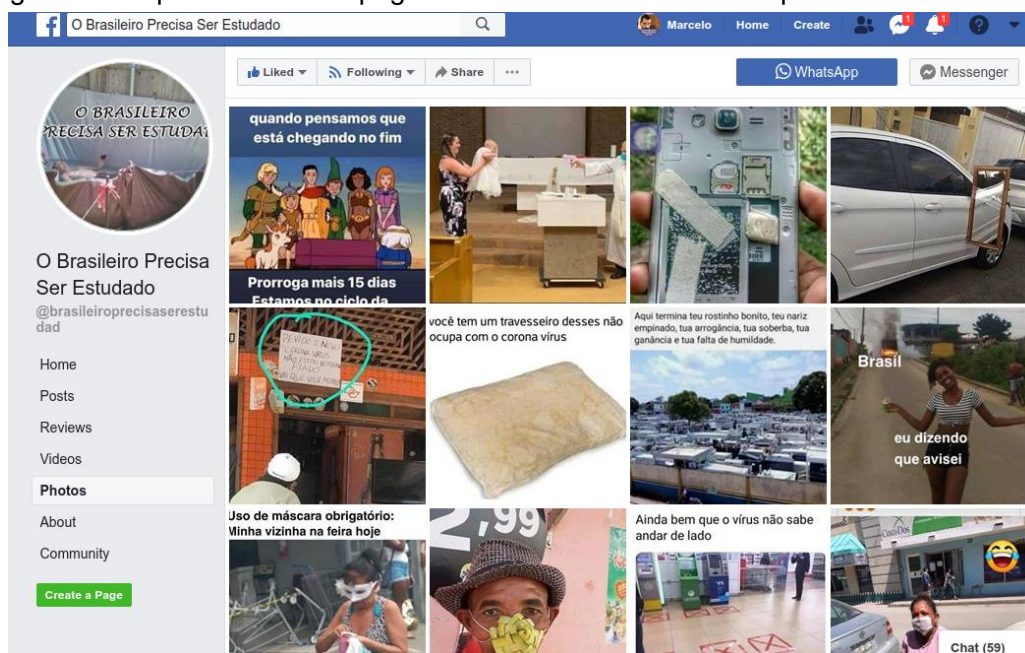
Impulsionado pelo desconforto que o primeiro autor sentiu ao ver a empolgação do grupo em torno da marca, o primeiro autor desta tese novamente optou por uma abordagem afeita à desestabilização. Neste movimento, atacou frontalmente a linguagem científica como havia feito na carta de repúdio, experimentando algo mais incisivo e impróprio para os parâmetros até então estabelecidos pelo Vozes pela Ciência.

A proposta: se desejávamos falar com o cidadão comum, deveríamos nos aproximar de quem, de fato, dialoga com o cidadão comum. Isto é, assumir ações que falem a língua do povo. Foi apresentado ao grupo o perfil no Instagram “GIFS EDUCATIVOS” (fig. 12), e a página no Facebook “O BRASILEIRO PRECISA SER ESTUDO” (fig. 13). A primeira, ocupada em traduzir conhecimentos científicos em uma linguagem baseada em memes, e a segunda, ocupada em compartilhar imagens de usuários inscritos ou captadas em buscadores e outros canais, ilustrava situações corriqueiras do dia a dia do brasileiro.

Figura 12. Captura de tela do *feed* do Instagram “GIFs educativos”

Fonte: Acervo do autor

Figura 13. Captura de tela da página do Facebook “O brasileiro precisa ser estudado”



Fonte: Acervo do autor

Ambas as iniciativas, com altíssimo número de seguidores, eram particularmente interessantes pelo alto teor de humor e descontração que informa a cultura digital contemporânea.

Neste momento inicial da jornada da tese, nossa leitura era afeita à perturbação e ao “*estrage*”, e adotamos como estratégia a promoção de uma reflexão pelo incomum. Optando pelo que não seria “de bom-tom”, naquela situação, experimentamos outra forma de discutir sobre pautas sociais fora do que os membros do grupo estavam acostumados. Também, contornamos a sisudez sem perder de

vista o diálogo. Quer dizer, tanto “GIFs educativos” quanto “O brasileiro precisa ser estudo” dialogam com o objetivo declarado do Vozes pela Ciência: alcançar o cidadão comum comunicando do jeito deles.

No entanto, os comentários emitidos pelos participantes do Vozes pela Ciência (ex.: “mas isto não é sério, é uma página de humor” ou “usar gifs desvaloriza o trabalho de pesquisa”) revelavam algo maior que os interesses declarados. Isto é, mesmo que o primeiro autor desta tese tenha tomado cuidados ao resgatar qual o objetivo declarado pelo grupo Vozes pela Ciência e tenha argumentado como a proposta feita por ele era coerente, tais ações não se mostraram suficientes para levar adiante sua proposta. Deixando de lado problematizações como, por exemplo, o que seria “cidadão comum”, a experimentação foi suficiente para conduzir uma observação das reações e o quanto os participantes se afetariam frente a intensidade. Ao propormos um humor escrachado, pujante, que chamaria a atenção pelo seu ineditismo, a estratégia de *estrago* foi feita e permitiu recolher informações pertinentes para o desenvolvimento da nossa argumentação. Mesmo que, na situação em si, evidencie também que falhamos miseravelmente em estabelecer diálogo.

Logo, o que se evidencia neste espaço experimental, tanto na intervenção relatada na carta quanto na proposta de aproximação com canais populares, foi a incapacidade de impulsionar o grupo a um deslocamento de seus papéis, mesmo que isto estivesse numa declaração de interesses expressos pela situação problemática coletivamente estabelecida. O estrago foi feito, a sisudez foi rompida, mas o diálogo não se estabeleceu e não foi suficiente para levar a uma reflexão sobre o tema.

## **5.2. Afrodite Gorda**

A prática experimental Afrodite Gorda foi realizada em dezembro de 2020, temporalmente distante de Vozes pela Ciência, No entanto, posicionamos um após o outro pois ambas se debruçam sobre questões relativas às dificuldades de pesquisadores em articular saberes científicos com saberes comuns. De fato, ficou latente desde a prática experimental Vozes pela Ciências o desconforto de não termos sido hábeis o suficiente para estabelecer um diálogo. Conforme a tese avançava em leituras e observações de campo informais, amadurecemos nossa compreensão sobre ativismo e design, tornando-se profícuo voltar à temática. Só que, desta vez

observando como pesquisadores reagiram quando confrontados por algo que colocasse em xeque como a comunicação científica é feita.

Em um primeiro momento o primeiro autor desta tese considerou realizar uma experimentação, publicando algo que em termos argumentativos adotaria a estratégia do “*estrago*” e contaria com intervenções que equilibrassem astutamente uma atuação mediadora e atenta à situação — o “*veja bem*”. No entanto, a situação nos levou para outros caminhos, de observação e análise de uma ativista que já havia feito algo similar ao que consideramos fazer.

O primeiro autor desta tese participa de grupos e associações de Pós-graduandos e, em determinado momento, encontrou no grupo de ‘Bolsistas CAPES’ um compartilhamento que oferecia material suficiente para análise. A publicação, realizada sem texto de apoio por uma participante do grupo, trazia uma captura de tela de uma postagem feita no Twitter pelo apelido Afrodite Gorda. (fig. 14)

Figura 14. Captura de tela da postagem realizada na página do Facebook ‘Bolsistas CAPES’ usando a postagem feita no Twitter por Afrodite Gorda



Fonte: Acervo do autor

A postagem, com um alcance de mais de 1400 reações e com 337 interações por comentário, nos fornecia material farto para análise — e veio a calhar, afinal a nossa postagem poderia não ter engajamento algum e não fornecer material para analisar conteúdo.

Para avançar na análise, organizamos em um documento em Excel. Após um longo percurso nossa de experimental formas de organização dos dados que nos auxiliasse a visualizar informações importantes sobre as reações na postagem, chegamos a um modelo de planilha que apresenta 1) os autores dos comentários; 2) os conteúdos dos comentários; 3) as reações nos padrões do Facebook (*like, love, care, hhha'd, wow, sad, angry*), 4) a posição tomada frente a postagem de Afrodite Gorda ou a algum comentário feito sobre a postagem original; 5) os modos com os comentários foram elaborados (i.e.: com deboche) e 4) posição frente às dificuldades de pesquisadores em articular saberes científicos com saberes comuns evidenciadas. (Fig. 15)

Figura 15. Captura de tela do documento Excel desenvolvido pelo autor para navegar pelos comentários e realizar o agrupamento das reações

Autor	comentário	like	haha'd	love	care	posição frente a postagem original?	argumento?	recurso (modos)	posição frente aos saberes dos especialistas	Conceitos e temáticas...
Henrique Garcia	A postagem é ruim pq é exagerada. Por outro lado é sim necessária divulgação do trabalho científico para as massas. Assim como é necessário publicar os trabalhos em revistas e congressos com todo o rigor científico. Seu trabalho é complexo demais? Tudo bem. Mas não acredito que não exista alguma parte dele que possa ser "simplicíavel" a ponto de poder ser entendido por quem está longe dos livros. Não precisa fazer sua tese em quadrinhos. Precisa lembrar que a academia não termina em si mesma.	15		2		discreto da forma, mas concorda com a mensagem.	sim	o discurso é diplomático, avançando tanto na necessidade da divulgação científica quanto a articulação entre os pares.	crítica diplomática a ciência que se encerra em si	exagero
Raphael F. Lopes Farias	O ideal seria dar condições para que mais pessoas pudessem compreender o que bem. No mais, existe problema de divulgação científica, que deveria, ironicamente, ser mais divulgado.	3						diplomático, propositivo	não toca	divulgação científica
Denís Luiz	Acho que o ponto mais plausível de toda essa discussão é a questão pesquisador vs divulgador científico. Estamos em um país que para ser pesquisador e ter uma linha de pesquisa (na maioria das vezes) somos obrigados a concursar no cargo pesquisador/professor, salvo exceções. Sabemos que muitos são bons professores e não tão bons com pesquisa e vice e versa. Durante nossa jornada acadêmica, em algumas áreas somos obrigados a saber inglês, escrever bem, comunicar bem, além de nossas atribuições rotineiras dentro da pesquisa, algumas dessas partes até terceirizamos com a tradução de artigos, mas que muitos se cobram o mínimo para entendê-los. Isso já não me parece um grande incômodo na nossa área científica, mas quando o assunto é simplificar o trabalho na própria língua o incômodo muda, ao menos aqui nessa postagem. Hoje, ainda bem temos divulgadores científicos, mesmo que não seja da área de divulgação, que é bom com comunicação, mas ajuda bastante também esses profissionais entender a pesquisa que será divulgada, muito além da metodologia, resultados e discussão que fica no linguajar de cada área específica. Eu sendo da molecular tenho dificuldade em ler artigos que não sejam da minha área devido a falta de costume com termos específicos, ainda mais quando estão em inglês. Acredito que se em uma banca alguém na arguição pedir que o aluno explique e resuma o trabalho em poucas palavras e sem termos técnicos ele poderá fazer naquele momento sem muito sacrifício a fim de ser aprovado na defesa, e algo que contribua pro público que está assistindo a defesa entender, o mesmo vejo em revista cobrando infográficos em artigos publicados. Acho que essa discussão vai além do meme, de querer vencer no debate. Por meio dessa discussão e no momento crítico que vivemos, talvez...			1		concorda	sim	problematiza os comentários, que evidenciam o incômodo em simplificar a linguagem do trabalho científico	dificuldade de credência daquilo que se é especialista	pesquisador x divulgador científico

Fonte: Autor

Considerando que nosso interesse era coletar informações para entender como o provocativo comentário de Afrodite Gorda foi recebido e debatido, a coluna 5 (modos com os comentários foram elaborados) é o agrupamento ao qual nos debruçamos. Para tratar essas informações produzidas, a inspiração metodológica no método de Análise de Conteúdo (KRIPPENDORFF, 2012) em que observamos recursivamente, mas ao invés de perseguir homogeneidade e exclusividade expressa em categorias,

constituímos os agrupamentos pela exaustão (repetição da tipologia dos comentários).

Ao total, geramos 68 linhas de conteúdo no Excel, gerando os seguintes agrupamentos:

- **AGRESSIVIDADE**

A Afrodite Gorda foi agressiva, e a intenção de quem postou no grupo Bolsistas CAPES era incitar a agressividade. Logo, considerar o primeiro agrupamento em torno da agressividade é um óbvio necessário.

As nuances da agressividade, no entanto, demonstram recursos que valem ser notados. Reconhecemos, assim, a destituição da validade do debate como um recurso da agressividade expresso em *'Ah cara, sinceramente, não devolve ao mundo é muita ignorância. Desculpa, mas sério, é muita bobagem e mostra uma ignorância completa com relação à ciência [...] na boa, essa postura não é favorável a ciência, ela é sintomática do obscurantismo: não importa o que a ciência produz, o que importa é ela se conformar ao que EU entendo e quero que ela faça. Ao invés de entender POR QUE, ela tem essa linguagem complexa, quero que ela mude por inteiro pra me agradar.'* (linha 41), *'Quer que todo mundo abandone essa escrita super maçante e detalhada do mundo científico? Beleza, a gente só precisa deixar de fazer pesquisas aprofundadas, sérias e complexas pra fazer vídeo de YouTube explicando conceitos super gerais.'* (linha 63). Um dos autores descreve a postagem como *'populismo intelectual é coisa de ativista classe média lacrador'* (linha 14), em um claro ataque que não abre qualquer espaço para um diálogo.

Esta agressividade que desvalida o outro assume exageros e, conseqüentemente, elimina qualquer possibilidade de debate.

Identificamos, também, a crítica à superficialidade como recurso da agressividade. No entanto, a agressividade é velada, não direcionada a autora, mas é explicitada na distância intelectual com o outro. Tal recurso é expresso em *'eu utilizo Foucault no meu mestrado, posso dizer com convicção que nenhum metido a intelectual que é modinha na internet (se esse for o ponto) saiba do que está falando. Leem três linhas de Foucault e acham que entendem sobre esse [não] autor... Então até nisso eles 'pecam'* (linha 20) e no comentário feito ao comentário em *'Eu que acompanho Foucault, não consigo escrever em poucos caracteres os pensamentos*

dele, mas tem uns caras na internet que acham que sabem muito e insistem em comentar... 😞 É muito triste. Desserviço.’ (linha 21)

Apesar da valorização da erudição pela crítica à superficialidade com que se compreendem conceitos teóricos, o que se destaca nesse comentário é um retorno à agressividade daqueles que propõem um discurso acessível, chamando-os de modinha na internet ou lacradores.

- *DEBOCHE*

Adotando um recurso alternativo à agressividade, ao percorrer as postagens é possível reconhecer reações que optam pelo deboche. Como expressão do bom-humor, aliviam o peso para discordar e entram em sintonia com a própria argumentação da Afrodite Gorda. Expresso em *‘caramba, meu diploma não vale nada para a Afrodite... e agora?’* (linha 02) ou *‘kkkk oq será de nós, Afrodite me nota’* (linha 03) ambos trechos evidenciam haver motivação em engajar numa discussão, não afugentando ou desvalidando a posição da Afrodite Gorda, usando o recurso como um alívio à densidade do tema.

- *DIPLOMACIA*

Por fim, há uma quantidade de comentários que revelam a abertura a um diálogo a partir da postagem da Afrodite Gorda. Aliviando a crítica, estes comentários propõem uma reflexão que não necessariamente abandona a intensidade, mas toma forma na ampliação das visões distintas, como em *‘acredito que mais vale discutirmos as visões dentre nós pesquisadores de que vale a pena ou não na divulgação do nosso trabalho do que o “meme” da postagem.’* (linha 38) ou *‘O que me assustou foi mais os comentários do q a postagem, pelo que li estamos normalizando a terceirização da comunicação de nosso trabalho. Eu ainda acho isso preocupante, dá a impressão de que cada vez nos tornaremos mais técnicos e segmentados.’* (linha 53).

A abertura ao diálogo promove ainda a atenuação da agressividade do post da Afrodite Gorda, em um recurso de acolhimento à agressividade em *‘A postagem é ruim pq é exagerada. Por outro lado, é sim necessária divulgação do trabalho científico para as massas. Assim como é necessário publicar os trabalhos em revistas e congressos com todo o rigor científico. Seu trabalho é complexo demais? Tudo bem. Mas não acredito que não exista alguma parte dele que possa ser “simplificável” a*

*ponto de podem ser entendidos por quem está longe dos livros.*' (linha 07) e o comentário ao comentário em *'não precisa fazer sua tese em história em quadrinhos. Precisa lembrar que a academia não termina em si mesma.'* (linha 08)

Esta abertura ao diálogo, mesmo que em discordância com a forma da postagem, revela-se importante também toma forma de proposições, que levam além da observação crítica, como expresso em *'O ideal seria dar condições para que mais pessoas pudessem compreender o que leem. No mais, existe jornalismo de divulgação científica, que deveria, ironicamente, ser mais divulgado...'* (linha 30)

De modo geral, a profusão de comentários ecoava o interesse nos engajados em fazer a diferença em algo (Lane Eno, 1920, Blumer, 1939, 1951; Atkinson, 2017) e a adoção da intensidade, expressa na fomentação de conflitos (Atton, 2002), como apresentamos no marco teórico provisório na seção 4. No entanto, o que se evidencia neste espaço experimental a partir da observação, coleta de informações e análise dos agrupamentos é a incapacidade que o deboche tem, quando não articulado com astúcia, em estabelecer um diálogo. Recolhe-se desta situação uma estratégia de agir com diplomacia, em que retomamos o vocativo *"veja bem"*, apresentado na seção 3 aprimorado no marco teórico provisório na seção 4. Acrescentamos que a formação de coletivos (Blumer, 1939, 1951) que se interessam em modificar-se em colaboração (Atkinson, 2017) precisam do diálogo, ou arriscam afastar e repelir ao debate aqueles que se interessam pelas pautas ativistas e aqueles a quem as pautas ativistas deveriam afetar.

### **5.3. A Igreja do Empreendedorismo**

Em junho de 2020, a pesquisa ganhou uma oportunidade de um espaço experimental relacionado ao mercado: um convite para participar como palestrante na edição 2020 do evento *Innovation Weekend*. A edição, num formato denominado pelos promotores de *PHYGITAL* (*physical + digital* = evento físico mediado por tecnologia), trazia como temática *'TOMORROW — o amanhã é agora'*. O objetivo do evento é promover a conexão entre indivíduos e organizações que compõem o mercado da indústria criativa, sendo um espaço consagrado no Sul do país para debater sobre os rumos deste mercado.



Antes de seguir no relato, reconhecemos nesta prática experimental não exatamente um método, mas um modo de produção de informações particular ao qual temos nos dedicado, que pauta nossa posição sobre Design Estratégico: um agir que não visa domar o problema, mas organizar evidências que de alguma forma habilitam avançar (BATISTA, 2017), acolhendo o incomum e o impreciso em que “estratégias [...] se desenrolam frente aquilo que a situação apresenta, inviabilizando uma constituição apriorística da ação a ser tomada.” (MEYER *et. al.*, 2020, p. 37). Neste modo de produção de informações, “respeitar as idiossincrasias dos projetos e a geometria vulnerável que se coloca junto a eles, é uma posição política à medida que se afasta de uma pretensão à neutralidade e à unidade” (MEYER *et. al.* 2020, p. 12).

O convite, realizado por um dos professores do PPG-Design Unisinos, inseriu-se na programação do evento em um eixo dedicado a Inovações orientadas pelo Design (ou como o mercado prefere, *Design-driven-innovation*) e envolvia 15 pesquisadores em design em momentos profissionais distintos: professores, alunos e *aluminis* do programa, com titulações de pós-doutores, doutores, doutorandos, mestres e mestrandos.

A organização do grupo, na ferramenta de conversação WhatsApp, começou com um convite para que subgrupos se formassem, considerando que o eixo design teria um turno para os 35 minutos de palestra (20 min de apresentação, 15 min para perguntas), o que permitiria aproximadamente 10 apresentações. Desde o movimento inicial, formou-se um subgrupo com 4 pesquisadores e outro com 2 pesquisadores, fechando 11 apresentações. O autor formou um dos subgrupos, tanto por afinidade epistemológica com a pesquisadora e por uma questão de sobrevivência, pois não tinha a menor ideia do que fazer.

O próximo passo do grupo requisitava aos palestrantes das 11 apresentações o delineamento das temáticas que abordariam no Innovation Weekend. Dentre as primeiras temáticas apresentadas, enviadas por pesquisadores super entusiasmados (o crédito para constatação são os emojis em abundância) 03 chamavam atenção para seus títulos: *Smart Cities*, *Mom Rocks!* e *Rise above* (fig. 16)

Figura 16. Os títulos das palestras no eixo Design do Innovation Weekend 2020



Fonte: Acervo do autor

Se o evento, produzido e transmitido em português, era direcionado a pessoas que falavam português, por que adotar o anglicismo? A evidência de um colonialismo nas práticas do design esboçado em Fry (2017), esboçado na seção 3, foi a motivação para pensar sobre como conduziríamos nossa palestra no evento — e, conseqüentemente, usar o material produzido como uma prática experimental relevante de relatar na tese.

A crítica repousaria em dois pontos: nos arranjos sociais formados no mercado de inovação e, obviamente, na linguagem adotada por estes arranjos, repleta de anglicismos. Deste movimento surgiu a palestra “*Design, approach, target, budget: tudo lindo, só falta combinar com os russos*”, conduzida pelo primeiro autor desta tese e sua colega pesquisadora, ambos com ampla experiência no mercado publicitário gaúcho (fig. 17).

Figura 17. Materiais de divulgação da palestra: o momento de experimentar o humor “com os primeiros russos”: o grupo que do eixo Design no Innovation Weekend 2020



**“Design, approach, target, budget: tudo lindo, só falta combinar com os russos”**

Na igreja do empreendedorismo de sucesso, processos e linguagem criam uma cultura de certezas que, não raro, nos afasta justamente das pessoas a quem queremos (nos) vender. E se o design te convidar a chafurdar na lama e usar “o que temos para hoje” quando se trata de projetar para as pessoas? Nesta palestra trataremos de gambiarra e de modos de estabelecer diálogo com quem importa e é esquecido as margens - e não com seu colega engravatado do prédio ao lado”

Fonte: Acervo do autor

A apresentação, realizada para uma audiência de aproximadamente 300 inscritos no evento desenrolou-se em três momentos distintos: apresentar a Igreja do Empreendedorismo, avançar a problematização dos processos e linguagens repletos de anglicismo e a proposição de empregar termos corriqueiros do dia-dia do cidadão comum para efetuar práticas interessadas em projetar inovações situadas.

A caracterização da Igreja do Empreendedorismo apresentou paralelos entre rituais e crenças nos universos religiosos e do empreendedorismo, sugerindo que o empreendedorismo também forma uma igreja em que fiéis se afiliam com fervor. Os rituais foram evidenciados pelas vestimentas e os agrupamentos (figura 18a), e as crenças foram evidenciadas por artefatos: a vela para o religioso e o *post-it* para o designer interessado em inovação (figura 18b) sugerem que seu uso permitirá que as graças serão alcançadas — cada qual em sua igreja.

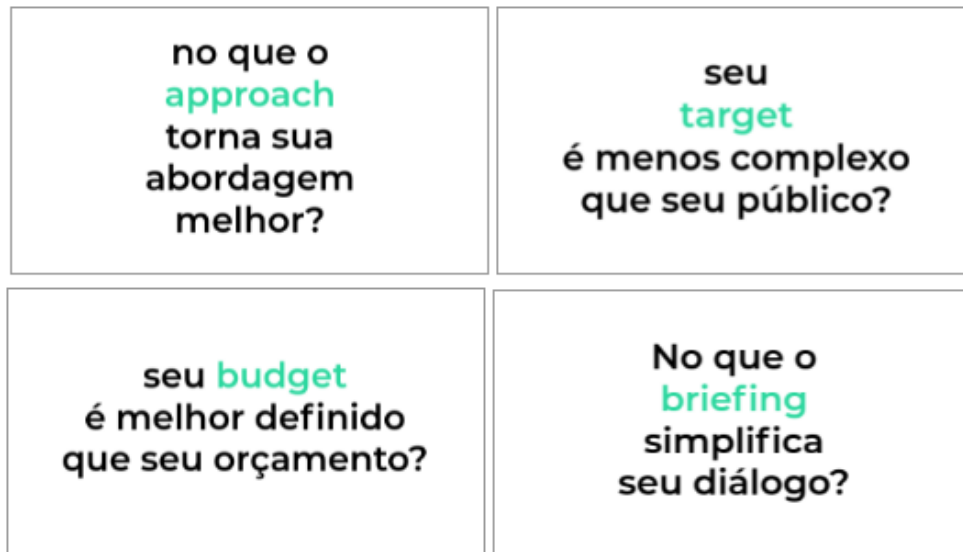
Figuras 18. Telas da apresentação realizada no Innovation Weekend traçando os paralelos entre religião (a) e empreendedorismo à brasileira (b)



Fonte: Acervo do autor

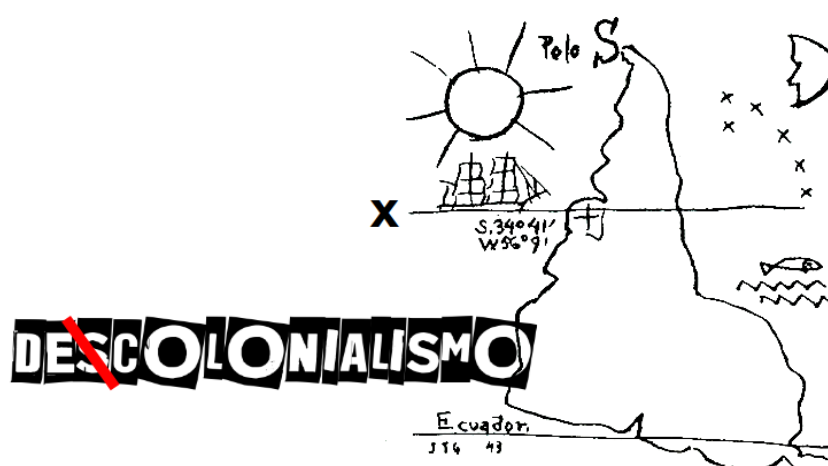
A problematização dos processos e linguagens mergulhou na radicalidade e foi enfático, com perguntas interessadas em desestabilizar as certezas ritualísticas dos termos em inglês no dia a dia do empreendedor (figura 19a, b, c e d). Propondo que tal prática, além de não garantir nada além de *status* entre os pares, distanciava empreendedores que querem inovar daqueles a quem interessam a inovação em uma perspectiva decolonial (figura 20). Talvez esta tenha sido a maior ousadia realizada no seio dos seguidores da Igreja do Empreendedorismo.

Figuras 19. Telas da apresentação realizada no Innovation Weekend com perguntas que colocam desestabilizam e provocam a audiência perguntando em que o uso de termos em inglês sobrepõe o uso de termos em português



Fonte: Acervo do autor

Figura 20. Tela de apresentação realizada no Innovation Weekend que servia como suporte para explicitar o quão colonizados são culturalmente os empreendedores brasileiros



Fonte: Acervo do autor

Por fim, a provocação final trazia uma analogia à frase célebre de Garrincha que criticou as estratégias e táticas hermeticamente fechadas pelo treinador brasileiro como ineficazes em uma partida contra a Rússia (figura 21a). O *combinar com os russos*, traduzido para o contexto da inovação, seria orientado por um design que chafurda na situação (figura 21b), convive com os problemas sem intenção de eliminá-los ou resolvê-los numa lógica programática (figura 21c) e que pela gambiarra é hábil em adaptar aquilo que a situação problemática a enfrentar oferece (figura 21d), no que definimos como “o que temos para hoje”.

Figuras 21. Telas de apresentação realizada no Innovation Weekend com a nossa proposição argumentativa: o design à brasileira feito com ‘o que temos pra hoje’



Fonte: Acervo do autor

A apresentação foi retomada para um debate em um segundo horário, com audiência de mais de 700 inscritos no evento. Aprofundarem-se, neste encontro, temáticas acerca da decolonização das práticas de inovação. Uma das proposições abordadas é a de que adotar uma linguagem coloquial não necessariamente muda as práticas filiadas à cultura do norte, mas ao intervir e expor o anglicismo exacerbado promove uma reflexão sobre. Esta suspensão momentânea da ordem, rompendo com a ordem por alterar minimamente algo considerado ‘normal’. Avançou-se, ainda, a discussão sobre o branding de Inovação Social, que opera ainda em dicotomia com a Inovação mercadológica — como se uma não se encontrasse com a outra.

Se lá atrás, na seção 3, problematizamos que o ativismo do design se leva a sério demais e esta seriedade excessiva, aqui isso é explorado com intensidade. Arriscamos ser mal interpretados se a audiência entendesse o que fizemos como deboche, algo que constatamos na prática experimental Afrodite Gorda. Para contornar isto, adotamos o humor e nos posicionamos como parte daquele universo, e não como algo externo a ele, apenas criticando.

O que a experimentação evidencia é que a adoção do humor à estratégia ativista pode encostar no “*estrago*”, mas posicionando-se como parte da situação problemática não repele aqueles a quem a situação ativista quer falar atentos ao debate. Indo além, isto não significa tirar a intensidade e ser menos ativista no senso

comum do termo: desestabiliza-se e perturba o *status quo* sendo diplomático, atuando não como o “basta”, que se posiciona externo ao *status quo*, mas como alguém que faz parte e resolveu pensar a respeito, tirar da normalidade e propõe “*veja bem*” sobre as práticas.

#### 5.4. Reddit x Bolsa de Valores

Em janeiro de 2021 a tese já tinha lastro. Além de ter sobrevivido a pré-qualificação e ter iniciado sua abertura à comunidade científica em artigos apresentados e debatidos em eventos acadêmicos<sup>32</sup>, havia percorrido por espaços experimentais diversos — alguns, inclusive, que não sobreviveram o percurso necessário para compor o panorama final apresentado nesta tese. Inspirados em estudo de caso com acesso a fontes secundárias de pesquisa, apresentamos o embate entre a Bolsa de Valores e um pequeno grupo de investidores de pequeno porte na bolsa de valores, um evento inédito no mercado financeiro promovido por ativistas que sequer se posicionaram como ativistas.

O estopim do evento: as ações da GameStop, empresa varejista de jogos de videogame e entretenimento subiram mais de 1.700% bolsa de Nova Iorque. O aumento começou em 11 de janeiro de 2021 por um motivo entendido como corriqueiro e legítimo pelo mercado financeiro: a empresa anunciou que havia acrescentado três novos diretores ao conselho e os investidores gostaram do fato de um deles, ex-CEO de uma grande companhia de games, ter trazido a experiência digital para à empresa, que enfrentava dificuldades financeiras. À medida que os videogames se tornam digitais e os shoppings continuam se tornando elefantes brancos nos EUA, a expectativa era que a GameStop perderia dinheiro em 2021 e 2022 devido à restrição de circulação em lojas físicas pela crise sanitária do COVID-19 e as mudanças profundas no comportamento do consumidor a partir do seu

---

<sup>32</sup> As apresentações foram realizadas no 15<sup>th</sup> Participatory Design Conference (Which kind of participation can we expect for Participatory Design through activism strategies?), no II Colóquio de Pesquisa e Design (Colonialidade e Ativismo no Design), 3<sup>o</sup> Design Culture Symposium (A emergência da diplomacia no ativismo a partir de uma prática experimental), IV Jornada de Estudos Avançados em Design Estratégico (Confissões e Alcione: sussurros e afetos na exploração do design sem pretensões de salvar o mundo) e NA PhD by Design Symposium 2021 (Strategies in design activism: methodological troubles). Algumas publicadas em anais, outras não

impacto nas dinâmicas sociais<sup>33</sup>. Em suma, o crescimento das vendas da GameStop estava lento porque os jogadores não precisam mais ir ao shopping comprar jogos ou consoles, logo, as lojas físicas da GameStop estariam fadadas a mergulhar em crise. Dito isso, alguns investidores argumentaram que o GameStop foi seriamente desvalorizado, especialmente quando os videogames se tornaram a base da era pandêmica de ficar em casa (CNN, 2021).

A elite de Wall Street e das bolsas do mundo, como a Ibovespa (IBOV) encaram isto como um dia comum — isto é, mais um dia em que a especulação financeira lucraria com a derrocada da organização. Esta elite são empresas em que milhões de pessoas confiam para tomar as decisões inteligentes que impulsionam seus portfólios de ações, alcançando rendas médias anuais de 25 a 30% ao ano. Sua base de operação é o que se chama *hedge*: vendedores apostando em ações de empresas que *irão quebrar* vendendo um ativo que não é propriedade deles, mas *alugada* por eles.

No entanto, como a compra de ações foi afetada significativamente por *FinTechs* e aplicativos gratuitos como o Robinhood não foi considerada pela elite de Wall Street. As tecnologias das *FinTechs* democratizaram os investimentos, dando acesso livre a instrumentos de negociação avançados. O surgimento também de páginas no Reddit dedicadas ao *faça você mesmo* na bolsa também ganhou força em 2020, sendo a mais popular WallStreetBets.

E voltamos a GameStop. A empresa, queridinha de uma geração *nerd*, havia se tornado o alvo da elite de Wall Street — e isto não poderia acontecer. A geração GameStop, que debate sobre os mais diversos assuntos no Reddit, após a notícia que a elite de Wall Street estava lucrando com a destruição de um patrimônio de uma era, coordenaram via canais de conversa no Reddit uma ação de *day trade* para elevar o preço das ações de empresas em dificuldades incluindo, além da GameStop (GME), a BlackBerry (BB), Macy 's (M) e AMC (AMC).

---

<sup>33</sup> Para mais informações, indicamos as pesquisas EY Future Consumer Index 2021 (disponível em [https://www.ey.com/pt\\_br/consumer-products-retail/ey-future-consumer-index-2021](https://www.ey.com/pt_br/consumer-products-retail/ey-future-consumer-index-2021)) e Deloitte Global State of the Consumer Tracker 2021 e 20221 (disponíveis em <https://www2.deloitte.com/br/pt/pages/consumer-business/articles/global-state-consumer-tracker.html>)

Após o movimento dos *nerds* Reedit, o valor das ações da GameStop subiu para 57%. Depois, 27%. Na semana seguinte, aumentou 10% duas vezes e 51% outro dia. Na semana 4 (25 a 29/01/2021) aumentou mais 18%, depois 93%.

Uma história semelhante estava acontecendo com ações da AMC, a rede de cinemas devastada pela pandemia. As ações do novo jogo da WSB subiram mais de 200% no mesmo dia 27/01, depois que os membros do conselho do Reddit e investidores da Robinhood divulgaram a ação coordenada de day trade com a hashtag #SaveAMC foi no Twitter.

Na quarta-feira, dia 27/01/2021, enquanto os três principais índices de ações despencaram mundo afora, a GameStop alcançou a impressionante alta de 134%. Para deixar mais claro, ao leitor, o que isto significa: em 27/01/2020 uma única ação da GameStop custava cerca de US\$ 4. Em 27/01/2021, após as ações coordenadas dos *nerds*, custava US \$200.

A razão é dupla, ambas muito distantes de qualquer coisa relacionada à força fundamental da empresa: os investidores que seguiram o grupo Reddit compraram uma tonelada de opções da GameStop e os vendedores a descoberto — a elite de Wall Street — tiveram que comprar ações para cobrir seus lances perdedores.

AMC e GameStop dispararam tão rapidamente que acionaram paradas automáticas destinadas a proteger as Bolsas de Valores contra a volatilidade extrema<sup>34</sup>. Nos dias que se seguiram, plataformas de negociação (incluindo a Robinhood) restringiram as negociações no AMC e GameStop. Por fim, no dia 28/01/2021 o Comitê de Serviços Financeiros da Câmara dos EUA realizou uma audiência procurando por sinais de *manipulação do mercado*<sup>35</sup> — incentivados, obviamente, pela elite de Wall Street, levando o *mercado* a comemorar mais uma vitória (fig. 22)

---

<sup>34</sup> Conhecido como *circuit break*, as paradas automáticas são acionadas quando a bolsa cai mais de 10 pontos, fechado por uma hora para os investidores esfriarem os ânimos. Aconteceu pela última vez no Brasil em março de 2020, quando a crise sanitária atingiu o *status* de pandemia e restrições de circulação foram anunciados, assustando os investidores

<sup>35</sup> O Comitê de Serviços Financeiros da Câmara dos EUA ouviu depoimentos dos chefes da Robinhood, Citadel, Melvin Capital e Reddit Keith Gill, conhecidos pelos usuários do Reddit como Roaring Kitty. Gill foi alvo de uma ação coletiva com alegação de fraude em títulos, na quarta-feira. O processo foi movido pela firma de ação coletiva Hagens Berman Sobol Shapiro em nome de Christian Lovin, do estado de Washington, e indivíduos em situação semelhante, informou a Bloomberg.(INVESTING, 2021)



Figura 22. Captura de tela da página Investing.com em 29/01/2021: o mercado que se autorregula, *veja bem*, precisa da legislação para se proteger e regular suas práticas (e a mídia especializada, onde está? Ao seu lado)



Fonte: Acervo do autor

A saga GameStop é uma batalha da nova escola contra a velha escola, amador contra profissional, rebeldes contra o sistema que pegou a elite Wall Street legalmente, isto é, não burlou nenhuma regra ou descumpriu qualquer legislação vigente — apenas jogou o jogo da elite de Wall Street, fazendo-os provar do seu próprio veneno.

Se saímos do relato da Igreja do Empreendedorismo com uma estratégia ativista afeita ao “*estrago*”, que promove o “*veja bem*” pela diplomacia e pelo humor, aqui em Reddit x Bolsa de Valores vemos algo que avança a perspectiva de mudança de sistema: o mercado financeiro sob a égide liberal, que se autorregula, foi desestabilizado legalmente de dentro pra fora, ao ponto de grandes empresas pedirem intervenção legislativa para a regulação dos acessos a investimentos de grupos emergentes — ou melhor, manter o *establishment* ao seu favor.

Retiramos, da observação desta prática experimental, o reforço do argumento que encerramos Igreja do Empreendedorismo: a estratégia ativista pode articular as mudanças de dentro do *status quo* ao invés de posicionar-se externamente a ele.

### 5.5. “Tudo bem por aí?” e “Tela... Sala de Espera”

Voltamos em maio de 2020, no auge das restrições sanitárias causadas pela pandemia do COVID-19. Apesar de aparentemente alheia à temática do ativismo, os dois cases que compõem esta prática experimental, promovem uma nuance de estratégia ativista sensível, voltada a práticas de cuidado, diferente do que apresentamos em 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4, promovendo outro tipo de tensão nas estratégias.

“**Tudo bem por aí?**” é um experimento que explora os impactos do COVID-19 na vida do Pós-graduando. A pesquisa abria espaços para os estudantes comentarem sobre suas vidas frente a pandemia, a evolução dos seus trabalhos e como seus programas têm se posicionado durante esta crise.

Interessados em abrir espaço para que vozes não ouvidas se manifestassem, nos apropriamos de uma ferramenta prosaica (Google Forms) para abrir diálogo com alunos de Pós-graduação no Brasil para que eles colocassem “para fora” como lidavam com as angústias frente ao COVID-19.

Adotando uma perspectiva do cuidado a partir de autoras relevantes dos estudos feministas (Haraway, 1988) e cuidado (Bellacasa, 2016), assumimos uma prática de escuta, pouco nos interessando por eixos de investigação qualitativos e menos ainda por aferições quantitativas. Deixamos de lado protocolos de coleta de dados e adotamos a simplicidade com guia, ocupando-nos em encontrar uma linguagem cuidadosa e próxima na pergunta “Tudo bem por aí?” e deixando espaço livre e sem limites de caracteres para as possíveis respostas. Há poucos detalhes e informações, reforçando tanto na divulgação (fig. 23a) quanto nas interações geradas (fig. 23b).

Figuras 23. Capturas de tela do experimento “Tudo bem por aí?”: a postagem realizada (a) e a interação por comentários (b)



Fonte: Acervo do autor

Publicada nas redes sociais e aplicativos de conversação dos autores na noite do dia 24/05/2020, a pesquisa conta com 76 respostas após 7 dias, devendo ser encerrada em 07/06/2020 após um segundo movimento de divulgação.

Notou-se, nos relatos pungentes e detalhados sobre a realidade dos estudantes de *stricto sensu* brasileiros em meio à COVID-19, evidências de vozes suprimidas e negligenciadas em suas situações. Orientadores omissos, programas de pós-graduação pouco empáticos e demasiadamente focados em produtividade, demandas insensíveis à realidade dos alunos eram algumas das queixas relatadas pelos respondentes, protegidos pelo anonimato de suas falas:

“A coordenação manda longos e-mails que soam preocupados com o bem-estar dos alunos mas que, se podarmos as delicadezas politicamente corretas, se resumem a ‘você precisa produzir como se não estivesse acontecendo nada, não haverá prorrogações, precisamos manter a imagem do programa’, (INFORMANTE 81).

Embora a transposição do modelo presencial para a plataforma online tenha sido mencionada como uma barreira (ou, ainda, um estorvo) ao aprendizado, chama a atenção que muitos dos clamores não são oriundos da adoção da plataforma tecnológica digital. Em outros termos, as vozes revelam, ante o atrito da situação-limite da pandemia, desconfortos e desacertos ocasionados pela falta de cuidado, como no trecho informado acima.

A pesquisa realizada com os alunos da pós-graduação, via WhatsApp, sondava níveis de engajamento síncronos, adesão à ampliação de conteúdos e abria-se a algumas perguntas além da disciplina, como quais os propósitos de vida e como estavam sentindo a distância física dos colegas. A partir das respostas, em que alunos

indicavam ter um grau de ansiedade alto devido a questões de esferas distintas (desde a aridez de uma disciplina com um nome pesado — “mídiação em moda” — até as dificuldades tecnológicas enfrentadas em aulas longas), destacou-se uma declaração acerca do cansaço em ver PPT feio.

O experimento “Tela... Sala de Espera” (figuras 24a e b) contou com telas de espera que ofereciam um envoltório inusitado, interessado em ressignificar a mensagem protocolar do acordo pedagógico. Indo de encontro aos relatos dos alunos, provocava um começo dos encontros com bom-humor, leveza e principalmente acolhimento.

Figura 24. Capturas das telas da apresentação interativa elaboradas no experimento “Tela... Sala de Espera”



Fonte: Acervo do autor

Além do visual composto a partir de colagens que insinuavam o caráter improvisado característico do período da pandemia, uma trilha sonora com a cantora Alcione trazia os alunos de volta ao território afetivo. No segundo encontro, outra sala de espera surgiu e, a partir das dúvidas que emergiram nas resenhas produzidas pelos alunos, neste outro espaço com uma televisão maior o autor-docente aproveitou para retomar os conteúdos deficitários apresentando um vídeo de um youtuber e pesquisador de comunicação. Por fim, no terceiro encontro, a “sala de espera” retomava a leveza oferecendo uma playlist de canções populares em versões *lo-fi* com sonoridade suave, típicas de ambiente de sala de espera, convidando os alunos a cantarolar enquanto esperavam o horário da aula. Os fundos de tela simulavam ambientes com tintas realistas, complementados pela logotipia das instituições que abrigavam os cursos.

Considerou-se a realidade na elaboração de instrumento de acolhimento cuidadoso, tirando da centralidade as precariedades do acesso dos estudantes à aula em ambiente online — internet precária, crianças gritando ao fundo, vizinhos em obras

intermináveis. Interessado em aproximar-se afetivamente dos alunos em curtas 24 horas/aula, o experimento, enquanto uma hipointervenção (Tironi, 2005) quebrou o gelo do reconhecer-se virtualmente gerando risadas e apresentações fluidas entre os alunos no chat.

O agrupamento destas práticas experimentais ocorre diferentemente dos apresentados anteriormente: é pelo tipo de intervenção interessada em adotar recursos voltados a práticas de cuidado, ocupados de intervir minimamente em situações corriqueiras. Revelam, como estratégia do ativismo do design ocupado de situações corriqueiras e mundanas (Lenskjold *et. al.*, 2015; Tironi, 2018) que nem parecem ser design (Fry, 2005). Perseguindo a liberdade de experimentar, esquece o que é ou não de bom-tom no ato de projetar.

## 6. REVISANDO O MARCO TEÓRICO A PARTIR DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS NAS PRÁTICAS EXPERIMENTAIS

Apresentaremos a seguir uma discussão acerca daquilo que as práticas experimentais revelam sobre estratégias ativistas, avançando em direção a uma nova articulação teórica que trata de estratégias diplomáticas com ênfase no humor. Avançaremos, a partir disto, nas subseções Em 6.1 apresentando a sofisticação do diálogo pelo conceito de diplomacia, a partir da proposição cosmopolítica *Stengeriana*. Em 6.2. apresentamos uma leitura direta do humor, apresentando a comédia observacional para debater sobre estratégias do cotidiano e mundanas do ativismo.

\*\*\*

A partir do que posicionamos na seção 4, estratégias do ativismo do design não como um método, mas como *ethos*, em que fazer design é ação política. Perseguindo a liberdade de experimentar, esquece o que é ou não de bom-tom no ato de projetar, promove a reflexão pelo estranhamento. Para alcançar este estranhamento, suas estratégias operam com os significados estéticos que remetem incomum, afeito ao “*estrago*” que perturba e promove outra forma de discutir sobre pautas sociais. Neste caminho, a estratégia do ativismo do design pode adotar a afeição ao “*estrago*” se equilibrar astutamente o “*veja bem*” para não cair no risco “basta” que leva a um processo de exclusão e afastamento das pautas ativistas.

Em Vozes pela Ciência, a principal questão que identificamos está expressa na falha. Agimos de forma ativista pelas prerrogativas estabelecidas na seção 4 operando significados estéticos que remetem ao incomum e ruidoso, afeito ao “*estrago*”. No entanto, isto não foi suficiente para mobilizar, por abandonar outra prerrogativa: o estabelecimento de diálogo. Ocupar-se em estabelecer um diálogo e usar do humor para estabelecer conexões com aqueles a quem interessa a pauta ativista também se revelou problemático em Afrodite Gorda: enveredar pelo deboche, não se articulado astutamente com a situação que demanda pelo agir ativista, repelindo ao debate.

A adoção do humor à estratégia ativista como algo que promove um diálogo e manter no debate os interessados a pauta ativista apresenta outro componente: estar inserido genuinamente no debate, posicionando-se como parte dele. Em Igreja do Empreendedorismo, intervir com humor pode chegar ao limite de um deboche, se

articulado astutamente ao seu lado, retomando o vocativo “*Veja bem*” intensidade da intervenção, que se posiciona como algo de dentro do *status quo*, e não externo. Isto também é importante à estratégia ativista que não recorre ao humor, mas à diplomacia: em Reddit x Bolsa de Valores a estratégia ativista ocupa-se de articular as mudanças de dentro do *status quo*, e não posicionando externamente. Diplomáticamente, escapa de ser “do contra” inclusive no método: usa dos arranjos econômicos vigentes e legalizados para propor um novo jogo, nada rebelde ou externo a ele.

Esta astúcia de articular-se sem rebeldia, em uma ação mínima, revela também que estratégias ativistas não precisam da grandiloquência e dos gritos de “Basta” para promoverem mudanças. Nos cases ‘Tudo bem por aí?’ e ‘Tela... Sala de espera’, as intervenções mínimas, despretensiosas, executam uma miríade de truques e interferências rotineiras que permitem lidar com a trajetória de danos. Especulando sobre as políticas de cuidado que emergem em cenários devastados — sejam eles o abandono confundido com autonomia do “Tudo bem por aí?” ou a perda do contato físico e os medos e inseguranças que “Tela... Sala de Espera” enfrenta - são práticas que dispensam a pretensão de um lugar eloquente e transformador do mundo-planeta, assumindo a intenção de um impacto reduzido e situado. Na intenção modesta e consciente, os experimentos atuam de forma ativista com situações emergentes no meio da crise.

O que se revela acerca das estratégias ativistas nestas práticas (articulação astuta do humor entre provocar pelo incomum e pela intensidade, mas posicionar-se modestamente *dentro* da situação) nos direciona a aprofundamentos acerca da proposição cosmopolítica *stengeriana*.

### **6.1. Sofisticação das estratégias ativistas pelo conceito de diplomacia**

A instalação de uma cultura cosmopolita parece depender, entre tantas outras coisas, da capacidade de acolhimento do diverso. Disto, é necessário cultivar uma postura de criação do novo pela disposição diante do divergente. Como trazer para perto o que insiste em se manter à distância, como vimos nas dificuldades de abandonar o discurso científico no Vozes pela Ciência, ou os repelidos pelo deboche e a agressividade, como vimos em Afrodite Gorda?

Quando nos debruçamos sobre a proposta cosmopolítica de Stengers, a crítica repousa nos fazeres que matam a interrogação. Em nome da *expertise*, dos imperativos econômicos, do bem comum, define-se quem são os interlocutores autorizados, a quem não se faculta o direito à voz e importa. Os demais, desvalidos, são assumidos como incapazes de ater-se à pureza descritiva e neutra dos fatos tidos incapazes, em diversos sentidos. Para pensar um novo que seja novo, Stengers propõe 3 figuras que permitem examinar de maneira bastante original as formas de autoridade e de autorização que advêm do saber teórico e técnico: o idiota, o especialista e o diplomata.

O idiota é, para Stengers (2018a), alguém que simplesmente hesita, que instala a dúvida, que cria uma interrogação e gera uma reflexão pelo não saber. O idiota contrapõe-se diretamente à figura do especialista, que, em seu apego à teoria, segue com seu conhecimento e sua prática evitando que estes sejam ameaçados pela experiência: “O especialista é aquele cuja prática não é ameaçada pelo problema discutido, e seu papel exigirá dele que se apresente, e apresente aquilo que sabe de um modo que não prejudique a maneira como esse conhecimento será levado em conta” (STENGERS, 2018a, p. 460).

A terceira figura, o diplomata, refere-se àqueles cuja prática é produtora de mediação. Engajados com a prática, seu papel é estar por entre saberes distintos em uma “cultura ativa da incerteza” (STENGERS, 2018a, p. 451). A atuação dos diplomatas é prolongar a abertura e multiplicidade de vozes, fazendo “(...) existir o heterogêneo contra a poderosa tentação de tomadas de posição em nome do que o é autorizado pelo interesse comum, pela ciência, pela razão, etc.” (STENGERS, 2008b, p. 452) e, acrescentamos aqui, fazer ativismo.

Partindo da proposta cosmopolítica, o ativismo do Design precisaria conquistar do idiota o tempo perdido, do diplomata o exercício da observação e da escuta, e dos especialistas o engajamento estratégico e tático. No entanto, a partir da posição que estamos constituindo sobre a estratégia ativista no design recorrer ao “*veja bem*” para não cair no risco “basta” que leva a um processo de exclusão e afastamento das pautas ativistas, a figura que nos interessa é a do diplomata.

De acordo com Stengers (2018b) o que é difícil e interessante na prática dos diplomatas é que estão frequentemente expostos à acusação de traição por haver desconfiança quando se posiciona por entre, caracterizando-o como uma figura que



atua numa *tensão irreduzível*. Por um lado, supõe-se que os diplomatas pertencem ao povo, ao grupo, ao País que representam; eles devem compartilhar suas esperanças e dúvidas, seus medos e sonhos. Entretanto, um diplomata também interage com outros diplomatas e deve ser um parceiro confiável para eles, aceitando como eles fazem as regras do jogo diplomático. Portanto, o diplomata não pode ser um com aqueles que representa.

Assumir este estar por entre, em mediação, dialoga como nossa leitura sobre estratégias com tradução de interesses, em que a diplomacia está como articulador que suspende o hábito de pensar que sabem o que sabem e que são quem são, em um exercício de prolongação das dúvidas. Isto é, o exercício diplomático se espera criar o *ethos* de uma interrogação que não visa apenas a reflexão sobre quem são, mas perseguir a descoberta do que de fato importa serem na situação que lhes interessa (STENGERS, 2018b)

Consideramos, frente ao exposto, estratégias ativistas do design que privilegiam a diplomacia da escuta, observação e que cultiva as incertezas “[...] exigindo a presença legítima ativa, objetante, propositiva, de todos os interessados”. (STENGERS, 2018, p. 454), onde o embate não é do contra ou a favor, mas da relação necessária das diferenças em encontro, sugerindo algo simples e extremamente complicado: desacelerar os raciocínios habituais e simplificadores em prol da experimentação de possibilidades outras.

Longe de ser um jogo de raciocínio habitual e lógico, recorreremos ao modo como a proposição Cosmopolítica lida e se posiciona no embate nas práticas sociais, em uma exigência que garanta ao ativismo do design uma recusa de se falar em nome do bem comum, da racionalidade, do progresso e, por que não, do equilíbrio de contas, da recuperação econômica, ou do design que “transforma o mundo” e é capaz de “produzir” inovações sociais. E é bem claro: não reza pela cartilha das teorias como entendida para reprodução universalismos que gerem singularidades e mantenham a promessa pouco sustentável de “equilíbrio”.

## **6.2. Sofisticação do conceito do humor para aprimorar as estratégias ativistas**

Estamos há alguns capítulos tratando indiretamente do humor. Quando apresentamos a crítica ao ativismo do design que se leva a sério demais, a sisudez

que o ativismo imprime frente às pautas sociais e, por fim, o humor está presente em todas as práticas experimentais. Explorando as práticas experimentais, é delas que recolhemos evidências mais pujantes: o humor em *Vozes pela Ciência*, apesar de adequado, repeliu; o humor em *Afrodite Gorda* assumiu-se debochado e não apenas repeliu, mas gerou agressividade; por fim, em *Igreja do Empreendedorismo*, o humor também enveredou pelo deboche, mas assumindo o autodeboche, não foi repellido.

A adoção do humor como ferramenta e agente de contestação social e ativismo político na atualidade ocupa Liesenberg (2015), que recorre Bakhtin (1999) e a percepção do mundo pelo rir, em especial no que apresenta e compreende o riso pelos seus princípios e ideais libertários como expressão de força atuante no social. As manifestações artísticas e o teor de crítica contido nestas expressões do humor delineiam, historicamente, uma cena alternativa ao dominante, de crítica a alta cultura e seus valores hegemônicos. (LIESENBERG, 2015)

Recorrendo à literatura do ativismo político, este delineamento alternativo ao dominante feito pelo humor é relacionado à produção de charges. Segundo Aragão (2007) as charges contam com elementos gráficos que conseguem abordar, de forma condensada e humorada, assuntos do dia a dia com críticas que expressam opinião, onde a primeira intenção é provocar o riso pela sátira. Henfil, famoso chargista brasileiro no período do Regime Militar, posiciona a consciência do humorista voltada a função do humor “[...] como terapia coletiva, socializando uma das principais funções psicológicas do riso: a de dissipar tensões lentamente acumuladas”.

No design especulativo, o humor é um recurso para abordar projetualmente aproximação às temáticas do cotidiano, evitando a necessidade de explicações complexas e permitindo ao informante se relacionar pessoalmente com as situações descritas, facilitando a construção da ponte perceptiva entre ele e o objeto especulativo (AUGER, 2013). É pela comédia observacional é uma das formas possíveis de apresentação do objeto especulativo, porque parte da observação irônica sobre o cotidiano, de detalhes familiares e até mesmo das suposições estereotipadas ou comumente aceitas para criar uma ponte perceptiva com o público e gerar propostas espetaculares

Retomando a argumentação que estamos constituindo, este humor que utiliza o mundano, o familiar e os aquilo que se faz presente em pequenos detalhes está no âmago da prática experimental “Tela... Sala de Espera”, onde o humor conseguiu

selar um compromisso ético-político que alivia as tensões pelo riso, dissipando questões dominantes do que se espera *protocolarmente* de um aluno em sala de aula, corrompe questões formais tipificadas sobre modos de agir. Situado naquela circunspeção (a turma de pós-graduação) conhecemos e nos relacionamos com as dificuldades da aula online, a estratégia se mostrou crucial à medida que pessoas e territórios sujeitos a diferentes tipos de violência lenta perseveraram em sua tentativa de viver nas ruínas (seja do desenvolvimentismo industrial tardio, seja da precariedade que uma crise sanitária promove no ensino). Nos enraíza em contextos conhecidos que limitam a necessidade de explicações complexas, devolvendo ao design a leveza perdida pela culpa expiada quanto ativista e, ao ativismo, devolvemos pelo humor mobilidade de ação e conexão genuína entre interesses distintos.

O que se evidenciou nos cases apresentados em 5.5 (Tela... Sala de Esperta) são situações que demandam uma estratégia ativista que demandou um tipo de ação contundente, mas sem perder de vista o diálogo e a diplomacia. Longe de marchas e gritos, são movimentos mínimos, hipointervenções (TIRONI, 2018) que se ocupam de mudanças sutis (LENSKJOLD *et. at.*, 2015).

## **7. O SEMINÁRIOS COM ATIVISTAS**

Para avançar no terceiro movimento da tese, consideramos fundamental retomar nosso percurso argumentativo por serem estes argumentos que colocamos à *prova*, isto é, levamos para debate com ativistas.

Para o terceiro movimento da tese, adotamos o método de seminário inspirado em Severino (1993). O método aspira fazer com que todos os participantes de um seminário realizem uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir da apresentação feita pelo proponente do tema do seminário. Recorrendo a recursos textuais, visuais e orais, o proponente do tema do seminário opta por utilizar este método porque busca novas perspectivas sobre um tema, realizando após sua realização uma apreciação do que surge das reflexões aprofundadas dos participantes.

Enquanto procedimento metodológico, o seminário inclui três etapas sucessivas: preparação, desenvolvimento e apreciação final. Cada uma das etapas

envolve ações particulares a cada seminário, adequadas em função da situação específica do tema proposto, dos participantes que se dispõem a participar e do tempo disponível (Severino, 1993). Independente dos recursos, é um método que pressupõe a oralidade, em que o proponente do seminário (no caso, o primeiro autor desta tese) deve esclarecer seu objetivo, apresentar e explicar seus argumentos e fomentar o debate sobre eles, fazendo revelar a visão que os participantes têm.

Na circunscrição desta tese, o objetivo foi apresentar a argumentação sobre estratégias ativistas no design para pesquisadores e ativistas, promovendo a reflexão e o debate para uma apreciação final dos argumentos desenvolvidos no primeiro e no segundo movimento da tese. Como ponto de partida, a explicação dos argumentos seguiu o percurso argumentativo da tese, apresentando os argumentos que emergiram do primeiro movimento (seções 3 e 4) e as evidências e os avanços argumentativos do segundo movimento sobre a ênfase na diplomacia e humor (seções 5 e 6)

Nas próximas subseções, seguimos pelas etapas propostas por Severino (1993). Em 7.1 apresentamos a etapa de preparação dos seminários, envolvendo a descrição do processo de recrutamento dos participantes e sua caracterização. Em 7.2 apresentamos o desenvolvimento dos seminários, explicitando como foi realizado, o tempo de realização e os recursos visuais utilizados. Por fim, em 7.3. apresentamos a apreciação final, na forma de um relato sobre o que transcorreu durante a realização do seminário. Para esta subseção, adotamos como método de análise de discurso de Orlandi (2019). Na forma de relato narrativo com citações — quanto relevantes a contextualização e entendimento do debate ocorrido nos seminários — a construção do *corpus* de análise está ligada ao que faz parte do *corpus*, isto é, a sua constituição discursiva não visa demonstração e evidência do conteúdo em si, mas mostrar como argumentações sobre as estratégias ativistas no design, enquanto discurso, produzem efeitos de sentido em um coletivo de ativistas.

### **7.1. Preparação**

Para o recrutamento dos participantes do seminário, estabelecemos como recorte territorial todo o território nacional brasileiro, como recorte temporal o período entre novembro e dezembro de 2022 e, como perfis, autores brasileiros com produção

sobre os temas Design e ativismo e indivíduos ou grupos sem fins lucrativos que utilizam o #designativista.

Optamos pelo recorte territorial abranger apenas o Brasil para lidar com três pontos identificados ao longo da tese. O primeiro ponto refere-se à nossa crítica quanto ao número restrito de pesquisas produzidas no nosso País sobre Design Ativista (seção 3.2.1). O segundo ponto refere-se a nossa própria perspectiva teórico-metodológica empírico indutiva, potencialidade em autores da filosofia das ciências e do ativismo. Da filosofia da ciência, Haraway (1998) e Latour (2005) advogam sobre a importância de a produção de conhecimento ser situada, ocorrendo cabendo a nós pesquisadores sensibilidade para reconhecer temáticas que merecem atenção e estudá-las. Do ativismo, Atkinson (2017) propõe que a temática do ativismo demanda do pesquisador lidar com temas emergentes e situados, cabendo a leitura sensível das práticas corriqueiras dos ativistas e seus embates no dia a dia. Neste sentido, não nos interessa entender como acontece o ativismo na Europa ou nos Estados Unidos, por exemplo, pois a nossa produção de conhecimento nesta tese está interessada em tratar da realidade do povo brasileiro. Por fim, o terceiro ponto que justifica o recorte territorial do recrutamento lida com a facilidade da mediação tecnológica. Foi possível adotar com critério de seleção de participantes, indivíduos de todo o território nacional relacionados à temática específica — o elo de conexão é com a temática em si, diretamente relacionada ao dia a dia dos brasileiros, ao invés de região, por exemplo.

Com relação ao recorte temporal, o período imediatamente após o segundo turno da eleição presidencial justifica-se pela adequação tanto à perspectiva teórico-metodológica destacada no parágrafo anterior quanto à pujança de produções de fundo ativistas cercados dentro deste tema. Entre novembro de dezembro de 2022 viveu-se um momento sócio-histórico emblemático, em um fenômeno de polarização de posicionamento extrema estudado por pesquisadores como De Lima (2020) e Machado e Miskolci (2019). Este fenômeno de polarização tem, sistematicamente, levado ao apagamento das nuances entre os espectros políticos e reduzido a capacidade de diálogo nos meios digitais desde 2012<sup>36</sup>. Neste sentido, o apagamento

---

<sup>36</sup> Em 2012, a web 2.0 se consolidou. Neste período, o compartilhamento e a marcação em postagens (promovidos pelos avanços nas dinâmicas de programação das plataformas), concomitantemente com a sofisticação de funcionamento algorítmica (voltados à formação de grupos de indivíduos para fins comerciais), modifica significativamente o comportamento de uso dos usuários. A produção de conteúdo opinativo, até então majoritariamente para diversão, torna-se base de dados para organizações (de empresas com fins lucrativos a órgãos governamentais) direcionarem estratégias de

das nuances, a intencional polarização que, também intencionalmente, inviabiliza o diálogo torna o período fecundo para o que problematizamos desde o início desta tese acerca de um ativismo que reforça a abertura ao diálogo e a coexistência de diferenças (Mouffe, 2005) e, mais adiante, as estratégias ativistas com ênfase na diplomacia (Stengers, 2018).

É neste momento sócio-histórico brasileiro, de pujança de manifestações ativistas do “nós contra eles”, pouco afeito ao diálogo, potencializada pela comunicação nos meios digitais, que avançamos no recrutamento de dois grupos de indivíduos:

- autores brasileiros com produção científica sobre os temas Design e Ativismo, identificados ao longo da produção da tese;
- indivíduos brasileiros ou grupos sem fins lucrativos que utilizam o hashtag #designativista e que tinham, em algumas de suas postagens, alta repercussão (identificado pelo número de “curtidas”);

A composição do grupo de participantes para o seminário interessava-se na pluralidade de perspectivas sobre o tema design e ativismo. Os poucos pesquisadores brasileiros dedicados à discussão sobre design e ativismo trariam à baila o aporte teórico para a reflexão sobre os argumentos da tese, já os indivíduos que utilizam o #designativista teriam exemplos práticos de ativismo, mesmo em casos que poderiam não ter relação direta com o design em si — como, por exemplo, o uso fortuito da #designativista para fins de alcance de audiência, trazendo ao seminário uma incerteza maior — e desejável — sobre como os argumentos da tese seriam compreendidos por aqueles a quem tais estratégias de fato devem contribuir: os ativistas.

A realização do recrutamento foi realizada via e-mail e mensagens diretas no Instagram, no caso dos autores brasileiros, e via mensagens diretas no Instagram e Twitter para os indivíduos identificados pelo #designativista. O conteúdo das

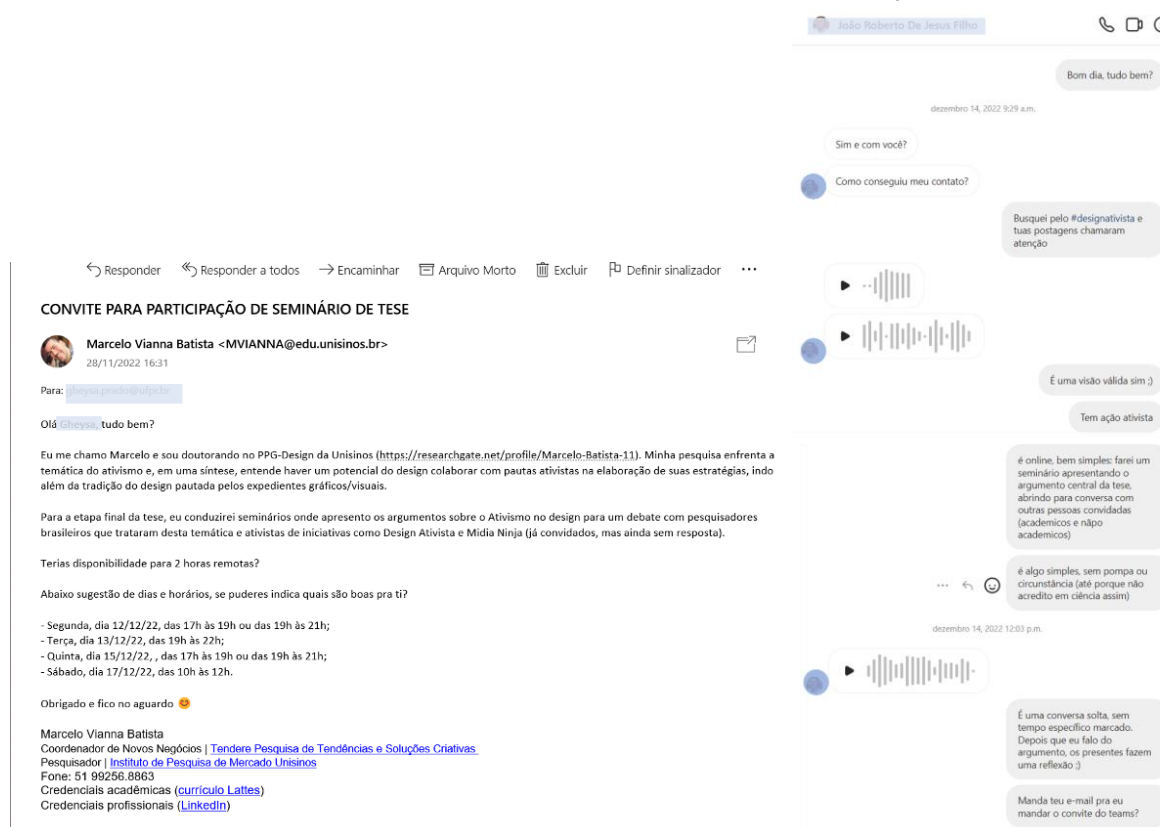
---

comunicação a uma audiência interessada em suas pautas, agrupando-os e tornando-os seus porta-vozes em uma potência jamais vista em outros fenômenos midiáticos. Organizado cronologicamente por Machado e Miskolci (2019), é a partir da consolidação da Web 2.0 que pautas ativistas explicitam a polarização e a redução de articulação de diálogo e debate, como as opiniões relativas ao Supremo Tribunal Federal igualando a uniões homossexuais ao casamento e a Comissão de Direitos Humanos do Congresso sob controle da bancada evangélica em 2013, os protestos contra e a favor à Copa do Mundo em 2014 e os Protestos por impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o surgimento do Movimento Brasil Livre e a campanha “Vem Pra Rua”, em 2015.

abordagens era sintético e o menos formal possível, contemplava uma breve apresentação do autor principal desta tese, argumentos e sugestões de horários.

Ao todo, foram realizados 27 convites via e-mail e mensagens diretas no Instagram e Twitter. O conteúdo das abordagens era sintético e informal, adotando como estrutura a) breve apresentação do autor principal desta tese, b) argumentos centrais e motivos pelos quais os indivíduos eram recrutados e c) sugestões de horários; modificando-se consoante o meio utilizado, grau de proximidade com o indivíduo e reconhecimento sobre seus perfis (figuras 25).

Figuras 25. Mensagens enviadas para pesquisadores (a) e mensagem enviada a ativistas cujos perfis descontraídos demandam outro tipo de aproximação (b)



Fonte: Acervo do autor

Entre os 27 convites realizados, 6 foram direcionados autores brasileiros com produção científica sobre os temas Design e Ativismo, 14 foram direcionados para indivíduos e 7 para grupos de indivíduos brasileiros que recorreram ao *hashtag* #designativista nos recortes territorial e temporal estabelecidos. No processo de recrutamento, com duração aproximada de 2 semanas, as tratativas com aqueles que responderam ao convite eram relativas à necessidade de esclarecimentos sobre o objetivo do seminário e questões de disponibilidade de agenda. Ao fim deste

processo, foram marcados dois seminários em respeito aos participantes confirmados. Quer dizer, ao longo do processo de recrutamento, 2 pesquisadores e 4 indivíduos confirmaram disponibilidade para uma data e 1 dos autores brasileiros e 3 indivíduos confirmaram para outra. Entretanto, nas vésperas da primeira data, apenas 2 participantes mantiveram o compromisso, levando a realização de um seminário com ambos na data estabelecida e o reagendamento dos demais para uma segunda data. Destaca-se, ao fim do processo de recrutamento, a baixa adesão de pesquisadores brasileiros evidenciada por 2 respostas apenas. Já entre os indivíduos brasileiros que utilizam a #designativista, 8 responderam ao convite, 3 declinaram e 5 aceitaram participar, sendo que no dia em que ocorreria o seminário um dos participantes não compareceu. Mediante as confirmações, todos os participantes deram aceite em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado via Google Forms.

## 7.2. Desenvolvimento

O desenvolvimento, de acordo com Severino (1993), descreve o processo de realização do seminário. Na circunscrição desta tese, foram realizados dois seminários no período de 1 semana, com distância de 2 dias entre eles. Realizado online, foi utilizado o aplicativo Microsoft Teams. O primeiro seminário contou com 1 autora brasileira com produção científica sobre os temas Design e Ativismo e 1 indivíduo brasileiro que utiliza o hashtag #designativista. O segundo seminário contou com 3 indivíduos brasileiros, seguindo os mesmos critérios expostos anteriormente. Convidamos os participantes a fazer uma breve apresentação, orientando-os amistosamente a dizer seus nomes e como atuam como ativistas, sem exigir detalhamentos demográficos ou outros protocolos rigorosos pois, de fato, isto não nos interessava. No quadro abaixo apresentamos uma visão geral deste momento.

Quadro 1 - caracterização dos participantes do seminário

SEMINÁRIO #1	SEMINÁRIO #2
Participante #1 Doutora em Design pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde atua como professora no curso de graduação de Design de Produto e no Programa de Pós-Graduação em Design (PPG-Design) como professora permanente. Atualmente realiza pós-doutorado na Chalmers	Participante #3 Bacharel em Design Gráfico, mora em Uberlândia/MG e se define como <i>'ilustrador, muralista, pintor e artista visual por paixão'</i> . É sócio em um estúdio de design fundado há 10 anos com um colega de faculdade.



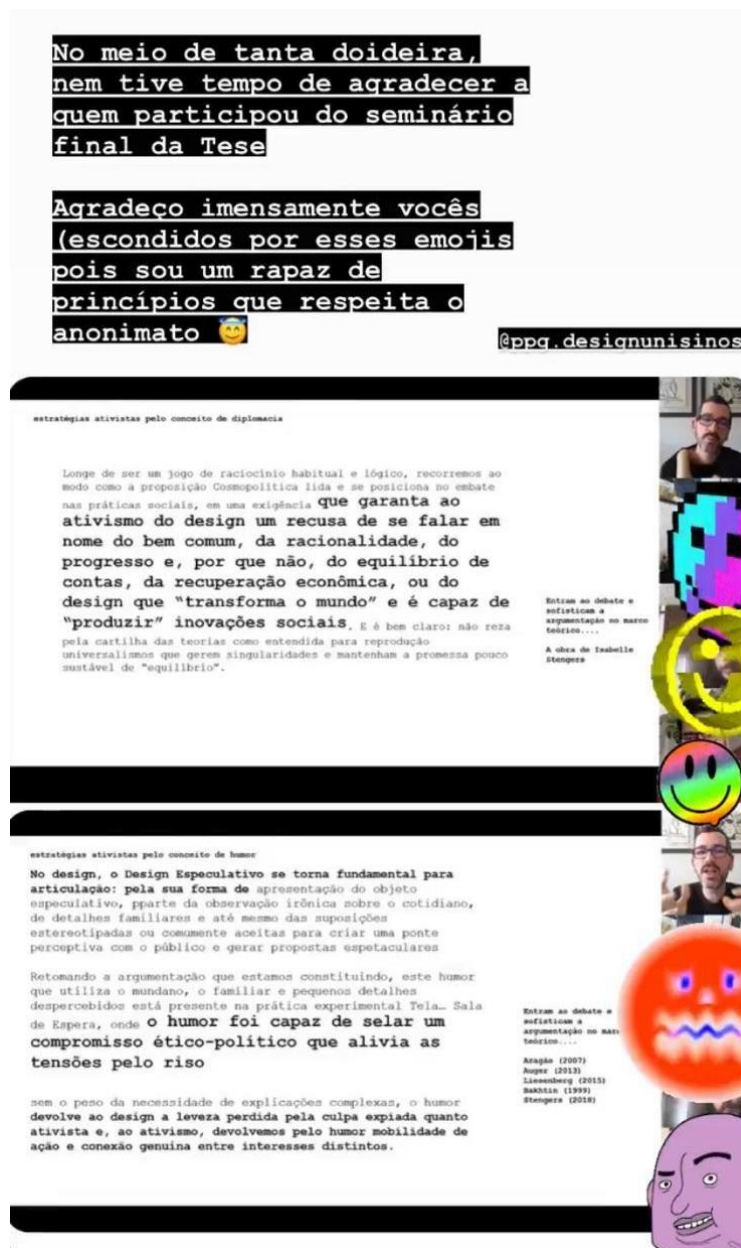
<p>University of Technology em Gotemburgo, na Suécia.</p> <p>Contemplando em seus atuais interesses de pesquisa o design ativismo, tem uma publicação no periódico Estudos em Design (A1) que realiza uma revisão de literatura sobre a terminologia do Design Ativista.</p> <p>De acordo com P#1, este é o principal trabalho realizado para a temática ativista, não realizando outras ações (inclusive, não tem o hábito de compartilhar em suas redes questões sensíveis, típicas de pautas ativistas), mas considera-se ativista e afirma que <i>'tangenciou o ativismo na minha tese, mas se pudesse voltar atrás é teria ido mais a fundo no tema e aprofundar sobre a área, carente de pesquisas e de formação teórica sobre o tema no Brasil'</i></p>	<p>De acordo com P#3, confessa que <i>'fugiu um pouco dos debates políticos e de agir como ativista'</i>, mesmo reforçando que a sua família no interior de Minas Gerais fizesse parte do Movimento dos Sem Terra (MST) e tenha vivido a realidade da desigualdade.</p> <p>Considera que começou a agir como ativista por demanda de pessoas próximas, entre eles seu sócio no estúdio, na época da pandemia, começando a produzir murais que traziam conteúdo de crítica ao descaso do governo frente à crise sanitária, culminando com outdoors divulgados pela cidade que ganharam notoriedade e trouxeram para a sua página no Instagram com aproximadamente 7 mil seguidores.</p>
<p>Participante #2</p> <p>Bacharel em matemática, atua como servidor público (técnico em serviços administrativos) há 8 anos na Prefeitura Municipal de Cubatão/SP.</p> <p>É Presidente da Unegro da Costa da Mata Atlântica, conselheiro de Igualdade Racial de Cubatão e membro da Comissão de Igualdade Racial e da Comissão da Verdade sobre a Escravidão da OAB-Santos. Entre o destaque de sua ação ativista, comenta sobre a Marcha Metropolitana da Consciência Negra na Baixada Santista, movimento que chegará à 5ª edição em 2023.</p> <p>É para atleta de basquete amador e define sua atuação ativista no meio digital como <i>'militante do movimento negro'</i>, mas <i>'costuma se posicionar sobre tudo o que incomoda, sem pensar muito'</i>. De acordo com P#2, seu agir ativista resume-se a repostar no Instagram postagens que de alguma forma <i>'fazem sentido'</i> para ele, reconhecendo que não faz parte da sua atividade produzir ativismo, mas compartilhá-lo. Atualmente conta com aproximadamente 3 mil seguidores</p>	<p>Participante #4</p> <p>Bacharel em arquitetura pela FAMOSP, tem 36 anos e atua como analista em uma instituição cultural de fundo privado do setor bancário. Reside em São Paulo/SP.</p> <p>Considera sua ação ativista como acidental. Como sempre gostou de desenhar, aponta que em abril de 2019 sentiu a necessidade abrir uma página para expor charges sobre a situação política do País, assumindo nela sua <i>'ligação partidária política com a esquerda'</i>.</p> <p>Atualmente conta com mais de 11 mil seguidores, mas ainda assim considera que <i>'nunca conseguiu exercer o ativismo em si, Por conta de dificuldades de trabalho, dificuldade de encontrar tempo e até de encontrar alguma coisa que eu pudesse contribuir'</i></p>
	<p>Participante #5</p> <p>Bacharel em Design, é diretor de arte em agência de comunicação no ABC Paulista, atuando como professor independente ministrando principalmente oficinas de <i>cartuns</i> e charges.</p>

	<p>Segundo P#5, o que o levou a agir como ativista foi <i>'a necessidade de se posicionar frente às ações do último governo'</i>, sendo <i>'esses os caminhos levaram até chegar ao ponto de precisar produzir esse tipo de comunicação'</i></p> <p>Ao contrário de P#4, apesar de apontar as semelhanças entre seus percursos ativistas e declarar-se fã e conhecedor do trabalho dele, P#5 seguiu começou a testar publicações que considera ativistas no seu Instagram pessoal, em que <i>'em algum momento senti a necessidade de ultrapassar esse limite só publicar notícia em xingar determinados políticos e tudo mais'</i>, começando a postar charges de sua autoria.</p> <p>Quando percebeu que começou a ter aderência às postagens, diz ter sentido que <i>'de certo modo, estava sendo útil'</i>. Atualmente, seu perfil no Instagram tem 14.500 seguidores, e um novo mercado de trabalho surgiu a partir de sua atuação ativista, vendendo em um portal colaborativo (<a href="https://www.colab55.com/">https://www.colab55.com/</a>) camisetas e pôsteres com estampas das artes que produz, publica e tem maior engajamento no Instagram, além de integrar o grupo Midia Ninja, atualmente com 4,5 milhões de seguidores no Instagram, 2,5 milhões no Facebook, 1,1 milhões no Twitter e 103.800 no TikTok</p>
--	---

Fonte: elaborado pelo autor

Após a breve apresentação dos participantes, o apresentador-autor da pesquisa retomou o objetivo dos seminários em abrir a um momento de reflexão de análise dos argumentos que seria apresentado oral e visualmente em aproximadamente 40 minutos, deixando 1h20 para este objetivo. Seguindo pela inspiração metodológica do método seminário exposto por Severino (1993), a apresentação desenvolvida contou, além da exposição oral, com o uso de ferramentas audiovisuais na forma de uma apresentação.

Figura 26. Postagem feita no Instagram usando *emojis* para manter os participantes no anonimato: nela, pode-se ver capturas de telas mostrando a apresentação utilizada nos dois seminários



Fonte: Acervo do autor

Seguindo com a proposta de que a condução do seminário fosse amistosa, a próprias apresentações adotou uma linguagem visual com recursos dinâmicos de texto (entradas temporizadas, tamanhos de fonte diferentes e quebras de parágrafos) e uma área de destaque, no canto inferior direito, onde os autores e as referências eram apresentados irreverentemente, com comentários sobre seu papel no argumento, quais autores estavam de desacordo com quais autores, entre outros. A amistosidade e irreverência seguiu após o seminário, com uma postagem de agradecimento no Instagram com capturas de tela dos dois seminários onde se via

os argumentos principais sobre as estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor, mantendo o anonimato dos participantes com *emojis*, conforme é mostrado na figura 26.

Cabe destacar que todos os informantes autorizam a utilização dos seus nomes e imagens, no entanto optamos por manter o anonimato para evitar uma leitura enviesada que privilegie colocações de ativistas com notoriedade.

### 7.3. Apreciação final

Seguindo no método de Severino (1993), chamamos esta subseção de apreciação final, em que optamos por adotar como forma um relato único<sup>37</sup> com citações, ampliações (como, por exemplo, imagens que ilustram algo dito pelo participante) e as articulações nossas entre tais conteúdos produzidos. Adotamos como método de análise de discurso de Orlandi (2019) por compreendê-lo como modo de articular discursivamente as evidências recolhidas nos seminários acerca da argumentação desenvolvida após o primeiro e o segundo movimento relativo às estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor, dando atenção também às questões alheias a argumentação, mas com potencial para uma reflexão sobre os objetivos que estabelecemos.

Tomamos como ponto de partida a reflexão inicial frente a argumentação sobre as estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia, pois esta foi a temática que mais repercutiu nos seminários.

Para P#3 *‘o que eu entendo de design ativista é uma coisa muito mais superficial [...] eu acho que isso (a figura do diplomata) ajudou muita a entender o que eu tento fazer [...] eu nunca olhei por esse por esses ângulos. [...] achei incrível’* (P#3). O participante destaca o argumento sobre a diplomacia como estratégia ativista, explica como faz design, em que atua *‘para tentar colocar esse pensamento crítico na cabeça das pessoas’* (P#3). Afirmando que apresentação *‘abriu a cabeça’* (P#3),

---

<sup>37</sup> Optamos por apresentar um relato único, unificando os dois seminários. Isto se justifica pela pouca produção de informações do primeiro seminário. O primeiro seminário contou com 2 participantes, restringindo as possibilidades de debates entre pares e os desdobramentos de temas. Além disso, o participante #2 precisou sair do computador após 1h e seguiu acompanhando do telefone, claramente não mais envolvido com o processo de reflexão e debate que o seminário demandava.

destaca que ao ver o argumento sobre diplomacia entendeu o que estava no *'subconsciente o tempo todo'* (P#3)

Para P#4, a reflexão que surge a partir do argumento sobre a diplomacia como estratégia ativista tomar forma nas escolhas que faz sobre os conteúdos que usará para uma publicação, afirmando que *'enquanto você estava falando do diplomata, eu pensei [...] o quanto hoje [...] eu consigo moderar o alcance'* (P#4). P#5 se contrapõe ao argumento sobre diplomacia como estratégia, afirmando que *'me entendo como idiota nessa escala aí'* (P#5). Entretendo, seguindo as colocações feitas por P#4 em relação à diplomacia ser reconhecível nas escolhas que faz sobre os conteúdos, afirma que *'eu acho que tem um pouco de diplomata quando entra nesse sentido (de moderar o alcance do que faz). Agora entendo um pouco melhor [...] o que talvez signifique, que você tem que saber ponderar também'* (P#5). P#3, a partir da fala de P#5, retoma as figuras *Stengerianas* trazidas por P#5 ao mencionar o idiota, afirmando que *"estou longe de ser um especialista e eu sou muito ruim com debate, com discussões prolongadas (referindo-se a diplomacia), então eu me ateno muito na estética e na mensagem que eu passo como profissional do design"* (P#3).

Mesmo que as figuras de Isabelle Stengers tenham dispersado o debate numa autodefinição equivocada dos participantes baseada no senso comum de idiota, diplomata e especialista, P#4 e P#5, ao considerar como componentes fundamentais para o exercício diplomático do diálogo, ponderação e a moderação, trazem uma reflexão que faz avançar nossa argumentação sobre a diplomacia como estratégia ativista. P#3 também segue por esta direção, retomando um dos argumentos sobre o exercício de escuta em uma estratégia tipicamente diplomática, ao afirmar que *'eu me vejo muito nesse lugar [...] estou aprendendo a ouvir porque a gente nunca sabe, né?'* (P#3), aludindo novamente a sua dificuldade com debates.

P#1 reforça a importância do diálogo para resolver dilema do consenso, sendo esta reflexão importante mencionar. Ao afirmar que *'eu acredito que, claro, o diálogo, né? [...] vai ser sempre o melhor caminho. A gente procurar é alinhar os pontos daqueles que nos unem e não dos que não nos separam'* (P#1), a participante referência aos argumentos propusemos relativos à adoção da experimentação para promover a abertura ao diálogo e a coexistência de diferenças, desenvolvido a partir de Mouffe (2005), Jordan (2002) e Leigh-Star e Griesemer (1997).

Sobre aprender a ouvir, P#3 reconhecendo que sua prática ativista contém *‘[...] muito essa sensibilidade, né?’* (P#4). Seguindo no assunto, afirma que esta sensibilidade o levou, pela prática, a entender que *‘talvez as coisas tenham que ter um tempo para comunicar [...] Às vezes a gente tem que moderar o nosso tom [...] a gente precisa testar e errar’* (P#4).

A abertura da discussão em direção ao testar e errar levou o debate para caminhos que relacionam os argumentos apresentados pelo proponente acerca da intensidade do ativismo que requer ações que permitam experimentar outros mundos possíveis, a partir de autores como Jordan (2012) e Tironi (2008) e, no Design aos autores Dunne e Raby (2011) e Malpass (2013). P#5 reforça que este testar e errar o leva a *compreender “[...] elementos culturais e intelectuais da pessoa com a qual a gente está lidando [...] (P#5) não sendo incomum perde ‘a mão nisso’* (P#5), referindo-se a extrapolar limites.

Ao trazer um relato sobre perda de seguidores, P#5 reconhece que *‘faz parte [...] estamos testando limites’* (P#5) ecoando, em sua reflexão, o argumento apresentado de que a estratégia ativista no design segue pelo caminho da experimentação que provoca, desloca, desestabiliza e perturba a ordem, com uma estratégia afeita ao incomum. P#5 segue em sua reflexão ao apontar que, mesmo extrapolando limites, se reconhece como diplomata ao distinguir como atua em seu perfil pessoal e no perfil do grupo de indivíduos ativistas ao qual participa *‘Muitas vezes muitas coisas, deixo de postar por conta disso também. Eu me entendo diplomata nesse sentido’* (P#5) reforçando que a habilidade em saber o que, como e onde publicar demanda um tipo de reflexão sobre os impactos que gerará e, conseqüentemente, ter informações amplas sobre o tema — e isto é um exercício diplomático. Neste sentido, P#4 afirma buscar constantemente *‘entender como e o que reverbera das suas ações’* (P#4), e que isto *‘modula a forma como comunico e escolho, inclusive os recursos’* (P#4), referindo-se ao tipo de traço que usa em uma postagem ou outra.

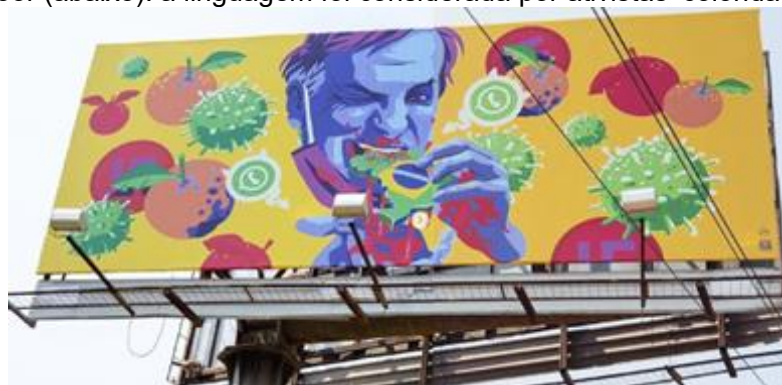
Entendemos o termo modulação, dito por P#4, refere-se à ponderação e moderação, não cabendo compreendê-la com uma modificação à parte, isto é, está contida no conceito de ponderação e moderação. Entretanto, as reflexões sobre a importância de ter informação para refletir projetivamente sobre os impactos de suas



de técnica e traço coloridos e divertidos, característica da sua linguagem, não foi bem recebido por ativistas, mesmo que a sua posição estivesse clara e alinhada com a restrição de circulação sugerida pela Organização Mundial de Saúde para o enfrentamento da COVID-19.

P#3 relata que a adoção de uma linguagem *'muito colorida, muito alto astral, assim algo que pode beirar um pouco infantil [...] para mostrar o presidente comendo o país'* (P#3) causou estranhamento tanto daqueles que se sentiam agredidos pela crítica, quanto por aqueles que concordavam com ela. Àqueles que concordavam com a mensagem, destaca P#3, reclamaram que usar uma linguagem colorida não encarava o tema com a seriedade necessária *'[...] tá colorido demais isso, isso é sério'* (P#3)

Figuras 28. Ilustração que projetou o trabalho ativista de P#3 em painel de mídia externa (acima) e outdoor (abaixo): a linguagem foi considerada por ativistas *'colorida demais'*

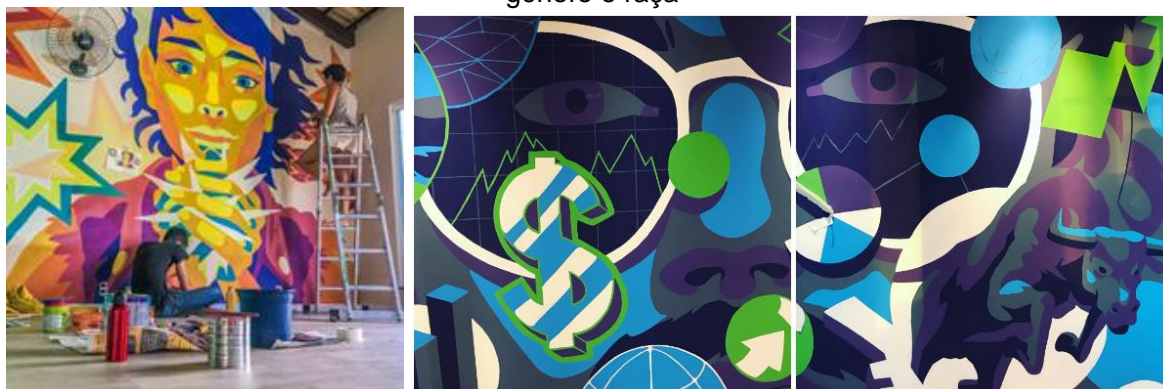




Apesar das críticas com relação ao colorido e a leveza da ilustração feita por aqueles a favor da mensagem, a ilustração publicada no Instagram de P#3 conseguiu arrecadar aproximadamente R\$ 14.000,00 em doações para fazer mídia externa, servindo com uma evidência ao nosso argumento de que o humor mais leve, menos sisudo, é estratégia ativista relevante ao design.

Observando as imagens dos painéis posteriormente, também podemos refletir sobre o deboche. Como na prática experimental “Afrodite Gorda”, a linguagem usada por P#3 no painel e nos outdoors remete a comunicação promocional, com letras garrafais e sombras duras, além da figura sinistra do ex-presidente mastigando o Brasil disfarçada por elementos e cores. De acordo com P#3, o ódio que as peças despertaram em quem discordava do seu conteúdo foi altíssimo, comentando em tom de desabafo que *‘a gente viu o quanto muitas outras pessoas ficaram incomodadas com que a gente fez assim (colorido e infantilizado, debochado). Teve outdoor queimado, teve gente subir no quebrando o negócio [...]’* (P#3), retomando nesta parte do debate algo que já havia sentido em outros momentos de sua vida: quando P#3 e seu sócio montaram o estúdio de design, adotaram sua linguagem colorida e divertida como identificação e posicionamento do negócio (figura 27) relatando que *‘quando a gente montou o nosso estúdio aqui em Uberlândia, a gente criou esse movimento, que era uma casa super colorida, uma fachada bonita e um dia a gente chegou para trabalhar e a fachada toda pichada. A gente foi alvo de vandalismo e principalmente homofobia’* (P#3)

Figura 29. A linguagem característica de P#3: o murais abaixo adotam cores incomuns para representar a pele humana e traços sem gênero definido para advogar em prol da diversidade de gênero e raça



Fonte: Acervo do autor

P#5 entra na discussão sobre o argumento de que a adoção de um humor como estratégia ativista no design pode ser leve, mas mesmo ao adotar esta linguagem é preciso que haja cuidado dos designers para que suas ações sejam responsáveis e não restritas ao puramente estético, mas ao seu papel social. Para isto, a prática experimental “Tela... Sala de Espera”, apresentada na primeira parte do seminário, relacionado este argumento afirmando que *‘apresentação na sala 3D (...) foi genial, assim, maravilhoso, maravilhoso. Eu acho que é um momento em que design ativista vira um design social. [...] precisa se preocupar com a informação para não ser displicente, ele passa a ser um design social mesmo, né?’* (P#5)

Além do segundo seminário, a leveza também havia surgido o seminário anterior nos comentários de P#2. Também, a partir da crítica a sisudez P#2 declara *‘você colocou uma coisa que foi muito importante, às vezes... a questão do ativista militante, tipo carrancudo e tal, e dá para você fazer uma coisa mais leve, tipo só aniversário de algumas pessoas’* (P#2). O exemplo de P#2 se refere ao compartilhamento de postagem comemorando as datas de aniversário de figuras importantes para a comunidade negra, seu foco de atuação.

Ao longo dos seminários, os debates sobre leveza não sofisticam de fato às estratégias ativistas com ênfase no humor, mas reforçam e qualificam nossas afirmações sobre a necessidade do humor ativista ser menos *carrancudo*. Ao escrevermos esta seção de apreciação final, semanas após a realização do seminário, o surgimento da leveza pela interpretação da ênfase no humor nos permite reconhecer argumentos nossos de que há ativismo mesmo quando o designer dispensa a pretensão de mudar o mundo e assume a intenção de um impacto reduzido e situado, construído a partir de Tironi (2018).

É nesta intenção despretensiosa, que faz o ativista não achar estar fazendo ativismo por abordar os temas com leveza (como em um relato de P#3), que outro argumento apresentado no seminário é resgatado pelos participantes: o estranhamento ao operar com significados estéticos que remetem incomum. Isto evidencia-se na seguinte fala de P#3 sobre o impacto que os murais com figuras humanas sem cores de pele padrão causa *‘é muito legal ver o quanto perturba códigos estabelecidos, né? Isso traz uma coisa diferente que chama atenção em todo mundo.*

*Consegue identificar de longe, assim, o nosso trabalho, principalmente aqui na cidade'* (P#3)

No entanto, nem sempre a leveza é uma estratégia, como P#4 destaca ao contrapor P#3: *'tem temas, tem assunto que tem que dar pancada, né? [...] Pertinho da eleição, assim, ali não tinha como ser amiguinho, tentar pegar leve assim... Era hora do humor mais pesado [...] há assuntos que você consegue tratar com leveza os assuntos que são sérios, graves'* (P#4).

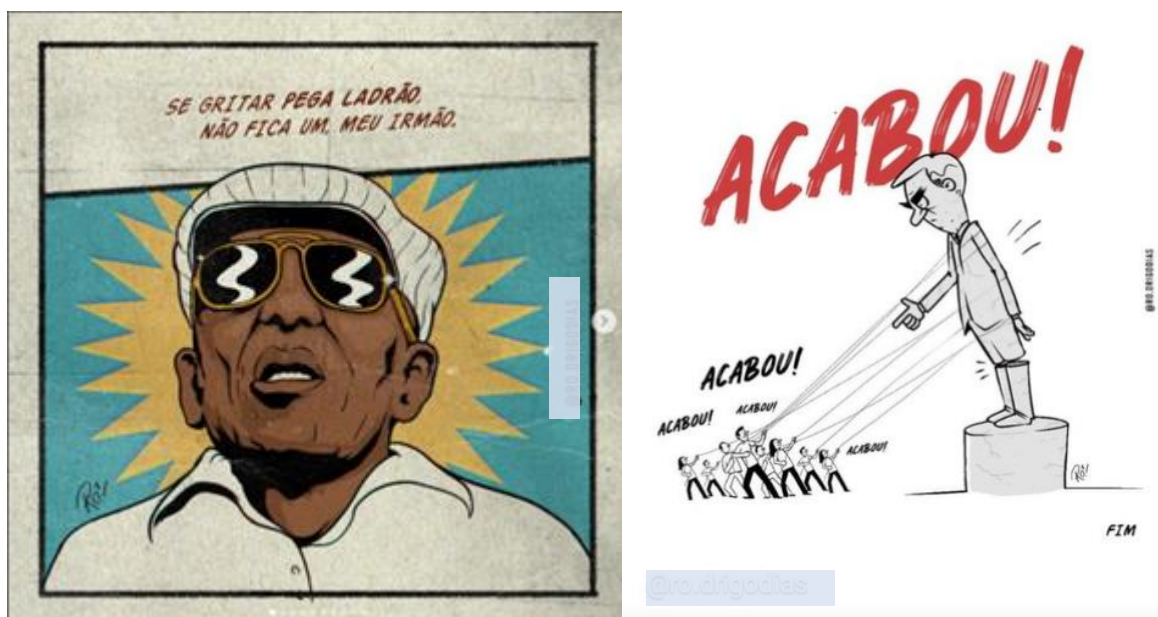
A estratégia ativista com ênfase no humor mais pesado, nas palavras de P#4, leva P#5 a ponderações importantes para atenuar a sensação de que P#3 e P#4 estariam em extremos *'[...] o discurso de humor é só um tipo de discurso. Eu acredito que ele provoca reações diferentes, talvez que dê uma abertura maior para o diálogo, como você mesmo estabeleceu e tal'* (P#5), referindo-se ao proponente e a apresentação feita no início do seminário, acrescentando *'o que acontece é que o humor [...] a gente está lá armado, vendo politicamente o circo pegando fogo e você meio que baixar a guarda quando vem alguma coisa com humor'* (P#5), afirmando achar *'[...] interessante a questão do humor como um caminho, né?'* (P#5)

Seguindo, P#5 resgata a prática experimental 'Afrodite Gorda' para ponderar sobre sua posição com relação a estratégias ativistas com ênfase no humor, refletindo sobre o quando o seu humor é carregado de agressividade para tratar de pautas ativistas: *'adorei ela (Afrodite Gorda) a gente tem que pensar a maneira como as pessoas têm o primeiro contato com esse tipo de discurso. E na medida que você trabalha com humor, vai entrando uma questão um pouco mais subjetiva. É uma questão de reflexão para sempre. Ela tem esse poder porque ela não trata diretamente de algo. Ela é passiva agressiva no discurso'* (P#5).

Ao falar sobre a passivo agressividade, P#5 traz mais uma interpretação para as estratégias ativistas com ênfase no humor. Desta vez, a leveza como uma interpretação do humor traz não é leve, mas ardiloso. Quer dizer, a estratégia ativista com ênfase no humor segue afeito ao "estrago", mas ao invés de ser agressivo e direto, é sorrateiro por não confrontar diretamente. P#5 acredita que *'[...] o discurso agressivo ele ainda tem seus valores. [...] não agressivo, mas qualquer outro, o deboche da Afrodite Gorda também tem valor, porque humor também passa um pouquinho pelo deboche ali, né'* (P#5).

Assim com P#5 aponta, há situações em que a ação ativista demanda por agressividade, mas a agressão pode ser bem humorada pelo viés passivo agressivo, adotando recursos visuais leves, como P#3 utiliza, provendo uma modificação da leitura quando tratamos da estratégia do humor no ativismo do design. Disto, P#4 avança sobre a situação determinando como agir, trazendo à tona as intenções de que projeta a ação ativista *‘Usamos a nossa agressividade para a gente alcançar um lugar das pessoas que a gente quer.... tem um destino que se quer, mesmo quando não se sabe com clareza qual é’* (P#4)

Figuras 30. Estratégias diferentes para intenções diferentes do ativismo: P#5 é reconhecido pelo seu trabalho elaborado em termos de traços e cores divulgando frases memoráveis de celebridades nacionais (à esq.), assim como a sua atuação no MidiaNinja com conteúdo mais agressivos (à dir.). Curiosidade: a imagem do povo *derrubando o mito* foi repostado por P#2, e comentada por ele no seminário em que participou.



Fonte: Acervo do autor

Por fim, cabe apreciar outras reflexões e debates ocorridos no seminário que não estão diretamente relacionados às estratégias ativistas com ênfase na diplomacia e no humor, mas que contribuem para tratar dos objetivos que estabelecemos para esta tese.

O primeiro debate está relacionado ao consenso. No primeiro seminário, P#2 se posicionou contrário a afirmação de que o ativismo no design deveria escapar do consenso e ser experimental, deixando a idealização comum e o consenso ao ativismo judiciário, rebatendo que *‘o consenso ele tem que ele tem que ter. Inclusive*

*eu acho que é importante. Sem consenso a gente vai entrar numa guerra sem fim' (P#2).*

Ponderando sobre a nossa argumentação e a posição contrária de P#2, P#1 se posiciona dizendo que *'tanto o consenso quanto a ruptura são necessários, Mas isso se dá em termos políticos regulatórios, então esta ênfase está na mão do ativismo judiciário, que quando fala de um ativismo, ela tenta aproximar desses direitos da ONU, de direitos humanos, que reverberam na nossa constituição de 1988 inclusive, voltado a criar políticas equitativas'* (P#1)

Por fim, tanto P#4 quanto P#1 e P#5 resgatam a afirmação sobre o papel político do design. P#4 afirma que *'O desenho é expressão política do para mim, é uma coisa hoje que é sempre foi muito natural e hoje eu sinto a força disso, e uma coisa que eu percebo que com um momento que a gente tá vivendo com a facilidade de você publicar isso para internet [...] eu tinha muito receio de trazer muito hate, de arrumar um problema para minha vida porque desenho como hobby, né? [...] a expectativa estava certa porque vem de tudo assim, né? Vem do ódio e ao extremo, ameaça, essas coisas, aos elogios de pessoas que acompanham o tempo inteiro, de gente que comenta de gente que manda ideia. Eu acho que quando a pessoa sente a liberdade de te mandar uma sugestão, eu acho que você encontrou um lugar ali no dentro da vida da pessoa assim, né?'* (P#4)

Já P#1 e P#5 destacam, em seus respectivos seminários, o papel político do design é relacionado ao sentido direto de política, relacionada a governança pública, também presente na declaração dos motivos que levaram P#2, P#3, P#4 e P#5 a se tornarem ativistas (períodos compreendidos entre 2019 e 2021 em que o Brasil era governado por Jair Bolsonaro). Avançando sobre o papel político do design, P#1 traz a crítica ao design que ainda atua como isento *'[...] E aí, e mesmo que eu tenha designer falando que eles não são políticos, que eles não se envolvem (com isso) Acho que bastante difícil encontrar algum designer dizendo que ele vai contra a sustentabilidade, porque tem se trabalhado essa pauta extensa e transversal, e isso é uma pauta ativista, né?'* (P#1) E continua *'tem designer que fala que a gente não tem que se meter com política, né? Que não é papel do designer se meter com política. Em tudo o que já foi feito até hoje não é em todas as formas que a gente interferiu [...]'* (P#1)

\*\*\*

A partir da reflexão e do debate dos participantes dos seminários foram coletadas evidências que confirmam ou granulam os nossos argumentos acerca das estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor apresentados nas seções 6.1 e 6.2.

Com relação à diplomacia, é necessário ter informações para refletir projetivamente sobre os impactos de suas ações pode ser considerado uma confirmação de questões que nos incomodavam desde a fundação teórica sobre o ativismo ser tático. Ao reconhecer que seu agir ativista envolve estabelecer diálogo e ser hábil em ponderar o quê sua ação causará e moderar como agem, são estratégicos e refletem continuamente sobre suas ações, os possíveis impactos e as reações causadas por elas.

Outro ponto que pode ser considerando uma sofisticação de nossos argumentos sobre estratégias ativistas com ênfase na diplomacia é o reconhecimento dos participantes que o ativismo no design é experimental, onde a diplomacia não deve ser vista apenas como um discurso de paz e conciliação, mas sim como uma forma de se manter aberto ao desconhecido, àquilo que escapa ao controle, que extrapola limites e promove retornos incertos. A diplomacia, neste sentido, deve ser vista como um instrumento de luta, de resistência, que possibilita a criação de uma situação na qual algo possa acontecer.

Reconhecemos que a diplomacia, como estratégia ativista no design, é um exercício de prolongação das dúvidas e da interrogação que não visa apenas a reflexão sobre quem somos, mas a descoberta do que de fato importa sermos na situação que demanda a ação dos ativistas. Ao adotar essa abordagem, os designers ativistas cultivam um espaço aberto para a experimentação e a criatividade, onde o embate não é mais do contra ou a favor, mas da relação necessária das diferenças em encontro. A moderação, a ponderação e a coleta de informações são componentes fundamentais desse processo, permitindo aos designers ativistas serem estratégicos ao invés de agir apenas taticamente em reação aos eventos.

No contexto da estratégia ativista no design com ênfase no humor, é comum o uso do humor leve e cotidiano, que brinca com pequenos detalhes despercebidos e

alivia as tensões pelo riso. Esse tipo de humor pode ser visto na prática experimental 'Tela... Sala de Espera' e a utilização do humor para corromper questões formais tipificadas sobre modos de agir em sala de aula, ou na Igreja do Empreendedorismo e na forma sorrateira de criticar anglicismos e a paradoxal padronização da inovação nos colocando *dentro* da crítica.

Quanto ao humor, a leveza e passivo-agressividade são estratégias que se evidenciam nos seminários. É pela reflexão dos participantes sobre como aquilo que apresentamos sobre a ênfase no humor e como tomava forma em suas práticas que sofisticação ao nosso argumento apresentado na seção 6.2.

A leveza surgiu como uma estratégia do ativismo derivativa do humor, sendo relacionada ao tipo de linguagem adotada, no entanto, o ativismo está na astúcia de optar em usar estes códigos para tratar de pautas ativistas pelas margens, evitando o confronto direto. Por outro lado, a passivo-agressividade é uma estratégia que toma outro caminho e afeita ao "*estrago*", no entanto, assim como a leveza, é sorrateira por não confrontar diretamente a pauta ativista. Em ambos, os debates nos seminários evidenciam que o humor pode ser utilizado como uma forma de enfraquecer o sistema estabelecido e abrir brechas para mudanças, já que permite que questões complexas sejam tratadas de forma mais acessível e descomplicada.

A partir das reflexões dos participantes dos seminários acerca das estratégias ativistas no design, é possível perceber uma impossibilidade salutar (e que não nos interessa) de definir o que é ênfase na diplomacia e humor. A diplomacia se mostrou como uma forma de pensar a ação ativista que prioriza o diálogo e a observação, que reconhece os limites e a necessidade de avaliar os impactos das ações e aprender com elas, mas também é espaço de experimentação justamente para ponderar e modular, reabrindo e estabelecendo outros diálogos com aqueles com quem os ativistas querem conversar. Já a estratégia da leveza, derivada do humor, está lado a lado com caráter astuto e sorrateiro, representado também passivo-agressivo.

Esta impossibilidade salutar de definição, revela outro aspecto que se evidenciou no seminário: tensão em relação ao consenso e ao papel político do design. O consenso, muitas vezes confundido com o papel que cabe ao ativismo judiciário, gerou desconforto entre os participantes, que se questionaram sobre a real

capacidade do design de fazer política em algumas situações. No entanto, a reflexão sobre as estratégias ativistas no design evidencia a possibilidade de agir de forma crítica e propositiva, considerando as incertezas e os riscos envolvidos nas ações.

É possível observar que os participantes apresentaram diferentes visões sobre o papel político do design. Enquanto alguns defendem que tanto o consenso quanto a ruptura são necessários, outros destacam a importância política do design e sua relação com a governança pública, especialmente em um contexto político conturbado como o vivido no Brasil entre 2019 e 2021.

Por fim, reflexão sobre as estratégias ativistas no design com ênfase na diplomacia e no humor revela a importância de pensar o ativismo como um campo granular e multifacetado, que exige uma postura crítica e reflexiva por parte dos designers. A diplomacia e o humor surgem como estratégias potentes para atuar nesse campo, mas é necessário estar atento aos limites, aos impactos e às tensões envolvidas nessas estratégias. Mais do que nunca, é preciso pensar o design como uma forma de intervenção no mundo, que tem em vista promover mudanças sociais positivas e sustentáveis, considerando a diversidade de perspectivas e vozes que compõem a sociedade.



## 8. ESTRATÉGIAS ATIVISTAS NO DESIGN

### POR FIM... (POR ENQUANTO)

Por mais que o senso comum trate o ativismo como “basta”, como se o seu significado fosse algo simples, ao final deste percurso de 4 anos reconhecemos um entendimento granular e multifacetado. Cabe a nós, neste contingenciamento formal, apresentar nossas argumentações finais sobre as estratégias ativistas no design reconhecidas.

Agora o leitor pode se perguntar se já não fizemos isso ao final da seção anterior, no entanto, nossa proposta aqui é retomar nosso percurso na totalidade, resumindo os pontos principais da tese e como eles se relacionam ao objetivo da pesquisa relativo a apresentar as estratégias ativistas em práticas ativistas e indicar as suas implicações em uma argumentação sobre o ativismo no design. No entanto, não espere por retomadas longas sobre cada prática experimental ou seminários, ou ainda um apanhado de autores e citações — nos ocupamos em fazer conclusões ao final de cada seção justamente para que este espaço fosse livre para uma escrita autoral.

\*\*\*

Desde o início do nosso percurso entendemos o ativismo como uma situação problemática quando obscurece controvérsias e se resume a um agir tático. Nos propusemos a adotar novas lentes para observá-lo, entendo que ativismo envolve muito mais do que ação e reação, ou uma dicotomia entre vilões e mocinhos. Se a virada do século XX o ativismo era entendido como ações de saqueadores e desordeiros, ao longo do século entendimento sobre ativismo modificou-se substancialmente, alcançando a visão contemporânea de ser um fenômeno de mobilização social em busca de mudanças para pautas que causam desconforto e insatisfação, expresso pela formação de coletivos ou grupos ativistas.

Na literatura do Design é possível identificar algumas práticas consideradas importantes para a prática ativista no design. Uma delas é o projeto participativo, que descentraliza o poder de decisão e envolve os usuários no processo de criação. Além disso, o ativismo no design deve buscar causas que equilibrem positivamente as esferas social, institucional, ambiental e econômica. Também é importante adotar práticas disruptivas e não convencionais, que promovam o pensamento crítico e a

subversão. Outra prática relevante é a revelação dos confrontos de relações de poder, visando promover o dissenso e a contestação. Além destas evidências de práticas ativistas pela literatura, o hacktivismo surgiu em nossas práticas experimentais e nos seminários como um modo contemporâneo do ativismo que estabelece a tecnologia como uma política de abertura ao marginalizado, permitindo que saiam “das sombras” e se articulem individualmente ou em formação de coletivos. No entanto, ainda são caracterizações de práticas ou modos de ação.

De fato, reconhecemos ser pelas práticas que reconhecemos as estratégias do ativismo, para além das táticas. E o que se evidencia é uma carência em discutir tal fenômeno a partir da perspectiva estratégica, sendo esse o espaço que nos ocupamos. Neste sentido, a literatura do ativismo em áreas além do design nos deu maiores subsídios para enfrentar a perspectiva estratégica. O nosso marco teórico provisório representa este esforço, estabelecendo a nossa reflexão sobre estratégias ativistas de fundo teórico que nos serviu como lentes para a observação e experimentação e o debate sobre práticas.

Pelo marco teórico, partimos do ativismo que requer mudança à caracterização das estratégias ativistas que reconhecem uma mudança iniciada às margens, e nela encontra no Design a abertura necessária para continuar experimentando e criando possibilidades de ser no mundo que respondam às mudanças que se quer no mundo. Direcionando nossa crítica às mudanças promovidas pelo ativismo possibilitam alcançar o bem comum pelo consenso, nossa posição como designers estratégicos é de que a mudança ocorre pelo interesse em fazer a diferença em algo, desatrelada da idealização de um bem comum consensual. Em complemento, afirmamos que o estabelecimento de um bem comum é excludente, mesmo que em seu processo se posicione como favorável, sensível ou aberto àquilo que está às margens. Independente da ênfase que a estratégia ativista no design assuma, nosso argumento aqui é que o ativismo no design não se preocupe em definir o que é o bem comum, mas sim prolongar as dúvidas sobre ele em práticas experimentais que sustentem a instabilidade de falar em nome de um bem comum.

Outra característica que apontamos para as estratégias ativistas é o diálogo. Situando nas intersecções entre passividade e ação, enfrentamento e contestação, reclusão e mobilização, sentimento e conhecimento, o diálogo foi nosso primeiro passo em direção à problematização do “ativismo” de forma provocante, se opondo

aos limites que circunscrevem o que é “ativismo” e como ele é interpretado em definições particulares e totalizantes. Direcionando nossa crítica ao obscurecimento de controvérsias e de táticas em prol da assertividade, conseguimos entender que o ativismo envolve, também, um processo de diálogo, que mesmo mantendo a ênfase na perturbação pela contestação do *status quo*, não se coloca em oposição cega. Neste sentido, uma das qualidades deste diálogo é entender haver diferenças incomensuráveis entre questões coletivas, em que visões de mundo precisam coexistir — mesmo quando são direcionadas a tentação de nos colocarmos no “nós contra eles”

Pelas características da promoção de mudança e do estabelecimento do diálogo no ativismo, recorreremos às práticas experimentais para alicerçar o nosso argumento sobre a ênfase na diplomacia. Afirmando que a estratégia do ativismo precisa ser menos do grito “basta” e mais “*veja bem*”, este “*veja bem*” ilustra o exercício diplomático de prolongação das dúvidas e da experimentação, bem como o cultivo das incertezas em detrimento do embate, e convida a repensar a prática do designer ativista: ao invés de reagir aos eventos, busca por informações para refletir sobre suas ações e seus possíveis impactos.

Como estratégia do ativismo, a diplomacia promove a abertura e multiplicidade de vozes, atuando contra a tentação de tomadas de posição em nome do que o é autorizado pelo interesse comum. O argumento, debatido no seminário, é compreendido como um requisito fundamental às práticas dos participantes, mesmo que até aquele momento não fosse evidente para eles. A ênfase na diplomacia como estratégia evidenciada nos seminários envolve um processo de coleta de informações, moderação e ponderação do que os ativistas fazem. Isto acrescenta a nossa argumentação nuances que não tínhamos anteriormente, fornecendo uma ampliação no que tange a diplomacia como prolongadora das dúvidas. O aspecto da ação dos ativistas sugerida, por estas evidências, aponta para uma estratégia ativista que envolve um processo de coletar informações, moderar e ponderar, mesmo que aberto à experimentação de tentar, errar ou acertar, aprender e modificar as estratégias é inerente à atuação dos designers ativistas.

Neste sentido, a ênfase na diplomacia com estratégia ativista no design é uma perspectiva inaugural da tese. Posicionamos que a estratégia ativista no design, quando enfatiza a diplomacia, é um processo de experimentação de não perde de

vista a coleta de informações, a moderação e a ponderação, mas o que lhe é peculiar é reconhecer que para promover mudanças seguirá na contestação do *status quo*, mas o fará pela abertura à multiplicidade de perspectivas procurando pelos encontros entre as diferenças.

Outra evidência apontada no marco teórico trata da intensidade como uma característica da ação ativista. No entanto, o ativismo do “nós contra eles” já foi posicionado como algo que não é coerente e tampouco nos interessa, por levar a um processo de exclusão. É preciso recorrer a outras lentes para entender que intensidade é essa.

Neste sentido, recorreremos ao Design Especulativo para tratar a qualidade de intensidade que o ativismo requer na circunspeção desta tese. O argumento refere-se a forma de apresentação do objeto especulativo a partir observação irônica sobre o cotidiano, de detalhes familiares e até mesmo das suposições estereotipadas ou comumente aceitas para criar uma ponte perceptiva com o público e gerar propostas espetaculares. Isso pode ajudar a mobilizar pessoas em torno de causas e a criar um senso de compromisso ético-político que alivia as tensões pelo riso, sem a necessidade de explicações complexas.

Por esta característica particular de intensidade no ativismo, recorreremos às práticas experimentais para alicerçar nosso argumento sobre a ênfase no humor. A abordagem do humor em si não caracteriza algo inaugural no Design Ativista, no entanto, a afetação pela ênfase na diplomacia sim. Ao invés de ser contundente, nos leva a repensar a prática do designer ativista em que não reage aos eventos, mas usa estratégias que permitem estabelecer pontes perceptivas com aquele a quem sua ação ativista se interesse em afetar. E particulariza-se ao trazer dos seminários a leveza e a passivo-agressividade, conferindo uma sofisticação aos nossos argumentos sobre humor.

A leveza está relacionada à linguagem utilizada. A estratégia, neste caso, emprega códigos ruidosos ao entendimento comum do que é um “*estrago*” feito pelos ativistas, fazendo com que essa linguagem seja astuta para tratar de pautas evitando o confronto direto. Já a passivo-agressividade segue outro caminho, afeito ao “*estrago*”, mas também não confronta diretamente a pauta ativista. Sorrateira, a passivo-agressividade presente no humor não diz claramente qual estrago lhe interessa, operando em um plano sugerido, subentendido. E justamente por operar

neste plano intencionalmente incerto e duvidoso perturba a quem a mensagem ativista atinge e desencadeia um processo de reflexão, de tentativa em entender o quê aquela mensagem quer dizer e se ela está ali para agredir ou não. Seja com leveza ou passivo-agressividade, a estratégia ativismo no design com ênfase no humor que se evidenciou nas práticas experimentais e nos seminários enfraquece o sistema estabelecido e abre brechas para mudanças, adotando estratégias afeitas ao “*estrago*” que, ao invés de confrontar diretamente, são sorradeiras e adotam recursos que correm as margens da pauta ativista. Além disso, esse uso sorradeiro do humor permite que questões complexas sejam tratadas com diplomacia, ao evitar o confronto direto, mas mantém o que há de essencial no humor no que tange ser acessível e descomplicado, rompendo com a seriedade e a rigidez que muitas vezes são associadas ao ativismo.

Quando falamos em uma estratégia ativista no design que recorra ao humor, sugerimos que o design deixe o passado no passado. Quer dizer, algo particular do ativismo no design nos surpreende: diferente das demais áreas que percorremos, o ativismo no design expia a culpa, como se pedisse “desculpas” por existir. Isto se torna mais surpreendente se considerarmos que um dos expedientes do design é justamente olhar prospectivamente para futuros. Isto não significa de forma alguma não reconhecer o quinhão do design para a insustentabilidade que vivemos hoje, o argumento aqui é outro: carregar a culpa por ser um “produtor de artefatos” quando pensa no bem comum deixa o design ativista sisudo, carrancudo, como se carregasse o peso do mundo nas costas (ou pior, sentindo-se como se ele pôde mudar o mundo).

Ainda, podemos constituir uma mudança política no design ativista pelos argumentos das ênfases na diplomacia e humor, pois entendemos que esta proposta é um modo de agir que modificaria o próprio design provocando mudanças e leva a repensar suas práticas. Para entender o design ativista precisamos entender que fazer design é uma ação política que, em primeiro, deve repensar o próprio design e suas implicações éticas. Despir-se do design que faz design e a tradição *produtizadora* liberta o design para outros modos de ação em práticas ativistas que requerem astúcia nas situações, como nas ênfases na diplomacia e no humor.

Encerramos esta tese afirmando que o agir tático do ativismo, que se embaralha com a militância e obscurece as controvérsias em prol de uma escolha de lados não nos interessa. Acolhemos o ativismo como gota d’água, o grito de “chega”,

“basta”, mas não seguimos com a desistência do diálogo, menos ainda com a ideia de um bem comum. O ativismo permanece como uma ação que visa mudanças. Porém, quando o ativismo se coloca como “basta” ou contra algo, leva a um processo de exclusão. O ativismo do “nós contra eles” não interessa, por ter pouco espaço para transformações e experimentações de outros mundos possíveis, indo de encontro a nossa posição sobre estratégias.

Embora a ênfase na diplomacia e no humor sejam estratégias que defendemos para o ativismo no design, é importante não as entender como um método único ou infalível. Consideramos que o designer ativista, neste sentido, deve perseguir a liberdade de experimentar, esquece o que é ou não de bom-tom no ato de projetar, promovendo uma reflexão pelo estranhamento, operando com os significados estéticos que remetem incomum que perturba e promove outra forma de discutir sobre pautas sociais, equilibrando astutamente o “*veja bem*” para não cair no risco “basta” que leva a um processo de exclusão e afastamento das pautas ativistas aqueles a quem elas devem mobilizar e, em última instância, sensibilizar sobre.

Cada situação exige uma abordagem específica, e é importante que os designers ativistas estejam dispostos a experimentar e adaptar suas estratégias conforme o contexto em que estão inseridos lhes levar. É no embate da situação, onde a astúcia de lidar com o que não sabe e nem se quer domar como algo objetivamente cercado como problema que encontramos possibilidade de desdobramentos alternativos, criativos e inventivos. Lidar com situações problemáticas requer elaborar estratégias contingentes e situadas (relacionadas àquela situação problemática específica, naquele momento específico) que orientam este agir para a especulação de modos e a transformação das situações enfrentadas.

\*\*\*

Supondo que tenhamos levantado dúvidas sobre não termos chamado esta seção de *Considerações Finais*, mas sim pelo sugestivo (e por que não, ativista) título de *Por fim... (por enquanto)*, o que queremos dizer, com isso?

Certamente seguimos os protocolos da escrita acadêmica, dando a esta seção o contingenciamento necessário ao que um documento escrito demanda. Entretanto, nos posicionamos que este final é contingenciado, pois acreditamos que esta

pesquisa com o devido tempo e investimento seguirá em desenvolvimento, seja como for.

Da nossa parte, em 15 de abril de 2023 o primeiro autor desta tese coordenou um painel intitulado *Ativismo, Design, e o quê a diplomacia e o humor tem a ver com isso?* no palco Arts and Crafts do RIO2C<sup>38</sup>, contando com os ativistas Tio Virso<sup>39</sup> e Paula Villar<sup>40</sup> compondo a mesa. A tese também segue como base para aulas e seminários realizados pelo primeiro autor, além da produção de artigos científicos e a participação em mais eventos da área.

Figuras 31. Imagens do painel realizado no RIO2C a partir dos argumentos centrais da tese



Fonte: Acervo do autor

Com relação a estudos futuros, as possibilidades são amplos e permitem o engajamento de graduação e pós-graduação nos seus diferentes níveis<sup>41</sup>. A exemplo, alunos de Pós-Graduação nível Mestrado poderão desenvolver um método de aplicação das estratégias ativistas com ênfase na diplomacia e do humor e alunos de

<sup>38</sup> O Rio2C é o maior evento de criatividade da América Latina que reúne grandes nomes do mercado audiovisual, da música e da inovação. Informações em <https://www.rio2c.com/>

<sup>39</sup> <https://www.instagram.com/tiovirso/>

<sup>40</sup> <https://www.instagram.com/artevillar/>

<sup>41</sup> *Spoiler* para quem nos ouviu lá no começo e seguiu pelos rodapés: não excluimos a possibilidade de um pós-doc assumindo uma dessas possibilidades futuras. ;)

graduação podem adotar o tema para seu trabalho de conclusão aplicando em práticas e recolhendo evidências que permitirão a outros mestrandos revisar o método; alunos da Graduação pode trabalhar com os argumentos sobre estratégias ativistas no design desenvolvido estudos de caso de campanhas e movimentos ativistas que evidenciam a ênfase na diplomacia e no humor; alunos de Pós-Graduação nível Doutorado podem aprofundar as implicações éticas e os limites do humor quando passivo-agressivo, incluindo o papel do designer na construção de narrativas ativistas e a relação entre a estética e a mensagem do ativismo; estudos em diferentes níveis podem se ocupar da intersecção entre design e movimentos sociais, examinando como o design pode ajudar a articular ideias, construir consciência e mobilizar pessoas quando diplomático, ou ainda explorar as oportunidades e desafios como uma forma de comunicação ativista, incluindo o papel do design em amplificar vozes marginalizadas e construir movimentos mais inclusivos pelo humor. Além disso, o estudo pode avançar de forma básica, em uma análise crítica dos argumentos em contexto de diferentes culturas, examinando como as estratégias ativistas variam segundo a localização geográfica, a história e a cultura.



## REFERÊNCIAS

“Activism.” Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/activism>. Acesso em 10 de outubro de 2021.

ALEXANDER, J. Notes towards a definition of politics. **Philosophy**, v. 89 n. 2, p. 273–300, 2014

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. 2009.

ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de. **O não-dito construído pelo viés do humor nas charges. 202p**. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado em Língua Portuguesa), UFF–Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ATKINSON, Joshua D. **Journey into social activism: Qualitative approaches**. Fordham University Press, 2017.

ATTON, Chris. **Alternative media**. Sage, 2002.

AUGER, James. Speculative design: crafting the speculation. **Digital Creativity**, v. 24, n. 1, p. 11-35, 2013.

BANET-WEISER, Sarah; MUKHERJEE, Roopali (Ed.). **Commodity activism: Cultural resistance in neoliberal times**. NYU Press, 2012.

BARROSO, L. R. Judicialização, ativismo judicial e legitimidade democrática. **Anuario iberoamericano de justicia constitucional**, n. 13, p. 17-32, 2009.

BARDZELL, J.; BARDZEL, S. What is critical about critical design? In **Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems CHI '13**. Paris, France: ACM Press, pp. 3297–306. 2013

BARDZELL, J.; BARDZELL, S.; STOLTERMAN, E. Reading critical designs: supporting reasoned interpretations of critical design. In: **Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems**. 2014. p. 1951-1960.

BATISTA, Marcelo Vianna. Perspectiva teórico-metodológica da Teoria Ator-Rede e o processo de projeto em Design: estudos preliminares sobre as aproximações entre os campos. In: **VII ESOCITE.BR/tecso, 2017, Brasília. Anais do Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade/VII ESOCITE.BR/tecso**, v. 2(gt3). p. 1-11. 2017.

BATISTA, Marcelo Vianna; MEYER, Guilherme Englert Corrêa. Which kind of participation can we expect on Participatory Design through activism strategies? **Colóquio doutoral in 16th Participatory Design Conference**, 2020.

BATISTA, Marcelo Vianna; MEYER, Guilherme Englert Corrêa. A emergência da diplomacia no ativismo a partir de uma prática experimental. In: **Design Culture Symposium 2020: cenários, speculation and strategies**. Porto Alegre: Artefato.Lab, 2020

BATISTA, M. V.; MEYER, G. E. C. Decolonialidade e o Ativismo no Design. In: **II Colóquio de Pesquisa em Design, 2021**, Cariri. DE(S)COLONIZANDO O DESIGN, 2021. v. 2. p. 742-748.

BELLACASA, M. P. **Matters of care: Speculative ethics in more than human worlds**. U of Minnesota Press, 2017.

BINDER, T. *et. al.* **Design things**. MIT press, 2011.

BJÖRGVINSSON, E.; EHN, P.; HILLGREN, P. Agonistic participatory design: working with marginalised social movements. **CoDesign**, v. 8, n. 2-3, p. 127-144, 2012.

BLUMER, Herbert. **The nature of race prejudice**. Sociology Club in collaboration with the Department of Sociology, University of Hawaii, 1939.

BUCHANAN, James M. The status of the status quo. **Constitutional Political Economy**, v. 15, n. 2, p. 133-144, 2004.

BUCHANAN, Richard. Worlds in the making: design, management, and the reform of organizational culture. **She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation**, v. 1, n. 1, p. 5-21, 2015.

CALLON, M. Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen. IN LAW, J. (Ed.) **Power, Action and Belief: A New Sociology of Knowledge**. **Sociological Review Monograph**, n. 32, p 196-233. 1986.

CLARKE, A. J. "Actions Speak Louder" Victor Papanek and the Legacy of Design Activism. **Design and Culture**, v. 5, n. 2, p. 151-168, 2013.

CONDE, M. Activism mobilising science. **Ecological economics**, v. 105, p. 67-77, 2014.

DE LIMA, Fábio Barbosa. Entre bolhas e grietas: a polarização político-ideológica nas redes sociais. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 67, p. 63-81, 2020.

D'IGNAZIO, C.; KLEIN, L. F. Feminist data visualization. In: **Workshop on Visualization for the Digital Humanities (VIS4DH)**, Baltimore. IEEE. 2016.

DANDEVATE, U. Design Activism. **Medium SonicRIM**, 2019. Disponível em < em <https://medium.com/sonicrim-stories-from-the-edge/design-activism-496db463e5ee>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1991.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 1980

DISALVO, C. Design, Democracy and Agonistic Pluralism. In **Proceedings of the Design Research Society Conference 2010**. Montreal

DORST, Kees. The problem of Design problems. In: **Design Thinking Research Symposium**. Sydney: Sydney University of Technology, 2003.

DUNNE, A.; RABY, F. **Speculative everything: design, fiction, and social dreaming**. MIT press, 2013.

EHN, Pelle. Participation in design things. In: **Participatory Design Conference (PDC), Bloomington, Indiana, USA (2008)**. ACM Digital Library, 2008. p. 92-101.

EXAME (revista online). Capes Anuncia Corte de Mais 5.613 Bolsas de Mestrado E Doutorado." EXAME, 2 de Setembro de 2019. Disponível em <<https://exame.com/brasil/capes-anuncia-corte-de-mais-5-613-bolsas-de-mestrado-e-doutorado/>> Acesso em: 26 jan 2023.

FAUSTO NETO, A. Epistemologias nos processos formativos de jornalistas no contexto da sociedade em midiatização. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 3, n. 5, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/10651>. Acesso em: 7 out. 2021.

FASSI, D.; MERONI, A.; SIMEONE, G. Design for Social Innovation as a form of Design Activism: An action format. In: **Social Frontiers: The next edge of social innovation research conference proceedings**. 2013. p. 14-15.

FINDELI, Alain. Rethinking design education for the 21st century: Theoretical, methodological, and ethical discussion. **Design Issues**, v. 17, n. 1, p. 5-17, 2001.

FRY, T. Contra uma teoria essencialista de necessidade: algumas considerações para a teoria do design. **Revista Design em Foco**, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2005.

FRY, T. Redirective practice: an elaboration. **Design philosophy papers**, v. 5, n. 1, p. 5-20, 2007.

FRY, T. Design futuring. **University of New South Wales Press**, Sydney, p. 71-77, 2009.

FRY, T. Design for/by "The Global South". **Design Philosophy Papers**, v. 15, n. 1, p. 3-37, 2017.

FUAD-LUKE, A. **Design activism: beautiful strangeness for a sustainable world**. CSIRO. 2009

GANESH, Shiv; ZOLLER, Heather M. Dialogue, activism, and democratic social change. **Communication Theory**, v. 22, n. 1, p. 66-91, 2012.

HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. Oxford University Press, USA, 2007.

HARAWAY, D. Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

Hill, Dan. **Dark Matter and Trojan Horses. A Strategic Design Vocabulary**. Strelka Press, 2012.

HILLGREN, P. Participatory design for social and public innovation: Living Labs as spaces for agonistic experiments and friendly hacking. Public and collaborative: **Exploring the intersection of design, social innovation and public policy**, p. 75-88, 2013.

JONES, J. C. **Design Methods, 2nd Edition**, John Wiley and Sons Ltd., Chichester, 1992.

JORDAN, T. **Activism! Direct action, hacktivism and the future of society**. Reaktion books, 2002.

JULIER, G. From design culture to design activism. **Design and Culture**, v. 5, n. 2, p. 215-236, 2013.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: An introduction to its methodology**. Sage, 2012.

LANE ENO, H. **Activism: an essay in philosophy**. Princeton University Press, 1920.

LENSKJOLD, T. U.; OLANDER, S.; HALSE, J. Minor design activism: prompting change from within. **Design Issues**, v. 31, n. 4, p. 67-78, 2015.

LATOUR, B. **Science in action: How to follow scientists and engineers through society**. Harvard university press, 1987.

LATOUR, B. **Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory**. Oxford university press, 2005.

LATOUR, B. What is the style of matters of concern. Two lectures in empirical philosophy. **Department of Philosophy of the University of Amsterdam**, Amsterdam: Van Gorcum, 2008.

LATOUR, Bruno. A cautious Prometheus? A few steps toward a philosophy of design (with special attention to Peter Sloterdijk). In: **Proceedings of the 2008 annual international conference of the design history society**. 2008. p. 2-10.

KORVENMAA, P. From policies to politics: Finnish design on the ideological battlefield in the 1960s and 1970s. *Scandinavian Design*. **Alternative Histories**, p. 222-235, 2012.

LAW, J. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.

LAW, J. Actor network theory and material semiotics. **The new Blackwell companion to social theory**, v. 3, p. 141-158, 2009

LEES-MAFFEI, G. Reflections on Design Activism and Social Change: Design History Society Annual Conference, September 7-10, 2011, Barcelona. **Design Issues**, v. 28, n. 2, p. 90-92, 2012.

LEIGH-STAR, Susan; GRIESEMER, Institutional ecology, translations and boundary objects: Amateurs and professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39. **Social studies of science**, v. 19, n. 3, p. 387-420, 1989.

LIESENBERG, Susan. Humor e ativismo político: práticas de cidadania e consumo pós-periférico na comunicação.in **Anais 5º Encontro de GTs - Comunicon**, 2015

MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, n. 18, p. 248-285, 2007.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, p. 945-970, 2019.

MANZINI, Ezio; CULLARS, John. Prometheus of the Everyday: The Ecology of the Artificial and the Designer's Responsibility. **Design Issues**, v. 9, n. 1, p. 5-20, 1992.

MANZINI, E. Design culture and dialogic design. **Design Issues**, v. 32, n. 1, p. 52-59, 2016.

MALPASS, M. Between wit and reason: Defining associative, speculative, and critical design in practice. **Design and Culture**, v. 5, n. 3, p. 333-356, 2013.

MARKUSSEN, Thomas. The disruptive aesthetics of design activism: enacting design between art and politics. **Design Issues**, v. 29, n. 1, p. 38-50, 2013.

MAURI, F. Progettare progettando strategia. Milano: Masson S.p.A, 1996

MATA, M. C. De la cultura massiva a la cultura mediática. In: **Diálogos de la Comunicación**. Lima, n. 50, 1999

MESQUITA, A. L. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. 2008. Tese de Doutorado.

MEYER, Guilherme Englert Corrêa. Strategic Design, Cosmopolitics and Obscure Situations. **Strategic Design Research Journal**, v. 12, n. 3, p. 417-432, 2019.

MEYER, G. E. C. ; LORENZ, B.; GLOEDEN, D. B.; MACCAGNAN, A. M. C.; BATISTA, M. V.; LESNOVSKI, M. M.; FIGUEIREDO, N. D.. Relatos de práticas e a formação de um coletivo de experimentação em design estratégico. In: **Design Culture Symposium 2020: cenários, speculation and strategies**. Porto Alegre: Artefato.Lab, 2020. p. 27-38.

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Portaria MCTIC nº 1.122, de 19.03.2020. Disponível em <[https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria\\_MCTIC\\_n\\_1122\\_de\\_19032020.html](https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria_MCTIC_n_1122_de_19032020.html)>. Acesso em: 28 jan. 2023.

MOUFFE, Chantal. **The democratic paradox**. verso, 2000.

MOUFFE, C. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia e Política**, n. 25, p. 11-23, 2005.

NELSON, Harold G.; STOLTERMAN, Erik. **The design way: Intentional change in an unpredictable world**. MIT Press, 2014.

ORLANDI, Eni P. A análise de discurso é possível? **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 138-156, 2019.

PAPANEK, V. **Design for the real world**. London: Thames and Hudson, 1972.

PARISI, Luciana. Speculation: A method for the unattainable. In: LURY, Celia; WAKEFORD, Nina (Ed.). **Inventive methods: The happening of the social**. Routledge, 2012.

RAVETZ, I. R. What is post-normal science. **Futures-the Journal of Forecasting Planning and Policy**, v. 31, n. 7, p. 647-654, 1999.

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo; FONTES, Flávio Fernandes; YASUI, Silvio. Para (re) colocar um problema: a militância em questão. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 565-592, 2018.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para elaboração de um seminário. **Metodologia do trabalho científico**. 19. ed. São Paulo: Cortês, 1993. cap. 4, p. 59-66.

SIMEONE, L. Characterizing Strategic Design Processes in Relation to Definitions of Strategy from Military, Business and Management Studies. **The Design Journal**, p. 1-20, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo, 2000.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 69, p. 442. 2018

STENGERS, I. **Another science is possible: A manifesto for slow science**. John Wiley & Sons, 2018.

STORNI, C. Notes on ANT for designers: ontological, methodological, and epistemological turn in collaborative design. **CoDesign**, v. 11, n. 3-4, p. 166-178, 2015.

SUCHMAN, **Lucy**. **Human-machine reconfigurations: Plans and situated actions**. Cambridge University Press, 2007.

TIRONI, M. Hypo-interventions: Intimate activism in toxic environments. **Social Studies of Science**, v. 48, n. 3, p. 438-455, 2018.

THORPE, A. Defining design as activism. **Journal of Architectural Education**, p. 1-16, 2011

WILLIS, Anne-Marie. Ontological designing. **Design philosophy papers**, v. 4, n. 2, p. 69-92, 2006.

## APÊNDICE A

Listagem dos materiais/ofícios produzidos nesta tese com seus respectivos links de acesso.

- DOCUMENTO ZIP com conversas e arquivos de mídia do grupo de whatsapp 'Avisos VOZES PELA CIÊNCIA': [https://drive.google.com/file/d/1KwMH-ElkcQtaZZiWrLt4uGmqvR4exWcy/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1KwMH-ElkcQtaZZiWrLt4uGmqvR4exWcy/view?usp=share_link)
- DOCUMENTO ZIP conversas e arquivos de mídia do grupo de whatsapp 'PPGS - VOZES PELA CIÊNCIA': [https://drive.google.com/file/d/1juFGnF3pJE8lPKjlaV0uNES0pRabPr8s/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1juFGnF3pJE8lPKjlaV0uNES0pRabPr8s/view?usp=share_link)
- DOCUMENTO EXCEL com a análise dos comentários na postagem da Afrodite Gorda: Documento [https://asavbrm-my.sharepoint.com/:x:/r/personal/mvianna\\_edu\\_unisinos\\_br/Documents/MVIANNA\\_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/CODIGOS\\_CRIADOS\\_03\\_01.xlsx?d=w74dbc7311a8d45f9a4329e49df934c25&csf=1&web=1&e=m4bmui](https://asavbrm-my.sharepoint.com/:x:/r/personal/mvianna_edu_unisinos_br/Documents/MVIANNA_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/CODIGOS_CRIADOS_03_01.xlsx?d=w74dbc7311a8d45f9a4329e49df934c25&csf=1&web=1&e=m4bmui)
- DOCUMENTO EXCEL com as respostas do "Tudo bem por aí?": [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FIU59hbpVlbZT-NTN0WO\\_kTWE3wh6YGHp0ncDeGtBic/edit?usp=share\\_link](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1FIU59hbpVlbZT-NTN0WO_kTWE3wh6YGHp0ncDeGtBic/edit?usp=share_link)
- GOOGLE SLIDES com a apresentação dinâmica desenvolvida no experimento "Tela... Sala de Espera": <https://docs.google.com/presentation/d/1tdABUhwP9fWDk-XagCyYlocb0i2240ZX4KqCW-9csc0/edit?usp=sharing>
- GOOGLE FORMS com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado aos participantes do Seminário: <https://forms.gle/kDLCxexCrGre5BD18>
- DOCUMENTO WORD com a transcrição do Primeiro Seminário realizado com autores brasileiros com produção científica sobre os temas Design e Ativismo, indivíduos brasileiros que utilizam o hashtag #designativista: [https://asavbrm-my.sharepoint.com/:w:/r/personal/mvianna\\_edu\\_unisinos\\_br/Documents/MVIANNA\\_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/Transcript\\_bf289ece-1307-4818-ad99-e5c8b0e32f22.docx?d=w1825decb234d47fa8b4f6cca497ff7ec&csf=1&web=1&e=qfjsID](https://asavbrm-my.sharepoint.com/:w:/r/personal/mvianna_edu_unisinos_br/Documents/MVIANNA_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/Transcript_bf289ece-1307-4818-ad99-e5c8b0e32f22.docx?d=w1825decb234d47fa8b4f6cca497ff7ec&csf=1&web=1&e=qfjsID)
- DOCUMENTO WORD com a transcrição do Segundo Seminário realizado com autores brasileiros com produção científica sobre os temas Design e Ativismo, indivíduos brasileiros que utilizam o hashtag #designativista: [https://asavbrm-my.sharepoint.com/:w:/r/personal/mvianna\\_edu\\_unisinos\\_br/Documents/MVIANNA\\_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/Transcript\\_bf289ece-1307-4818-ad99-e5c8b0e32f22.docx?d=w1825decb234d47fa8b4f6cca497ff7ec&csf=1&web=1&e=qfjsID](https://asavbrm-my.sharepoint.com/:w:/r/personal/mvianna_edu_unisinos_br/Documents/MVIANNA_DOUTORADO/FINAL/seminario%20e%20consideracoes/Transcript_bf289ece-1307-4818-ad99-e5c8b0e32f22.docx?d=w1825decb234d47fa8b4f6cca497ff7ec&csf=1&web=1&e=qfjsID)